REVISTA DA SEMANA

N. 48 27-11-54 Cr$ 5,00 em todo





O TRATADO DE CONSULTA BRASIL-PORTUGAL



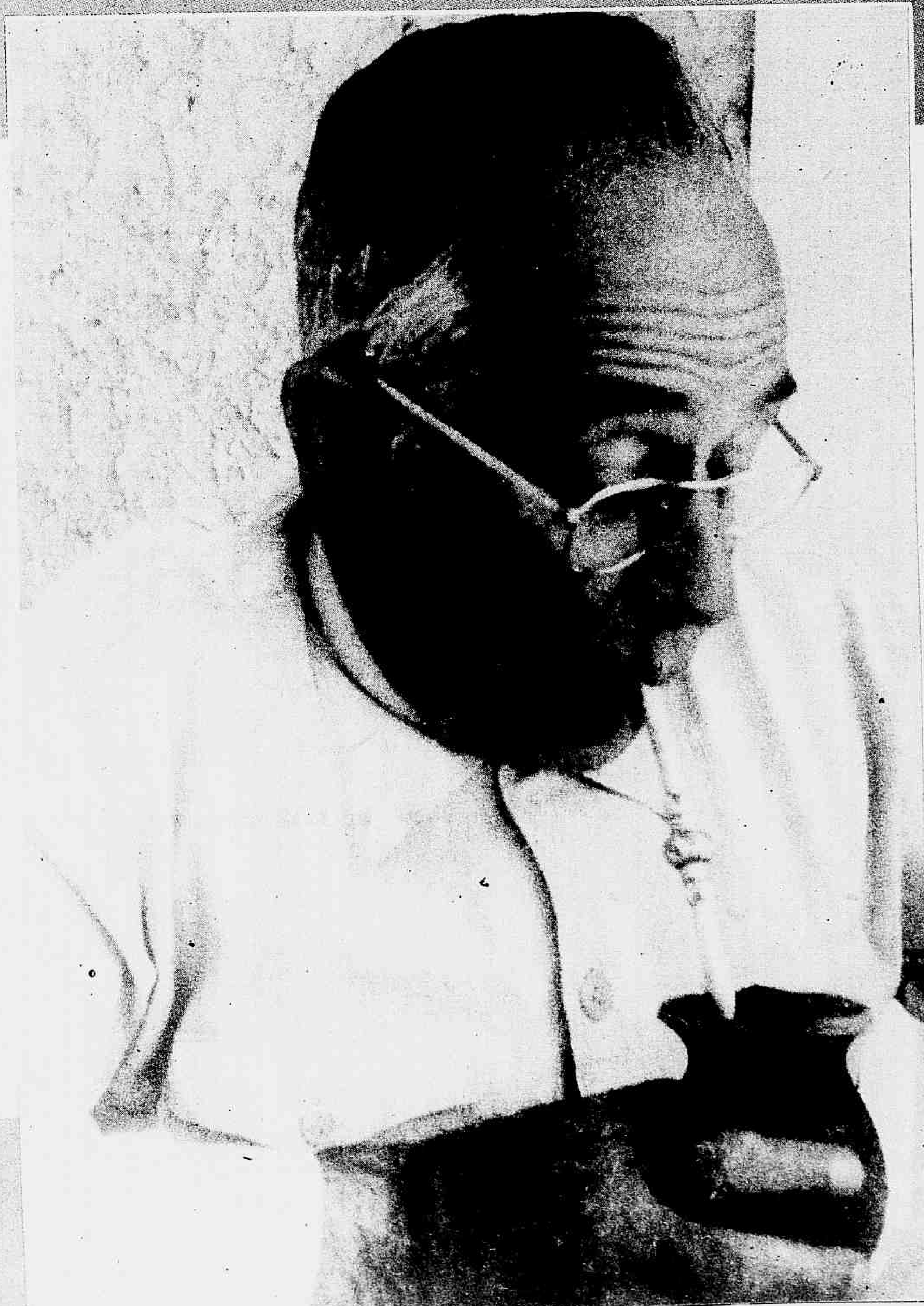

Os Sabonetes

• MADERAS
• MAJA
• SUSPIRO

de MYRURGIA

Palavras de Getúlio em 1950: (só agora divulgadas)

"TODOS OS MEUS AMIGOS MORRERAM - PRECISO ARRANJAR OUTROS"



RECÉM-ELEITO, AINDA NA ESTÂNCIA DE LUZARDO EM URUGUAIANA, VARGAS PROMETIA LIBERDADE DE IMPRENSA E DEMOCRACIA ATÉ AO FIM ★ «VAMOS VER O RESULTADO DE TUDO ISSO» ★ ONDE O REPÓRTER FOI O ENTREVISTADO E QUASE NÃO ENTREVISTOU ★ EPISÓDIO HISTÓRICO PARA A DOCUMENTAÇÃO DE UMA ÉPOCA E DE UM HOMEM QUE DENTRO DELA CONHECEU OS EXTREMOS DA SUA VIDA PÚBLICA

Texto de
CELESTINO SILVEIRA

● Conhecido o resultado das eleições presidenciais em fins de 1950, quis a REVISTA DA SEMANA ouvir Getúlio Vargas, então hóspede de Batista Luzardo na Estância São Pedro, em Uruguaiana, tarefa da qual me desincumbi. Essa reportagem era publicada logo após, em dois números seguidos, mas alguns pormenores ficaram até hoje inéditos nos meus apontamentos, já que sua divulgação, àquela época, não teria o menor interêsse: em verdade, muito menos falara o entrevistado, que o entrevistador. Usando de um «truc» muito proverbial, o então presidente eleito limitava-se, frente a um repórter, a perguntar mais do que a responder, e, porque nos encontrávamos em ambiente despido de protocolo, onde se conversava quase de igual para igual, muito do que então foi dito ao sr. Getúlio Vargas por êste repórter, deveria assumir características de certa previsão. Não era preciso ser Cassandra para profetizar o que poderia suceder (e sucedeu) ao companheiro de chapa do sr. João Café Filho. Claro que nem o mais profundo conhecedor do «metier» estaria em condições de adivinhar o desfecho trágico de 24 de agôsto, quando o que a maioria receava, era o golpe de Getúlio, uma vez de volta ao Catete. Pois se houve golpe, com o tiro no coração — foi de natureza absolutamente imprevista para os seus mais acirrados adversários.

O homem que — pensavam — se perpetuaria no poder, dêle saiu, por vontade própria, com dezessete meses de antecipação.

●

De caso pensado deixei passar três meses da morte de Getúlio para divulgar êste complemento de reportagem. Sempre acreditei que estas revelações seriam publicadas muito mais tarde, talvez em livro, ao lado de outras que tenho coordenado de tanta gente de quem a profissão me aproxima, por êsse mundo adiante. Nem tudo o que se observa e escuta, pode em alguns casos ser imediatamente publicado, sob o risco de um desmentido formal a todo o trabalho realizado. E todos nós, repórteres, guardamos pequenos acréscimos que no momento podem não interessar ao leitor, para mais tarde constituírem material subsidiário, muitas vêzes histórico-biográfico, de importância máxima. Está nesse caso o relato que agora se vai ler e que não seria levado a sério, publicado quando fui ouvir Getúlio em Uruguaiana. Quase cem dias transcorridos do suicídio presidencial, relativamente calmos os ânimos e transcorrida uma campanha eleitoral, êle pode ter do leitor a receptividade merecida. Foi um repórter apolítico o que entrevistou Getúlio e é ainda êle, sem qualquer mudança na sua personalidade, quem agora presta à Nação êste depoimento espontâneo e absolutamente exato. Pode ser que algum dia contribua para o estudo de uma época e de seus homens.

— Você que na sua condição de jornalista lida com tanta gente e está em contacto com o povo — como encara o meu novo govêrno?

Essa pergunta me foi jogada, à queima-roupa, naquela manhã quente de dezembro, por Getúlio, depois do primeiro «amargo» no Castelinho onde dormia, a poucos passos da casa-grande da Estância. Presentes, Rivadávia de Souza, que ali representava o «Correio do Povo», Jauri Medeiros do «Diário de Notícias» de Pôrto Alegre, e outras pessoas cujos nomes não anotei. Parece que também um correspondente do «Diário de Notícias» de Pôrto Alegre.

— Quem sou eu para responder, presidente!

Getúlio, em trajes gaúchos, acendia o primeiro charuto daquele dia e mostrava-se bem disposto. Vencíamos, agora, o pequeno trajeto do Castelinho à casa-grande e, próximo da varanda, paramos. Ali mesmo, de pé, a conversa foi adiante:

— Pois é você quem me vai dizer como está sendo esperada lá no Rio a minha volta.

E de cabeça erguida, o olhar perdido nas nuvens, ao aspirar a primeira baforada:

— Você não é repórter? Reporte-me, então, o que se diz e o que se pensa a meu respeito. Preciso saber como estou sendo esperado...

De entrada, senti-me desconcertado; mas, refeito, aventurei:

— O senhor quer mesmo uma opinião sincera, «na exata», ou...

Êle, de mãos cruzadas nas costas, o charuto nos lábios e a barriga empinada:

— Não, nada de confetes. Quero saber o que você pensa e o que pensam os outros. Mas com sinceridade!

— Nesse caso...

E comecei:

— Sente-se que o seu novo govêrno não será de meio-têrmo: há de ser, por fôrça, definido e julgado pela Posteridade em têrmos decisivos e inapeláveis. No mapa dos presidentes que o Brasil já teve, seu nome, nesta volta ao Catete, será marcado por uma pedra branca e luminosa ou por outra negra e indesejável.

— Você quer dizer uma pedra negra... nefasta?

— Não chegarei a tanto, mas...

— Estou gostando, adiante! (E distraiu-se com o charuto.)

— A verdade é que tudo depende do senhor, de mais ninguém.

— Tem certeza que é mesmo de mim?

— Parece.

— Nesse caso acredite que pretendo justificar a pedra branca e luminosa. E depois?

— Depois... é que sua volta ao govêrno deve representar um benefício para o povo, cansado de sofrer mas nunca desiludido e sem esperanças. A prova é que o elegeu. Afinal, o senhor não é mais uma criança...

Êle riu com vontade:

— Pode chamar-me de velho...

— Nem está na idade de ambicionar novos triunfos, que já os conheceu a todos, na política. Sabe o que é ocupar o Catete em conseqüência de um movimento revolucionário e, lá dentro, manter-se por espaço de tempo além do que já o fizera qualquer outro Chefe de Estado. Nesses quinze anos, pôde conhecer por dentro e por fora quase todos os homens públicos do país. O verso e o anverso da medalha não lhe escondem segredos. A bajulação, os rapapés em todos os seus aspectos, e o conseqüente esquecimento na hora amarga — tudo é de seu conhecimento pleno e raso. Até no cenário internacional, uma hora houve em que seu nome se ombreou com o dos maiores vultos: Durante a guerra, era êle citado — no Brasil, pelo menos — ao lado dos de Roosevelt, Churchill e Stalin. Os momentos adversos — a deposição de 29 de outubro, por exemplo — serviram para lhe cristalizar a experiência na sua vida pública. E afinal, o que vemos agora? Um povo que poderia estar saciado com as suas oscilações políticas, vir buscá-lo na derrota para o levar de novo ao cargo mais alto da nação, e, pela primeira vez, pelos caminhos legais. Povo que bem merece uma compensação para êsse gesto.

— E daí?

— Daí, é que não tendo muito mais o que esperar na sua carreira de homem público, é justo admitir que se devote, nos cinco anos próximos, ao bem estar do Brasil e da sua gente.

Fêz-se um silêncio desagradável. Foi Getúlio quem o quebrou:

— Na sua opinião, o que deveria fazer para compensar o povo que me acaba de eleger?

— Ninguém melhor que o senhor poderá saber. Ouso dizer, entretanto, que a primeira medida consistiria em afastar do govêrno os homens que bem conhece e que ajudaram a arruiná-lo até à sua queda.

Êle, malicioso:

— Por exemplo...

— Não citarei nomes que estão sobejamente conhecidos e são os de seus falsos amigos. Os



NA ESTÂNCIA ERA ASSIM — Depois das refeições, Getúlio e Luzardo palmilhavam a varanda, nos dois sentidos, durante meia-hora, antes da sesta, e falavam de tudo. Numa hora de chimarrão e leitura de jornal atrasado, Getúlio posa para Celestino Silveira. O bate-papo ao anoitecer, com os repórteres Jauri Medeiros («Diário de Notícias» de P. Alegre) e Rivadávia de Souza («Correio do Povo»), que assistiram na época a esta reportagem.

que tanto o prejudicaram e, a serem conclamados de novo, maiores males lhe proporcionariam de futuro...

Getúlio voltou a fitar o espaço. Sempre de mãos nas costas, pela primeira vez com a testa franzida, sentenciou:

— Pois fique sabendo que considero mortos todos os meus amigos antigos. Uns, materialmente. Outros, moralmente...

E levando o charuto aos lábios, num sorriso forçado:

— Terei de arranjar novos amigos... Onde, não sei!

Mas o desabafo continuava. Não é todos os dias que se oferece o ensejo de dizer impunemente a um presidente eleito o que melhor entendemos:

— O senhor sabe que seu govêrno vai enfrentar a mais cerrada oposição com que se defrontou um presidente da República no Brasil!

Getúlio acenou com a cabeça e a fisionomia fechou-se:

— Também não ignora que se procura alertar a nação contra um possível golpe à liberdade da imprensa...

Novo aceno afirmativo.

— Enfim, seus adversários garantem que o senhor não se contentará em ficar cinco anos, apenas, no govêrno, mas tudo fará para prolongar êsse prazo, lançando mão de todos os recursos, ainda que afetando os princípios democráticos vigentes...

Senti que Getúlio não suportava mais. Talvez lhe desagradasse o rumo da conversa por êle mesmo provocada. Foi, no entanto, aparentemente calmo e agora de olhos fitos nos meus, que respondeu, pesando bem as palavras:

— Êles não querem Democracia?

— Todos queremos.

— Pois terão democracia. Democracia até ao fim. E não querem absoluta liberdade de imprensa?

— Claro.

— Pois escreva — terão liberdade de imprensa até ao fim.

E baixando os olhos para a cinza do charuto:

— No fim, vamos ver o resultado de tudo isso.

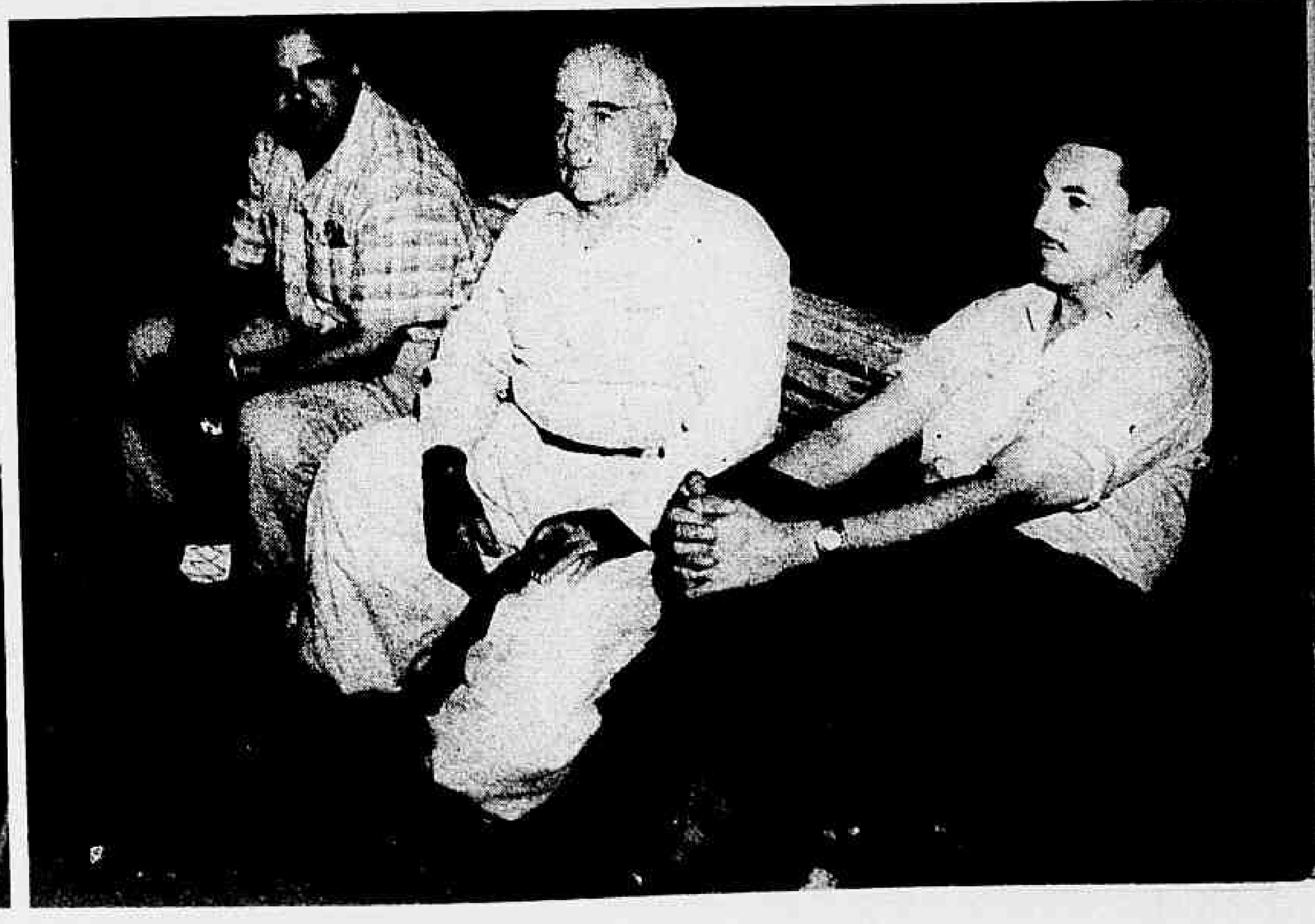
Já então os amigos da onça começavam a envolver o homem nas suas malhas de sedução, ali mesmo, no retiro da Estância, às margens do Uruguai. Dez ou quinze aviões por dia, particulares ou fretados especialmente, baixavam nas terras de Luzardo, e dêles saltavam figurões ilustres de par com os primeiros oportu-



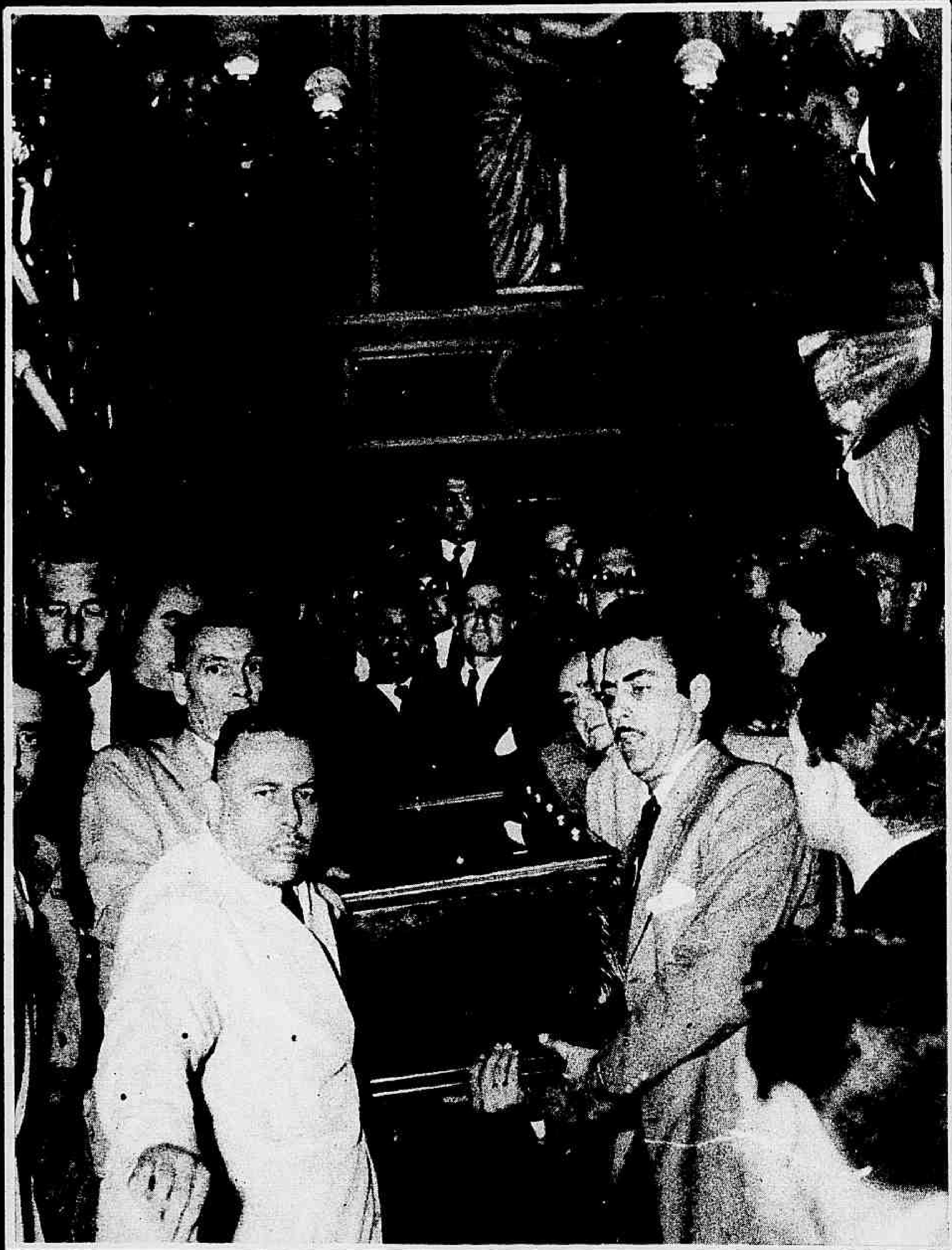
Sultão era a «mascotte» da Estância e o amigo inseparável de Getúlio: — «Da fidelidade dêste não há que duvidar. Se todos os amigos fôssem assim, governar seria muito mais fácil...»







MENOS DE 4 ANOS PASSADOS, ASSIM SAÍA GETÚLIO DO CATETE, PELA ÚLTIMA VEZ





E o antigo hóspede de Batista Luzardo em São Pedro, ia, agora, fazer companhia aos amigos mortos (materialmente). Às 8 e 30 minutos de 24 de agôsto de 54, um tiro deflagrado por êle mesmo, cortava-lhe a vida e fazia evocar as palavras do início: — «No fim, vamos ver em que dá tudo isso».



nistas e aventureiros, que bicavam o novo govêrno. Abarrotava a extensa varanda da casa-grande, de homens e senhoras de tôdas as classes, que iam oferecer (ou pedir) algo a Getúlio Vargas. Ninguém da família o acompanhava nesses dias, mas Gregório lá estava sempre a pequena distância.

Pela manhã, no chimarrão, e à noite, Getúlio esquivava-se aos mais importunos e desabafava com os repórteres:

— As massadas do govêrno estão começando aqui tão longe. E ainda estamos a mês e meio do Catete!

Seu grande pavor era o de enfrentar as obrigações sociais, o protocolo, as etiquêtas de palácio e do cargo:

— Já estou saudoso das minhas bombachas. Pena não poder leva-las comigo!

Por fim acabei sentindo que Getúlio não se magoara com as minhas franquezas. Parece que os governantes também não encontram, todos os dias, quem lhes fale a linguagem da verdade. Há sempre interêsse em convencê-los de que tudo vai bem, muitíssimo bem, senhora marquesa...

Quando me despedi de Getúlio, que insistia em reter-me por alguns dias, objetou:

— Alguém o tratou mal por aqui?

— Pelo contrário, mas os meus afazeres me chamam ao Rio.

— Gostei da sua conversa. Com que então, a pedra prêta e indesejável, ou a de marfim, luminosa...

Balbuciei algumas palavras à sôlta e sorri.

— O tempo há de responder por mim — continuou, folheando um jornal que o avião acabava de trazer.

— O tempo responde sempre por nós, Presidente.

Olhou-me com uma fisionomia parada e incerta, de que não gostei, levantou o queixo e rematou:

— Pois então vá, se essa é a sua vontade. E apareça. Continuaremos algum dia esta nossa conversa.

A conversa não continuou em dia algum. Só na Estância São Pedro, naquele momento psicológico, era possível conversar com Getúlio Vargas nesse à vontade, quase de igual para igual. No Catete, a coisa seria muito diferente. Nem o repórter venceria a barreira da guarda pessoal e dos outros «donos do homem», nem o prisioneiro, lá dentro, voltaria a lembrar-se, talvez, do repórter impertinente.

Mas ainda me parece ouvir aquela frase fatal, proferida, quem sabe, inadvertidamente e assim mesmo profética:

— No fim, vamos ver o resultado de tudo isso.

Onde estaria guardado, nesse dia histórico, o revólver que deflagrou em 24 de outubro **último?**

N. da R. — A reportagem feita por Celestino Silveira na Estância São Pedro, a que se refere o texto, foi publicada nas edições de 13 e 20 de janeiro de 1951.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 48 ★ Rio de Janeiro ★ 27-11-54

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR .... Gratuliano Brito
REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
SECRETÁRIO .... Lúcio Cardoso
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Peter Müller, Paulo Soledade, Paulo de Andrade Lima, Antão Pedroso, Hélio Abreu.

REPÓRTERES — Hugo Rodolfo, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Oliveira Bastos, Demóstenes Varela e Bernardo Ludemir.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramon, Fortuna, Darel e Maria Teresa.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

S U M Á R I O

REPORTAGENS

Palavras de Getúlio em 1950 .... 3/6
Prêto aqui não pega 8/10
Um passeio pelos «cabarets» do existencialismo 11/13
O novo Parlamento 14/16
Recepção no «Quebec» 20/21
O cinema despedaça a vida de Marilyn 40/41
Portugal no 4º Centenário de S. Paulo 44/45
A verdade sôbre os cinemas 46/49
Portuguêses de hoje, brasileiros...... 52/55
J. P. Aumont relembra Maria Montez 56/57

SEÇÕES

Palavras cruzadas 16
Flash paulista 18
Show 19
Cinema 24
Modas 28/29
Femininas 34/35
Literária 36
Por êsse mundo de Deus 38/39
Puxe pelo cérebro 43
Astrológicas 50
Champanhota 51
Flash carioca 55
Último flash 58

LITERATURA

A gravata e o processo (Adalgisa Nery) 7
Andorinha (Lúcio Cardoso) 26/27
Maria 32/33

HUMORISMO

Cartilha atualizada (Piqui) 30/31
O riso dos outros 59

Capa:
JEANNE CRAIN
(Kodackrome Fox)

Êste número tem 60 páginas

A GRAVATA E O PROCESSO

O detalhe certamente tem importância mas não vamos dar tanta importância a um detalhe sem importância que até um processo venha prejudicar a vida funcional de um homem.

Refiro-me ao caso de uma gravata.

● Num sábado estava um barnabé pelejando na sua tarefa, no Ministério da Marinha, quando foi observado severamente pela falta dêsse 1,20 x 0,10 de sêda atado ao pescoço.

Explicou-se humildemente o funcionário mas, ao fazer o relatório do esquecimento ou deliberação propositada, esqueceu-se de fazer continência. Com essa outra falta, agravou-se terrìvelmente a sua situação. O oficial queria promover uma reunião do Conselho de Guerra. O pobre homem já estava nervoso e tentou esclarecer que a falta de continência provinha da extinção do seu tempo de serviço militar.

● Não houve sinceridade capaz de argumentar a favor do culpado. Um inquérito foi instaurado na polícia militar e encaminhado à Justiça também militar, a fim de apurar as razões excusas daquele funcionário civil comparecer num sábado à repartição, sem gravata. No nosso Brasil há milhares de liberdades mas essa de andar um paisano querendo implantar o desaparecimento de um detalhe na vestimenta masculina, essa fere a moral. E' o mesmo que andar nu no pescoço.

● Vamos minha gente, acabem com êsse rigor exagerado onde não cabe nem um superficial rigor. Se o funcionário é cumpridor dos seus deveres, é honesto, correto, não sujem a fôlha de serviço dêsse sincero e bom barnabé com um processo irrisório e pueril. Há tanta coisa séria para empenharmos a nossa indignação em processos! Não fica bem à nossa brilhante Marinha tão estimada e admirada, parar o seu expediente valioso por causa de uma gravata esquecida ou combatida... Arquivem o processo e estou convencida que depois de tantos aborrecimentos o funcionário civil usará não apenas uma gravata, mas duas ao mesmo tempo e para não esquecer a continência êle também amarrará o braço à altura da fronte, com outra gravata.

● E' o apêlo que faço: não prejudiquem uma vida de trabalho honesto de um homem, com uma razão tão infantil. E depois há o seguinte: não é a falta de uma gravata que assinala um comunista. Olhem para o Sr. Morena.

ADALGISA NERY





SALVE EXU. Depois de uma exibição de meia hora a estrêla cai extasiada: «Ogum que te proteja, «boneca».

O FREVO EM AÇÃO. Enquanto o artista dança, «voz fina», que aparece à direita, se esconde da máquina fotográfica.

O JOAOZINHO VAI CAIR! — Ei-lo num passe difícil do ritual indígena. O «show» de Quitandinha é assim.

QUANDO o repórter entrou no salão, a noite já ia alta e um locutor anunciava que estávamos em Quitandinha, na cidade de São Paulo, «a buate dos pretos onde os brancos se divertem», segundo êle mesmo diz. Lá fora uma neblina bem paulista envolvia a metrópole, enquanto o conjunto musical entrava numa rumba esquentada.

NA CASA DO MATHIAS TODO MUNDO MANDA

Quitandinha é mesmo digna de uma reportagem. Dizemos mal. De uma não, de muitas. Tem tudo. Uma bandinha que toca à noite tôda. Tem um papagaio (que não fala) e muitos cachos de bananas à vista do freqüentador. Mas o que possui de mais interessante é o popular Mathias, seu proprietário, que é também uma espécie de mestre de sala, diretor social, ministro das Relações Exteriores, garção e leão de chácara. E' êle quem prepara o «Quentão», uma bebida especial, misto de bomba atômica com penicilina... Mas o Mathias não é de briga. O que exige é muita ordem e disciplina. Quando um cliente bebe demais e sai dos eixos, êle entra em ação e, delicadamente, o convida a desaparecer da casa. Eis porque (é o garção quem informa) Quitandinha foi tomada de assalto pelos brancos e hoje tem a melhor freqüência de São Paulo. «Aqui a bebida é honesta e todos são bem tratados» afirma Mathias — «Esta, e não outra, a razão do meu sucesso».

O QUENTÃO É PIOR QUE VODKA

Como dissemos, o «Quentão» é a especialidade da casa. Segundo o garção, «queima a garganta sem afetar o fígado» o que não deixa de ser interessante... O certo é que todos entram no **quentão.** Bebem-no moços, velhos, e senhoritas da melhor sociedade de Piratininga. Sem êle também não passam os «brotinhos de ébano» que, com alta linha, mandam-no garganta a dentro.

COMENDADOR, BROTINHO, RUSCHEL E HÉLIO SOUTO

O garção (precioso cicerone e melhor repórter-amador) chama a nossa atenção para as mesas de pista. Numa delas conseguimos identificar o Comendador Giuseppe Ostini, que se fazia acompanhar de sua espôsa. Mais adiante, num grupo onde predominava as filhas do Leão de Judá demos com os astros da tela nacional, Hélio Souto e Alberto Ruschel. Todos estavam alegres. Ruschel, Souto, Comendador e as «colored». O fotógrafo nos aponta Gianni Pons, diretor do filme «Os Três Garimpeiros». Gianni ao ser surpreendido pelo repórter recitava (no ouvido) a uma «boneca de pixe» versinhos de Manuel Bandeira. Um aperto de mão e saímos de sua mesa, mas não sem ouvir o início de outra poesia, esta da autoria do sr. Frederico Schmidt.

...MULATA EU QUERO O TEU AMOR

Que o prêto não pega, não pega. Sabemos disso, e nem mesmo era preciso que o Lamartine Babo nos viesse dizer na sua popularíssima marchinha. Assim, nossa objetiva ficou alerta, à espera de uma «derrapagem» de alguém...

Quem primeiro caiu no samba, ou melhor na rumba, foi Alberto Ruschel. O astro de «O Cangaceiro» é bom bailarino e abafou a banca. Dançou tanto que fêz com que Hélio Souto também entrasse na roda. Souto foi o astro de «O Destino em Apuros», o primeiro filme nacional em tecnicolor. Ambos cingiram (de perto) as cabrochas e aguentaram firme a essa demonstração de anti-racismo. As lâmpadas estouraram e as fotos foram batidas. Não há protestos. Ruschel olha-nos num sorriso de aprovação e, seus olhos parecem dizer: «Que me importa que batam chapas. O que eu quero é dançar...» O mesmo se dá com Hélio Souto, a quem mais tarde perguntamos se havia inconveniência na publicação das fotos. Dêle tivemos a seguinte resposta: «Claro que não há. Então esta não é uma buate como outra qualquer?»

GIANNI PONS ATRAPALHA-SE, MAS DANÇA...

Gianni Pons (depois do 19º copo) é um rapagão alegre e bem disposto. Dança, mas não tão bem como Hélio Souto, porém de todos é o mais comunicativo. Falou-nos de seu último filme, «Os três garimpeiros», do qual participam Milton Ribeiro, o capitão Galdino de «O Cangaceiro» e Alberto Ruschel. Gianni não é um beberrão. Apenas um copo ou outro de quando em vez e, neste momento comemora (e bebemora) o término de sua película. Conversa vai conversa vem, Gianni nos diz que vai «bailar» e, ato contínuo, faz um sinal com a dextra. Como por encanto uma «boneca» aparece. Gianni faz uma reverência e entra na





GIANNI SEGURA A «BONECA» e esquece a camera. O diretor de «Veneno» rumbou a larga, porém mal. Salve êle.



O ASTRO E O BRÔTO. Hélio Souto abafou a banca. Dançou a noite tôda sem parar. «Mulata eu quero o teu amor...»

Astros seguram (apertado) as bonecas de onix

AQUI O PRÊTO NÃO PEGA

REPORTAGEM (BLITZ) EM QUITANDINHA (DE S. PAULO) «A BUATE DOS PRETOS ONDE OS BRANCOS SE DIVERTEM» — ALBERTO RUSCHEL E HÉLIO SOUTO DÃO (E RECEBEM) LIÇÕES DE RUMBA

VEM NAGÔ, TÔ TE ESPERANDO. O artista, depois de executar a parte mais interessante de seu número, vai ao chão.

Texto de HÉLIO ABREU

Fotos de JACK PIRES







Resolve ir ao «Procópio». Paris inteira ali se encontra tôdas as noites. Daniel ceia em companhia de Blanche Montel (à dir.) e France Rocha (à esq.).

O patrão de «La Rose Rouge» é um rapaz (à dir.) com um simpático físico. Trata-se de Nico. Lançou, graças a Yves Robert, a revista burlesca.

DANIEL GÉLIN nasceu em 9 de maio de 1921 em Angers na França. No Conservatório foi aluno de René Simon, do grande ator falecido Louis Jouvet, Denis D'Ines, Dussane, e outros, mas em virtude de seu temperamento rebelde e indisciplinado, é expulso. Antes de trabalhar como simples figurante no cinema, passou por diversas profissões, e ao aproximar-se o ano de 1941, tem a sua primeira oportunidade como extra no filme de Henri Decoin «Premier Rendez-Vous», com Danielle Darrieux, figurando em seguida, também como extra, em «Les Cadets de l'Ocean», que foi proibido pelos nazistas. O extraordinário ator Pierre Fresnay, que acabava de montar uma peça de Henri Georges Clouzot, hoje famoso diretor cinematográfico e espôso da brasileira Vera Amado, que também acaba de estrear no cinema no celulóide «O Salário do Mêdo» (Le Salaire de la Peur), dirigido por seu marido, ao ver sua primeira película, oferece um papel a Daniel Gélin para que êle o crie no palco.

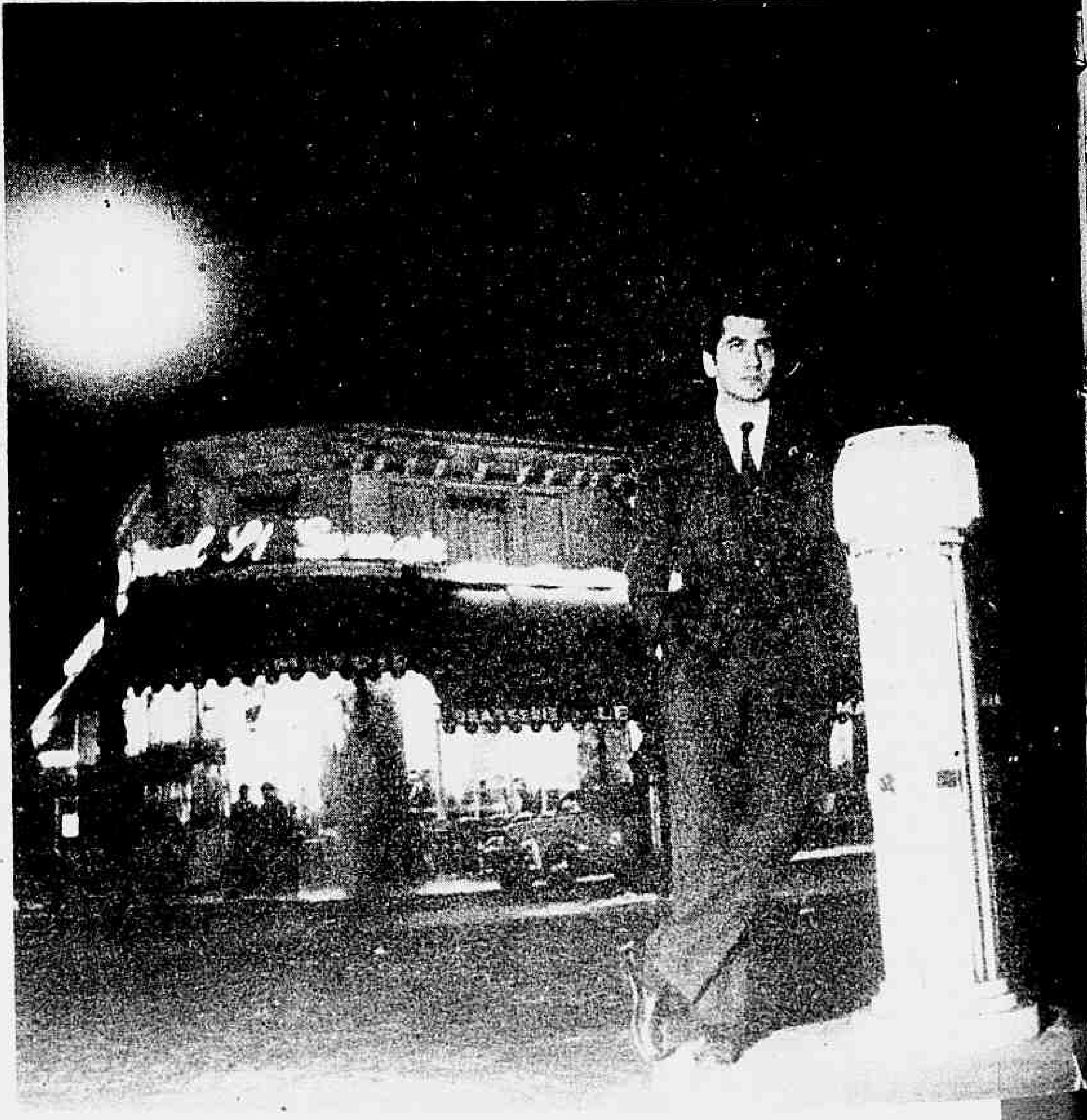
Após êste seu primeiro aparecimento na ribalta, Daniel Gélin monta com Vitod a peça «Tenue de Soirée de Rigueur», mas ao deflagrar a guerra e conseqüentemente ser ocupada a França pelos alemães, Daniel Gélin foge ao trabalho obrigatório para os nazistas, refugiando-se em seu interior, voltando a Paris sòmente no fim da guerra. Em 1945 desempenha o papel de Mio na obra de Maxwell Anderson «Winterset» já filmada pelo cinema norte-americano, fazendo grande sucesso no palco ao aparecer em outros papéis nas peças «Huis Clos», «Au Petit Bonheur», «Les Parents Terribles», que foram criados pelo ator Jean Marais, figurando também em «Virages Dandereux», «Sa Peau» e «Zibeline». Daniel Gélin, que é possuidor de um espírito inquieto e veemente, e se sente atraído pelo teatro e cinema, pela simples razão de lhe permitir mudar de personalidade e de profissão, nas horas de folga dedica-se a pintura e à poesia, tendo já editado um volume de poemas intitulado «Fatras». Sua estréia como coadjuvante no cinema se deu entre 1945 e 1948, em «Alguém Virá Esta Noite» (Un Ami Viendra Ce Soir), ao lado de Michel Simon, Louis Salou (distribuição França Filmes), «La Tentacion de Barbizon», «La Nuit de Sybille», «Mulher Perversa» (Martin Roumagnac) e «Sombras do Passado» (Miroir), ambos com Jean Gabin nos principais papéis e distribuídos pela França Filmes, «La Femme En Rouge» e «Le Manequin Assassiné».

Em 1949 aparece como ator principal em «Eterna Ilusão» (Rendez-Vous de Juillet), sob a direção de Jacques Becker, ao lado de Brigitte Auber, que também já estêve em visita ao Brasil quando do Festival Cinemato-

Olha tôdas as vitrinas do bairro, para ver qual das galerias tem maior número de quadros. Com isso se pode terminar bem, a noite.

Voltando sempre ao cruzamento de Saint Germain. Gélin faz um círculo em tôrno de Paris. O farol apaga-se juntamente com o Royal Saint Germain.









A saída dos bastidores é dificílima. À direita encontra-se em plena rua de Rennes, e à esquerda, acham-se as galerias de calefação do edifício.

Aqui o temos de novo na rua. Aonde vai? Ver uma exibição de dança clássica? Fica demasiado longe... E ademais é muito tarde.

gráfico de Punta Del Leste em 1952, celulóide distribuído pela França Filmes, e «Le Paradis de Pilotes Perdus». Em 1950 filmou «Conflitos de Amor» (La Ronde), ao lado de Anton Walbrouk, Jean Louis Barrault, Danielle Darrieux, Simone Signoret, Simone Simon, etc., dirigido por Max Ophuls, distribuído pela França Filmes, e «Deus Necessita de Homens» (Dieu a Besoin des Hommes), que a 20th Century Fox distribuiu entre nós, e onde aparecia ao lado de Pierre Fresnay, sob a direção de Jean Delanoy, êsse notável diretor do cinema francês. Em 1951 fêz «Vivamos Hoje» (Edouard et Caroline), novamente sob a direção de Jacques Becker, filme que ainda será apresentado pela França Filmes, «Romance Proibido» (Une Histoire d'Amour), distribuído pela França Filmes, ao lado de Louis Jouvet, que faleceu logo após as filmagens, Dany Robin, Marcel Herrand, também falecido, e Georges Chamarat, da Comédia Francesa, e «Les Mans Sales».

Neste ano, Daniel Gélin também recebeu o prêmio equivalente «à melhor interpretação masculina», oferecida pelo semanário cinematográfico «Cinemonde». Em 1952 fêz «O Prazer» (Le Plaisir», que já assistimos distribuído pela Columbia Pictures, outra vez dirigido por Max Ophuls e ao lado de Danielle Darrieux, Simone Simon, Madeleine Renaud, Ginette Leclerd, que interpretou «A Mulher do Padeiro» (La Femme du Boulanger), Pierre Brasseur, Claude Dauphin, etc., «La Munute de Verité», «La Maison du Silence», «Les Dents Longues», onde faz a sua estréia como diretor cinematográfico, aparecendo também como ator, e «Le Neige Était Sale». No Festival Cinematográfico de Punta Del Leste realizado neste ano no Uruguai, Daniel Gélin teve ocasião de visitar o Brasil, onde assistiu ao carnaval em companhia de outro colega Michel Auclair, que aqui passaram horas divertidas. Nesta oportunidade conhecemos Daniel Gélin, constatando que é realmente um ator modesto e dono de um temperamento artístico, que irá projetá-lo no mundo inteiro como um dos grandes intérpretes da sétima arte.

Em 1953 apareceu em «L'Esclave», «Sang et Lumière» e em «Essas Mulheres...» (Adorables Crèatures), produção franco italiana sob a direção de Christian Jaque, ao lado de Martine Carol, Edwige Feuillère, Danielle Darrieux, Renée Faure e Antonela Lualdi. Daniel Gélin é divorciado da atriz cinematográfica Danièle Delorme, de quem possui um filho de seis anos de idade chamado Xavier. (Fotos França Filmes).

Justamente a tempo de voltar ao «Procópio» deserto e de tomar sua primeira refeição do dia à mesa onde Voltaire bebia sempre seu café.

Por fim Daniel Gélin encontra-se num dilema: onde vai dormir ou toma três comprimidos de pervitin. E depois, o trabalho no estúdio.





O NOVO PARLAMENTO

O PSD continuará majoritário ★ O Presidente da Câmara será o Vice-Presidente da República ★ São Paulo reivindica ★ Capanema é candidato natural ★ Café Filho pedirá apoio ★ Depois do PSD, o PTB foi o partido que mais se fortaleceu ★ O Congresso em desagregação

Reportagem de BERNARDO LUDEMIR

O panorama político nacional, há vários meses, é de expectativa. A morte trágica do sr. Getúlio Vargas e as eleições de 3 de outubro, pràticamente, desarticularam os possíveis rumos que teriam os acontecimentos. Os vitoriosos no último pleito, mantiveram ou ampliaram suas influências e os derrotados se desarticularam, ou se anularam. No Parlamento e na vida política, aparecerão muitos valores novos. Dos 300 deputados, menos de 140 se reelegeram e, no Senado, proporcionalmente, a renovação foi ainda maior.

A orientação da vida política do país depende da composição do novo Congresso, a se empossar no dia 31 de janeiro de 1955. Se as fôrças que integravam a maioria parlamentar, no Govêrno do sr. Getúlio Vargas, continuarem integrando êsse mesmo bloco, (o que é inviável), em apoio do sr. Café Filho, sob a mesma orientação de liderança, o bloco governista continuará em maioria.

Tudo, entretanto, indica, que os diversos partidos se constituirão em blocos independentes, se coordenando, apenas nas ocasiões em que fôr essencial a constituição de blocos homogêneos, contra ou a favor de qualquer projeto.

COMPOSIÇÃO DA ANTIGA CÂMARA

Tem a Câmara dos Deputados, na legislatura que está por se extinguir, mais ou menos a seguinte composição partidária: PSD, 114 deputados; UDN, 75; PTB, 56; PSP, 23; PR, 15; PL, 6; PDC, 4; PRP, 3; PST, 2; PSB, 3; PTN, 1; 6 sem partido e um comunista, eleito pelo PRT.

No Senado, o PSD também é majoritário, mais ou menos na mesma proporção de representantes.

VARGAS E O CONGRESSO

O Govêrno do sr. Getúlio Vargas não tinha dificuldades para obter a maioria parlamentar apoiando sua atuação. Tinha dois líderes que se entrosavam perfeitamente com os blocos partidários, de modo que nunca faltou ao Govêrno o número de votos suficiente para a aprovação de suas contas, mensagens, ou dos projetos do seu interêsse.

Controlava a Câmara, o ministro da Educação de Vargas, no Estado Novo, sr. Gustavo Capanema, coadjuvado pelos srs. Vieira Lins, do PTB, Eurico Sales e Oscar Carneiro, do PSD. Até alguns meses antes contava, ainda, com a bancada pessepista, liderada pelos srs. Deodoro Mendonça e Arnaldo Cerdeira. Na UDN havia um grupo de deputados que votava favoràvelmente ao Govêrno, complementando o apoio do Congresso no Presidente da República, em troca de um mistério e de favores governamentais. Alguns deputados republicanos também eram governistas.

No Senado, a princípio o sr. Ivo d'Aquino e depois o sr. Álvaro Adolfo, entrosados com o sr. Gomes de Oliveira, garantiam a maioria governamental. O líder da minoria oposicionista, sr. Ferreira de Souza tinha cordiais ligações com o Presidente da República. A oposição tinha elementos individuais, como os srs. Hamilton Nogueira e Aloísio de Carvalho Filho, atuando contra o Govêrno do sr. Getúlio Vargas.

O SUICÍDIO DO PRESIDENTE

O suicídio do Presidente Vargas encontrou o Congresso em fase de dispersão, por fôrça da véspera de eleições para renovação de tôda a Câmara e de dois têrços do Senado. Apesar de tôda a repercussão popular e de sua significação política, a morte de Vargas não atingiu, estruturalmente o Congresso. Os projetos que interessavam ao Govêrno dormiam nas duas Casas do Legislativo, por falta de número para votação. O líder Capanema propôs que, durante os últimos meses as sessões fôssem divididas em duas fases, uma para discussão de assuntos, durante 15 dias, e outra para votação. Mas, mesmo assim, não se conseguiu número.



GETÚLIO VARGAS entendia-se com o Congresso, através dos seus líderes parlamentares. Café Filho, entende-se pessoalmente, com os deputados e senadores.



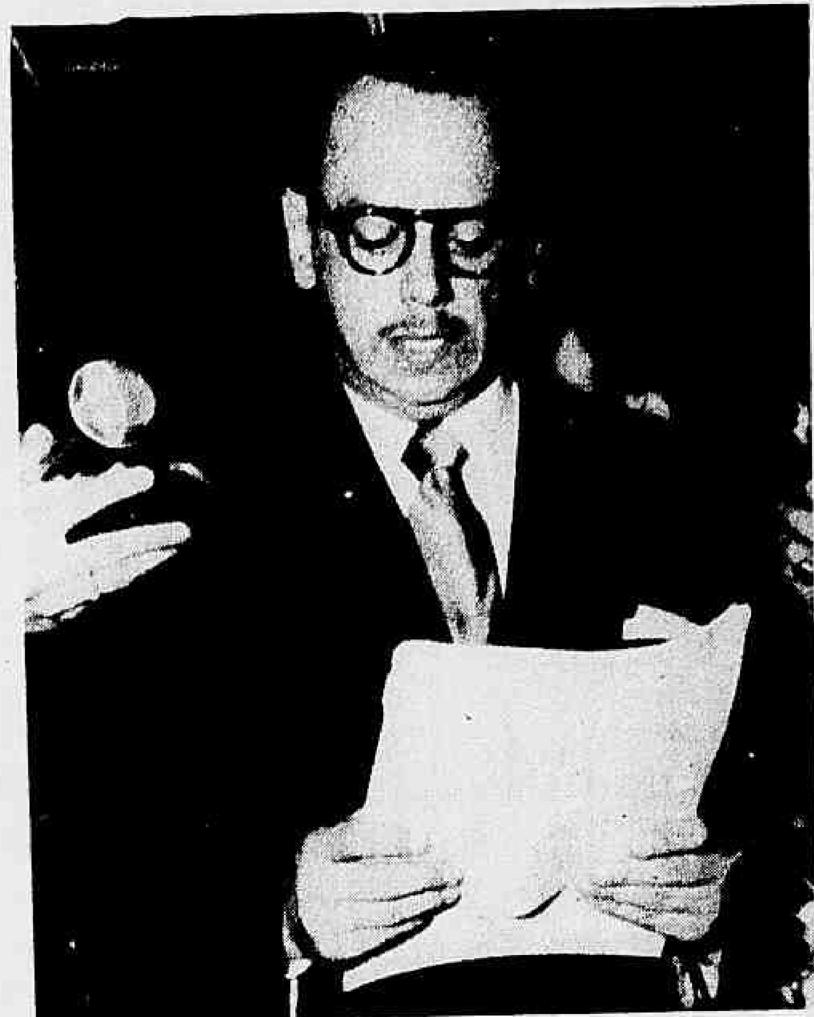
CAPANEMA liderava a maioria. Agora é candidato natural à direção do Tiradentes. Mas os paulistas querem o seu lugar. Quem será o indicado?



HORÁCIO LAFER



BRASÍLIO MACHADO NETO



ULISSES GUIMARÃES

Êstes são os pessedistas de São Paulo indicados para substituir o sr. Nereu Ramos. Lafer foi ministro da Fazenda de Vargas. Ulisses Guimarães é um deputado modesto e trabalhador. Brasílio Machado Neto integra o grupo dos «magnatas».

Cs representantes do povo estavam nos seus redutos eleitorais, cavando votos para a reeleição.

E o pleito trouxe surprêsas, contribuindo ainda mais para a desagregação das fôrças parlamentares. Deputados e senadores, antes com uma eficiência perfeita, agora vão ao Congresso, apenas para fazer presença, desencantando-se de suas atitudes de vigilância ou defesa.

NOVA TÁTICA PARLAMENTAR

O sr. Café Filho, entretanto, adotou outra tática parlamentar. Deixou de lado a linha do sr. Getúlio Vargas, de se entender com a Câmara e Senado, através dos líderes, passando a sondar e pedir, pessoalmente, apoio de deputados e senadores, nos almoços e entrevistas fáceis, que estão caracterizando o novo Govêrno.

Passou, o líder da minoria no Govêrno Vargas, sr. Afonso Arinos a, virtualmente, conduzir a maioria, embora o Congresso, até agora não tenha precisado de união absoluta, para defesa dos pontos capitais do programa do novo Govêrno. O Orçamento para 1955 foi votado tranqüilamente.

No resto do Govêrno do sr. Café Filho, a posição das fôrças no Congresso será o ponto capital do sucesso ou insucesso de sugestão, como será também, o de tôdas discussões visando sua sucessão, em 1955.

Mas, a incerteza dos rumos partidários não afetará muito êsse sucesso, porque, como declarou o próprio Presidente da República, as circunstâncias que o levaram à suprema magistratura do país e as duas eleições que tem para enfrentar não permitirão planos arrojados. Limitar-se-á, por isso, à compressão de despesas e à aspiração de austeridade. O povo brasileiro, no momento atual, aspira paz e tranqüilidade. Refletindo o desejo do povo, para não perder seu apoio, o novo Congresso tem que seguir as aparências dessa nova linha de conduta do Govêrno, que aliás sofre já restrições na sua política financeira. Principalmente nela se concentrará a oposição.

A NOVA CÂMARA

Na nova Câmara, o PSD continuará majoritário, aumentando o número de seus representantes. Terá, mais ou menos, 125 deputados. A UDN manterá seus 75, o PTB terá 64; o PR, 15; o PSP, 26; o PDC, 2; o PRP, 3; o PL, 7; o PTN, 5; o PSB, 3 e o PRT elegeu um comunista pelo Distrito Federal. Os comunistas terão 3 representantes, porque elegeram mais 2 em São Paulo, na legenda do PTB.

Por Estados, em linhas gerais, sujeito, ainda a algumas modificações, na recontagem dos votos, foram os seguintes os resultados para eleição de deputados: AMAZONAS — PSD, 1; UDN, 1; PTB, 4. PARÁ — PSD, 5; UDN, 2; PTB, 1; PSP, 1. MARANHÃO — PSD, 8; PSP, 2. PIAUÍ — PSD, 3; UDN, 1; PTB, 2; PSP, 1. CEARÁ — PSD, 6; UDN, 7; PTB, 2; PSP, 3. RIO GRANDE DO NORTE — PSD, 3; UDN, 2; PSP, 1. PARAÍBA — PSD, 4; UDN, 5; PTB, 1; PL, 1. PERNAMBUCO — PSD, 9; UDN, 5; PTB, 6; PSP, 1; PDC, 1. ALAGOAS — PSD, 1; UDN, 5; TB, 1; PSP, 1. SERGIPE — PSD, 1; UDN, 4; PTB, 1; PR, 1. BAHIA — PSD, 6; UDN, 4; PTB, 6; PR, 6; PL, 3. ESPÍRITO SANTO — PSD, 3; UDN, 2; PTB, 1; PSP, 1. DISTRITO FEDERAL — PSD, 2; UDN, 6; PTB, 6; PSP, 2; PRT, 1. S. AULO — PSD, 13; UDN, 4; PTB, 8; PSP, 11; PDC, 1; PTN, 5; PSB, 2. ESTADO DO RIO — PSD, 8; UDN, 5; PTB, 4. MINAS GERAIS — PSD, 18; UDN, 9; PTB, 5; PR, 6; PSP, 1. GOIÁS — PSD, 4; UDN, 2; PTB, 1. MATO GROSSO — PSD, 3; UDN, 3; PTB, 1. PARANÁ — PSD, 4; UDN, 3; PTB, 3; PR, 2; PSP, 1. SANTA CATARINA — PSD, 5; UDN, 5. RIO GRANDE DO SUL — PSD, 9; UDN, 1; PTB, 9; PRP, 2; PL, 3. Nos territórios o PSD elegeu o representante único do Amapá e Rio Branco, e um dos dois do Acre. O PTB fêz um no Acre, e o do Guaporé.

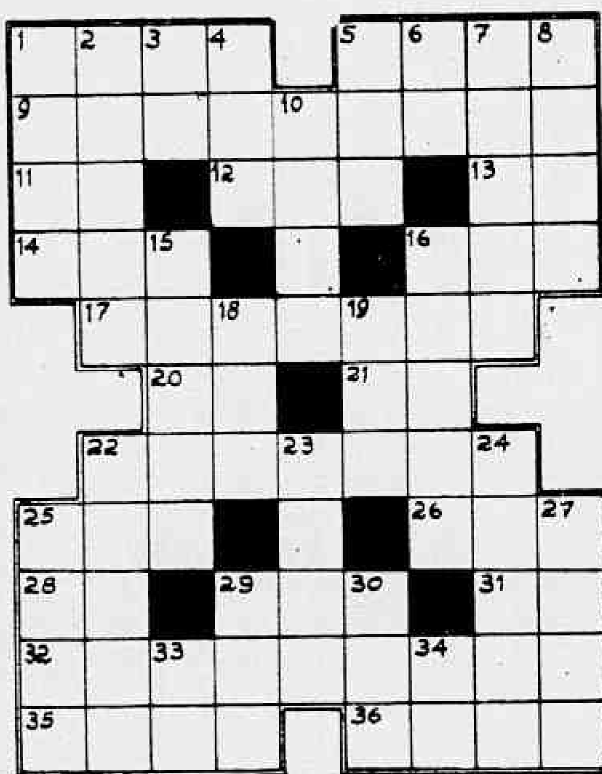
A Câmara, cujo mandato está se extinguindo, tinha, por Estados, a seguinte composição:

	PSD	UDN	PSB	PTB	PR	PSP	PDC	PRP	PL	PST	PTN	sem part.
Amazonas	2	2		1								
Pará	4	2			1	2						1
Maranhão	4			1		2	1					
Piauí	3	2		2								
Ceará	6	8		1	1	1						
Rio Grande do Norte	3	3			1				1			1
Paraíba	4	3		1								1
Pernambuco	9	6		1		1	1					
Alagoas	1	3		2		2	1					
Sergipe	2	2	1	1	2							
Bahia	7	6		3	4		1		3	1		
Espírito Santo	4	1				1		1				
Distrito Federal	4	3	1	5	1	2		PRT 1				
São Paulo	9	5		12		8	1			1	1	3
Estado do Rio	7	4		4		2						
Mato Grosso	3	3		1								
Minas Gerais	16	12		5	4	1						
Goiás	5	2										
Paraná	3	2		3	1							
Santa Catarina	4	4		1								
Rio Grande do Sul	8	1		10				1	2			

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 42

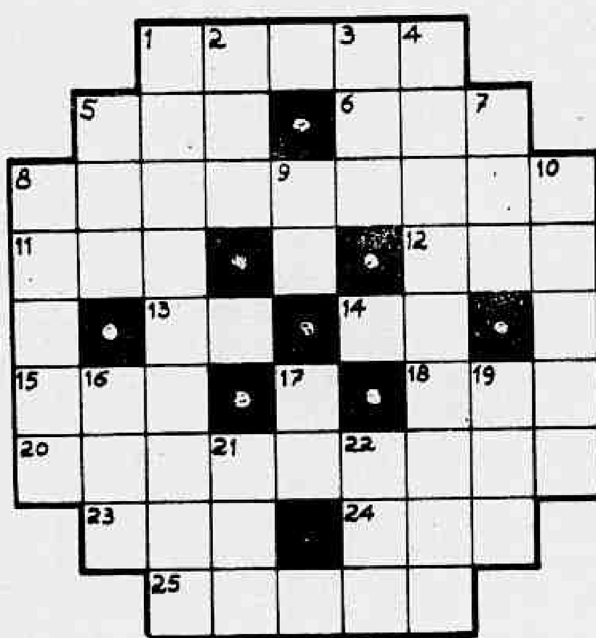
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Recurso — 5. Cotiar — 9. Amoricos — 11. Interjeição de espanto — 12. Sentimento que provém de injúria recebida — 13. Medida japonêsa de extensão — 14. Eternidade — 16. Homem de dinheiro — 17. Discurso prolixo e enfadonho — 20. O céu — 21. Coisa diversa — 22. Fio com que se cosem as malhas da rêde à tralha — 25. Prensa — 26. Segundo mês dos hebreus — 28. Antiga nota musical — 29. Peia — 31. Nota musical — 32. Variedade de figueira algarvia — 35. O berço da nossa civilização — 36. Que alimenta.

VERTICAIS: — 1. Espécie de bodião — 2. Prurido causado pela dentição nas crianças — 3. Nota musical — 4. Interjeição que exprime espanto, desdém ou mofa — 5. Rio que separa Alagoas de Pernambuco — 6. Igreja episcopal — 7. Estantezinha do missal — 8. Fatalidade — 10. Província da Argélia — 15. Doido — 16. Pano com que se cobre a sela do cavalo — 18. Constelação austral — 19. Interjeição imitativa de pancada — 22. Traquinadas — 23. Espécie de esquadro para traçar ângulos — 24. Antônimo de açu — 25. Variedade de tabaco — 27. Lã de carneiro — 29. Planta da família das Acantáceas, de flôres vermelhas — 30. Nome de mulher — 33. Bebida chinesa — 34. Quinhentos e cinqüenta.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. O mesmo que caiva — 5. Seguias — 6. Cidade de Minas Gerais — 8. Pé de banana — 11. Quer bem — 12. Oposto ao Norte — 13. Enxerga — 14. Carta de jogar — 15. Tomba — 18. Cólera — 20. Fazer nascer paixão — 23. Gemidos — 24. Outra vez! — 25. Erudito; que sabe muito.

VERTICAIS: — 1. Lugar onde crescem canas (pl.) — 2. Membro empenado de aves — 3. Berreiro de criança — 4. Natural da Abissínia — 5. Andavam — 7. Sapo das regiões do Amazonas — 8. Embarcação larga e pouco funda — 9. Despido — 10. Mesa onde se celebra a missa — 16. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 17. Prefixo que exprime «o que foi e deixa de ser» — 19. Chefe etíope — 21. Nome de mulher — 22. Rio da Sibéria.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 40
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — cabo — aber — alar — cepo — rala — alor — dialética — aru — rapar — Sá — Ro — antro — tal — direiteza — idas — inis — rodo — atas — aral — seró.

VERTICAIS: — carda — Alair — balaustrada — oral — acatar — belipotente — época — rorar — er — aresol — adira — nidor — oi — aziar — lasso — tias.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — caro — maré — arai — amor — rasto — ama — ar — araras — avaro — aurora — ás — Ari — antolo — tias — aral — assa — mesa.

VERTICAIS: — cara — arar — ras — oitavo — ma — amaro — Roma — eras — orara — aramam — árias — aatá — uris — alas — sola — pré — sã.

O NOVO PARLAMENTO



NEREU RAMOS conduziu a Câmara com austeridade. Foi eleito senador, em 3 de outubro. A escolha do seu substituto será o primeiro grande problema do novo Congresso.

Depois do PSD, foi o PTB o partido que mais se fortaleceu, principalmente no Senado, por contar, como seu correligionário o Presidente Vargas.

CÂMARA ANTERIOR

O PSD tinha os dois representantes do Território do Acre e o do Amapá. O PTB, os do Rio Branco e Guaporé.

SENADO

No Senado, dos que não tiveram seus mandatos extintos, o PSD tem 10 representantes. Elegeu mais 16. O PTB tem 6 e elegeu 10. A UDN, 1, elegendo 9. Os do PSP tiveram seus mandatos extintos. Foram eleitos 2 novos em 3 de outubro. O PR ganhou um senador, ficando com 3. O PDC elegeu um senador. O PL tinha dois e elegeu o terceiro. O PSB continuará, apenas, com um representante.

A presidência do Senado, em qualquer circunstância, será de um pessedista.

PRESIDÊNCIA DA CÂMARA

Politicamente, em relação ao Congresso, o problema mais importante do momento, será a Presidência da Câmara. Evidentemente, ela também caberá ao PSD, porque êsse partido continua sendo o majoritário. A escolha do candidato, entretanto, determinará ou ficará condicionada aos rumos da sucessão presidencial, na República.

A circunstância do verdadeiro vice-presidente da República estar no exercício efetivo da Presidência, dá importância maior, ainda, a direção do Palácio Tiradentes. Seu presidente será o verdadeiro vice-presidente da República até a posse do que será eleito em 1955.

● O nome mais falado, a princípio, para ocupar êsse cargo era o do sr. Gustavo Capanema. Homem equilibrado e íntegro, saberia muito bem conquistar o respeito dos seus pares, contando com simpatias gerais em tôdas as bancadas. Seria um presidente sereno, associando às suas qualidades pessoais, cultura e tino administrativo.

● Entretanto, a articulação da candidatura do sr. Juscelino Kubitschek à Presidência da República levará o pôsto, que deveria caber ao sr. Capanema (PSD de Minas), para o PSD de São Paulo. Os paulistas reivindicam o cargo para acompanhar o governador Juscelino. Três nomes aparecem: o do sr. Horácio Lafer, ex-ministro da Fazenda, homem de larga experiência; o do sr. Ulisses Guimarães, deputado moderado e trabalhador e o do sr. Brasílio Machado Neto, que até bem pouco tempo presidiu a Confederação Nacional do Comércio, representando a ala dos magnatas que integra o PSD paulista.

● Um dêsses quatro será o candidato vitorioso, constituindo essa primeira eleição, um marco importante na composição das fôrças visando a Presidência da República

● Os gaúchos e pernambucanos, do PSD, poderão ser contra qualquer um dêsses candidatos, mas de qualquer maneira, o Presidente da Câmara será pessedista. Os paulistas, por sua vez, dizem que, pessedista ou não, o presidente será paulista.

LIDERANÇAS

Êsse problema era fundamental no govêrno Vargas. Na gestão Café Filho, entretanto, é possível que não se constituam dois blocos unidos, integrando maioria e minoria. E os partidos tenham individualmente seus líderes, agindo em conjunto em circunstâncias eventuais.

No Senado, o problema se esboça nas mesmas linhas, de um modo geral os líderes só serão escolhidos depois de constituídas, definitivamente, as bancadas.



É UMA "BOMBA" DE RISO PARA OS OUVINTES DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

PRODUZIDA POR FRANCISCO ANÍSIO E ACIONADA PELOS COMEDIANTES MAYRINKIANOS!

TODOS OS DOMINGOS ÀS 20 HORAS

patrocínio da ÁGUA SANITÁRIA GATO PRETO

DIV. PRA 9

ELEGÂNCIA E BELEZA

A BORDO DO "QUEBEC"



No «cock-tail» do «Quebec» um grupo formado pelos srs. Frances Sasse, Jenny Hime, Karin S. Tlandford Basgal e o oficial Ltcdr Julian Benoit, numa perfeita confraternização brasi-

UMA RECEPÇÃO NO VASO DE GUERRA CANADENSE ★ ELEGÂNCIA E BELEZA NA SOCIEDADE CARIOCA ★ SAUDAÇÕES E DESPEDIDAS

RECENTEMENTE estêve entre nós o navio de guerra canadense, «Quebec». Ancorado em nosso pôrto, seu comandante, o sr. James W. Thomson ofereceu, por intermédio do embaixador de seu país, sr. Carey Foster, um «cock-tail» à sociedade carioca. Ali compareceu o que de melhor existe em nosso «grand-monde», salientando-se naquela tarde a beleza das «toilettes», com a graça e o encanto da mocidade brasileira, num desfile entre quépis e fardas. Grupos formavam-se dentro e fora do navio, vendo-se entre outros, os srs. Frances Sasse, Karin S. Tlandford Basgal, Julian Benoit, Maurício Raposo, Carey Foster e senhora, oficial Rawley, comandante Walim Vasconcelos, além das senhoras e senhoritas Jenny Hime, Hélio Nogueira, Araci e Alda Coutinho, Daisy Mary Landger, Dizon Rodrigues, comandante Melo Machado, representante do Ministro da Marinha, Solange Fontenelli, Iolanda Silva, dona Maria Elza, oficial Robert Mc Nish, etc. Festivamente iluminado, o «Quebec» ofereceu um aspecto inédito em nosso pôrto, que rememorou aos canadenses um pedaço de sua terra, e aos brasileiros, um aspecto inédito e de extrema beleza, da vida de um povo que prima pela cordialidade e pelo bom gôsto.



O comandante do «Quebec» cumprimenta a senhora Amélia Donette.



As srtas. Araci e Alda Coutinho, acompanhadas pelo oficial Rawley.







leira-canadense. Em baixo: Sr. e sra. Hélio Nogueira, acompanhados pela senhora Guilmariza Paranhos, senhorita Ruth Barbosa e comandante James W. Thomson, confraternizam.

A senhorita Leda Pelegrino, acompanhada de Adir Suaid, Vânia M. Barrios, Leli Saraiva e senhor Maurício Raposo bebem o seu «drinque» e saúdam o Canadá através do seu vaso de guerra. Em baixo: Embaixador do Canadá sr. Carey Foster, acompanhado pela sua exma. senhora, recebem como se estivessem na distante e hospitaleira terra canadense.





A srta. Dizon Rodrigues serve-se de um pouco de presunto do Canadá.

A sra. Daisy Mary Landger em companhia do comte. Wallim Vasconcelos.





Declara Raymundo Magalhães Júnior:

NÃO ADIANTA CONTRARIAR —VOCAÇÃO É FATALIDADE

Adora e detesta o cinema ★ Se vale a pena economizar... ★ O espírito anedótico do carioca ★ Escrever para crianças ★ Os grandes brasileiros vivos ★ A mulher e a Academia...

Entrevista de JOÃO ANTÔNIO JOÃO

Ping — Qual o principal problema do Distrito Federal?

Pong — O de ter tantos «problemas principais» que, entre êstes, não se pode escolher um.

Ping — Qual o maior ministro do atual govêrno?

Pong — Alencastro Guimarães. Dois metros e cinco de altura. E' o maior, em tamanho.

Ping — Acha que o Senado seja necessário?

Pong — Absolutamente necessário para os senadores. E para mais ninguém.

Ping — Que acha do uso dos camelôs em propaganda eleitoral?

Pong — Serve para os candidatos «pernas de pau», isto é, para os que têm muito dinheiro e poucas idéias.

Ping — Gosta de cinema?

Pong — Adoro e detesto. Se os filmes são bons ou se são maus.

Ping — Que pensa dos homens que pintam os cabelos?

Pong — Que são incontentáveis. A grande maioria bastaria possuí-los, ainda que brancos.

Ping — Acredita em remédios para a calvície?

Pong — Acredito. Tanto que não uso, com receio de me transformar numa outra pessoa irreconhecível aos meus próprios olhos.

Ping — Você, que viajou na Europa, diga: Que é que se deve ver ali, acima de tudo?

Pong — Londres, Paris e a Itália tôda.

Ping — Que pensa do cruzeiro?

Pong — Que será, em breve, o mais barato dos papéis pintados.

Ping — E do Banco do Brasil?

Pong — A presidência é a sorte grande, dada pelo govêrno. A direção das carteiras, os prêmios secundários. No mais, ação entre amigos, agência eleitoral, instrumento de sedução.

Ping — Vale a pena economizar?

Pong — No Brasil, vale mais a pena a gente endividar-se. Tomar dinheiro bom e pagar com dinheiro ruim. Se pagar...

Ping — Qual a profissão mais cômoda no Brasil?

Pong — A de pecuarista. O govêrno responde pelas nossas divisas e ainda damos a impressão de que lhe fazemos favor.

Ping — Qual o maior presidente que o Brasil já teve?

Pong — Rodrigues Alves, pelo seu dinamismo e pela sua coragem. E pelo muito que realizou em apenas quatro anos de govêrno.

Ping — Qual o maior prefeito?

Pong — Pereira Passos foi um dos maiores. Prado Júnior, outro. Pedro Ernesto também. Dos últimos, é melhor não falar.

Ping — Que acha do espírito anedótico do povo carioca?

Pong — E' um sistema defensivo, que deve ser utilizado, como de fato tem sido. Feliz é o povo que sabe converter em pequenas comédias as amarguras de todos os dias.

Ping — Dos intérpretes de suas peças, quais os que mais destaca pelos tipos que criaram?

Pong — Jaime Costa, pelo seu D. João VI em «Carlota Joaquina»; Procópio, pelo João Gangorra de «Essa mulher é minha»; Sérgio Cardoso, pelo padeiro de «Canção dentro do pão» e Odilon Azevedo, pelo Pedro I° de «O Imperador Galante».

Ping — Voltará a candidatar-se à Academia Brasileira de Letras?

Pong — A resposta depende mais de meus amigos que são acadêmicos, do que de mim mesmo. Se êles me animarem, sim. Se não, não.

Ping — Vale a pena ser escritor no Brasil?

Pong — E' a mesma coisa que se você perguntasse se vale a pena ser pintor ou ser padre. Vocação é fatalidade. Não se pode contrariar, valha ou não valha a pena.

Ping — Mas o que é que mais compensa, quando se cede à vocação?

Pong — Escrever para o teatro.

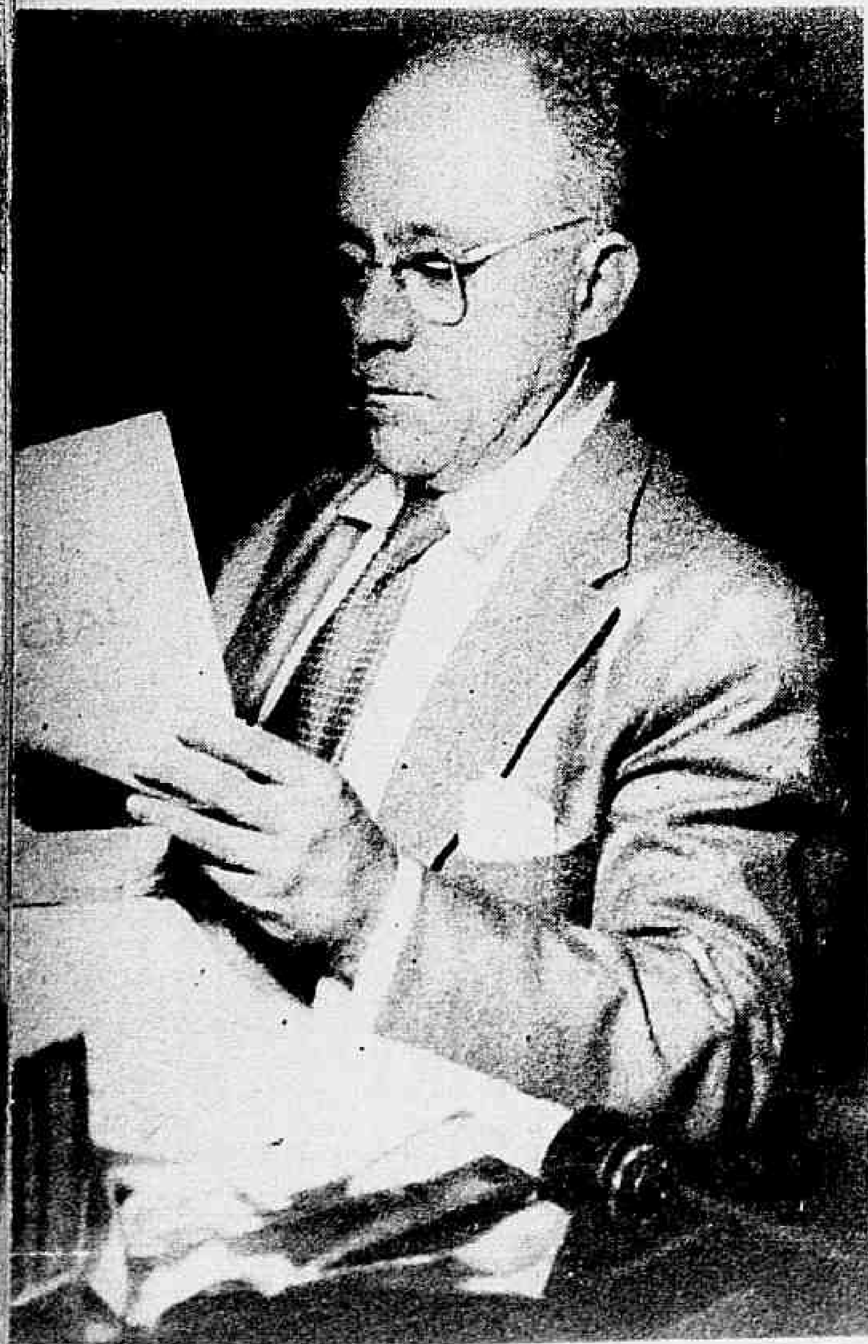
Ping — E o que é mais ingrato?

Pong — Escrever para crianças, dependendo de ilustrador e da lenta confecção de livros ilustrados. Meu último livro para crianças está sendo editado dez anos depois de ser escrito.

Ping — Que é que lhe parece mais triste na vida pública?

Pong — Um homem do povo precisar de pis-

Raimundo Magalhães Júnior em várias fases de sua atividade cotidiana, inclusive, tendo ao lado, sua espôsa, a escritora Lúcia Benedetti.









● Raimundo Magalhães Júnior, como todo bom brasileiro que se preza, faz um pouco de tudo. E' escritor, romancista, contista, teatrólogo, jornalista, está sempre às voltas com a SBAT, intenta processos, e como é claro, também é vereador. Dêste modo, pode êle ter um panorama completo da atualidade brasileira, ferindo com inteligência tôdas as questões que lhe são apresentadas. Autor dos mais representados, tem larga audiência no público, que conhece aquêles que prefere e admira, sabe distinguir com acêrto quais são os celebrados males do nosso teatro, e ao mesmo tempo aponta com eficiência o que transcorre de bom e de mau na famosa Gaiola Dourada. E' êste o homem que hoje temos diante de nós, numa «enquête» rápida mas extraordinàriamente proveitosa, de corpo inteiro, por assim dizer.

tolão para internar o filho tuberculoso ou a espôsa cancerosa.

Ping — E a maior vilania?

Pong — O indivíduo que dá o pistolão, pedir o título eleitoral do postulante e ficar com o mesmo prêso...

Ping — Há quem faça isso?

Pong — Que pergunta!

Ping — Acredita na sorte grande?

Pong — Como não! O Peixoto de Castro não a tira tôdas as semanas?

Ping — Você é parlamentarista?

Pong — Sempre fui.

Ping — Por quê?

Pong — Porque no parlamentarismo o executivo e o legislativo estão associados. E, quando se dissociam, o govêrno muda. No presidencialismo, pode haver a dissociação, ficando o govêrno paralisado, mas sem mudança. E não há lugar para Gregórios e outros bichos com um govêrno responsável...

Ping — Já foi ameaçado de morte?

Pong — Já. Mas sempre contei com a má pontaria dos meus inimigos. Contudo, acho que os meus vizinhos correm perigo.

Ping — Se você tivesse vinte milhões, que faria dêles?

Pong — Creio que estaria com a consciência por demais carregada para decidir.

Ping — Não crê então em dinheiro honesto?

Pong — Creio. O que não creio é que, honestamente, êle passasse a ser meu...

Ping — Qual o maior êrro da última legislatura na Câmara Municipal?

Pong — A votação do novo contrato da Companhia Telefônica. Um verdadeiro escândalo. Votei contra, neste, como noutros casos.

Ping — Quais os maiores brasileiros vivos?

Pong — Vila-Lobos, na música e Portinari, na pintura, parecem-me duas figuras sem paralelo. Há grandes brasileiros em outros campos. Mas êsses dois são excepcionais.

Ping — E das mulheres na Academia?

Pong — Acho que se a Academia entende de passar sem as mulheres, as mulheres também podem passar sem a Academia. Não que nada mereçam valores como Dinah Silveira de Queiroz, Maria Eugênia Celso, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Lúcia Miguel Pereira e tantas mais.

UMA LUTA DE QUARENTA ANOS

TEDDY DE OLIVEIRA

● **Não foi pròpriamente Luís de Barros quem provou o acêrto de suas conclusões sôbre o cinema brasileiro, foi uma fôrça bem mais expressiva (isso êle próprio reconhece) e que não admite contestações: o tempo! O tempo veio provar que Luís de Barros falava com conhecimento de causa tôda vez que se referia ao cinema nacional, analisando a posição da Vera Cruz, da Maristela, da Multifilmes, no cenário de nossa indústria de filmes. O veterano cineasta brasileiro, com a sua experiência, julgava com acêrto que essas iniciativas, se bem merecessem todo o nosso apoio, não eram suficientes para manter o cinema brasileiro. E por que pensava assim Luís de Barros? Porque êle e muita gente que, como êle, analisara (sem paixões) o assunto, vira que tais iniciativas pecavam pela base.**

Um grande cinema brasileiro sempre foi o sonho de Luís de Baros, que há quarenta anos atrás já mexia com cinema e desde essa época dedicou sua alma e coração a uma causa ingrata: fazer filmes no Brasil. Ninguém tem sofrido maiores decepções do que Luís de Barros, porque ninguém conseguiu êsse milagre por êle alcançado: viver de cinema nacional durante período tão longo.

Apesar da honestidade de seus propósitos, Luís de Barros tem sido combatidíssimo, (sim! êsse é o têrmo), pelos colegas e pela crítica que julgam seus filmes: apressados, mal dirigidos, inconsistentes e inexpressivos. Negam-lhe contribuição positiva ao desenvolvimento do cinema nacional e o tempo veio provar que a razão estava de seu lado, pois enquanto a Vera Cruz durante pequeno período fêz filmes endeusados e até internacionalmente aplaudidos, parou de repente sem solução para seu grave problema, e Luís de Barros continua realizando filmes que podem, é bem verdade, estar longe da classe «A», porém rendem nas bilheterias e animam a novos empreendimentos seus produtores. ... ...

É famosa a frase de Luís de Barros sôbre o panorama do cinema brasileiro. Êle tem dito que «no Brasil ainda não se pode fazer filmes como se deve, que se deve fazer filmes como se pode». Não se deve, isso sim, em nenhuma hipótese, parar de fazer filmes nacionais e deve-se lutar com real disposição para que êsses mesmos filmes sejam exibidos de acôrdo com as leis ditadas pelo govêrno para ampará-los.

Luís de Barros, no íntimo vive magoado com a crítica e com alguns colegas que lhe movem campanha sistemática. Esquecendo por vêzes essa gente maldosa, êle tem dado seu apoio a diversas iniciativas que visam lutar pelo cinema brasileiro, porém prefere lutar a seu modo: dentro dos estúdios, realizando filmes. É o diretor que mais ràpidamente faz um filme! Julgam isso desonroso para um cineasta que estudou em Paris e tem reais conhecimentos da Sétima Arte. Porém o mesmo Luís de Barros mantém dois títulos altamente honrosos: é um dos poucos diretores de filmes brasileiros que jamais deixou uma película pela metade e também aquêle que consegue maiores rendas nas bilheterias. Seus filmes sempre dão lucro, e isso lhe basta!

O veterano realizador está festejando quarenta anos de lutas pelo cinema brasileiro. Já perdeu a conta dos filmes que fêz e só pretende uma coisa: não parar, produzir sempre, enquanto discutem-no nos cafés...

O tempo provou que êle acertara nas suas conclusões sôbre os grandes estúdios e os filmes de orçamentos fabulosos. O tempo, um dia, lhe fará justiça!



O NEGÓCIO É «SEXY» — Assim pensa a curvilínea Dolores Donlan, «estrêla» do filme da United Artists, «Procurado por Homicídio», cujo enrêdo foi escrito pelo famoso autor de histórias policiais, Mickey Spillane. Dolores é «glamour» da cabeça aos pés.

FLAGRANTES DO CINEMA

Tudo que se disse sôbre o desinterêsse de Joe Di Maggio pela ex-espôsa Marilyn Monroe, parece destruído com a recente atitude do famoso jogador de beisebol, acompanhando aflito a operação que vem de sofrer a loura sensacional de Hollywood. Joe visitou Marilyn e conversou com ela durante meia-hora, ficando depois na sala de espera a tarde inteira aguardando as melhoras da ex-espôsa. Os amigos querem crer que foi precipitação o divórcio pedido por Marilyn, pois Joe está provando que amava-a de fato...

★

Mitzi Gaynor está muito triste com a Fox, mas talvez não saiba que o estúdio não «topa» seu namorado favorito, Jack Bean. O rapaz gosta de dar palpites e isso vem prejudicando imenso a carreira de Mitzi. A Fox contratou recentemente a bailarina loura Sheree North e não parece muito disposta a dar grandes oportunidades a Mitzi no futuro, se ela continuar, é claro, alimentando seu romance com o referido «play-boy».



KIRK, O BRINCALHAO — Kirk Douglas que anda muito eufórico desde que se casou com Ann Buydens, foi visitar seus colegas nos estúdios da Fox. Ei-lo na foto abraçando a mexicana Katy Jurado que participa de «A Lança Partida». Kirk e Katy sempre foram grandes amigos

FALA-SE EM HOLLYWOOD

Houve complicações durante o recente casamento do astro Guy Madison com a «estrêla» da TV americana, Sheila Connely. Guy na hora da cerimônia deu seu nome verdadeiro que é Robert Ozell Moseley e o juiz mexicano que celebrou o ato pôs suas dúvidas sôbre a legalidade do enlace. Guy conseguiu desfazer o impasse e levou sua nova espôsa para uma rápida lua-de-mel na Flórida. Enquanto isso, Gail Russel, ex-espôsa de Guy, continua sofrendo terrìvelmente dos nervos...

★

Betty Hutton explicou aos amigos que não podia continuar ao lado de Charles O'Curran por não admitir que o marido se envolvesse tanto na sua carreira cinematográfica. É difícil entender as artistas! Não foi a mesma Betty quem declarou a êsses mesmos amigos, algum tempo atrás, que Charles salvaria sua carreira com seus conselhos? Durma-se com um barulho dêsses...

★

Doris Day decidiu esclarecer que jamais teve qualquer discussão com Judy Garland por questões artísticas. A loura cantora que atualmente filma nos estúdios da Metro (emprestada pela Warner), ficou zangadíssima com a imprensa por haver estampado a notícia sem procurar saber se havia fundo da verdade. Doris não está em absoluto preocupada com a concorrência de Judy, embora o filme de Judy na Warner, «A Star Is Born», esteja rendendo milhões, tôdas as semanas, nos cinemas lançadores...

★

Lana Turner é uma criatura feliz ao lado de Lex Barker e êle não se diz menos em companhia de sua adorada Lana. Parece que o casamento dos dois foi uma coisa muito acertada...

★

Quem não conseguiu acertar com o seu casamento foi a atriz (lindíssima!) Faith Domergue, que vem de requerer separação de seu espôso, o diretor argentino Hugo Fregonese. Ela culpou a carreira cinematográfica dos dois como impecilho para a felicidade em comum...

DO CINEMA BRASILEIRO

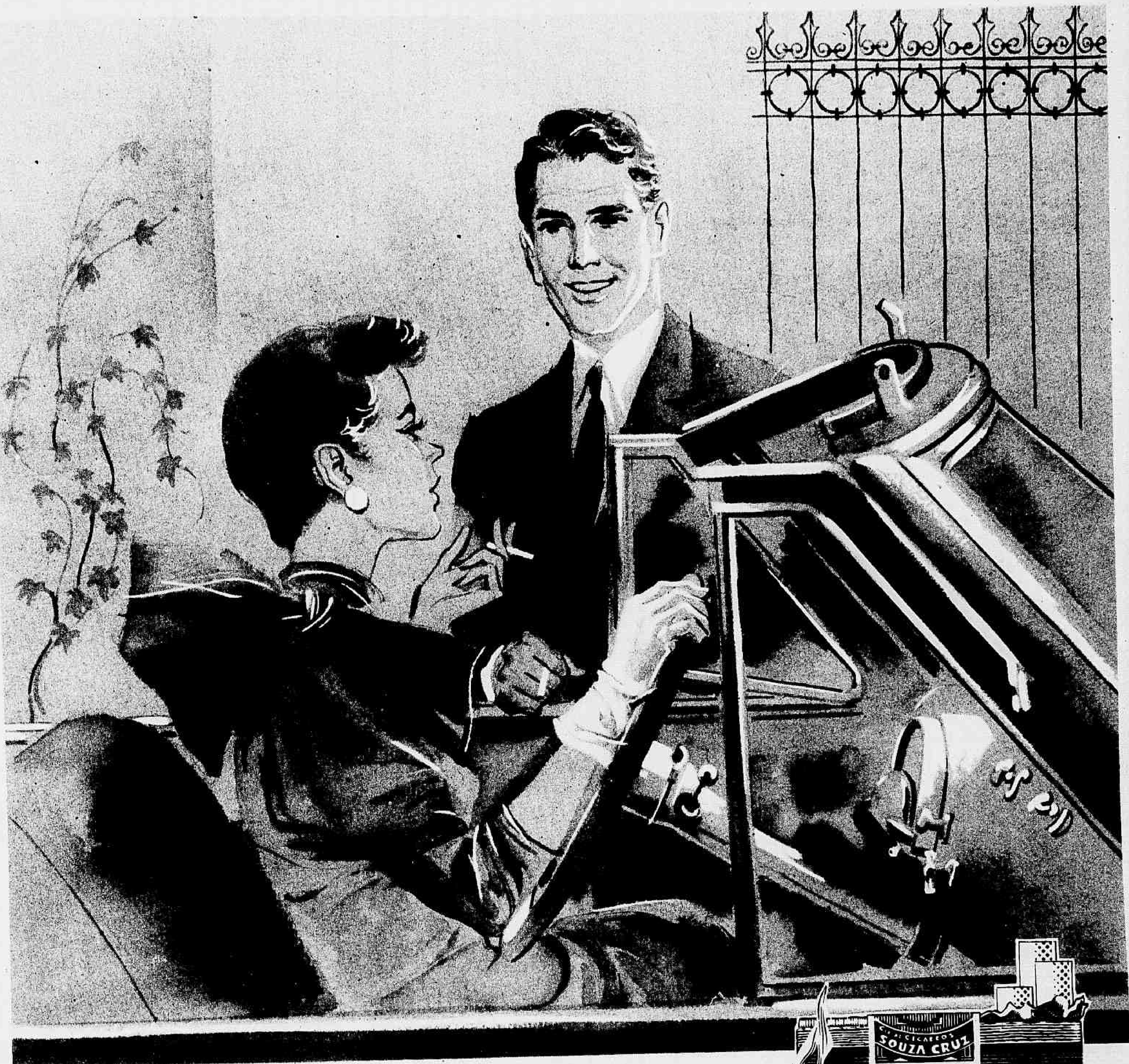
● Anuncia-se a produção para breve de «A Grande Aventura», novo filme brasileiro a ser rodado nos estúdios cariocas com direção do veterano Paulo Wanderley, dessa vez sem a colaboração de Jorge Iléli.

● Lima Barreto entregou a produção de «O Sertanejo» ao «barman» Joe Kantor (Nick Bar), que está nesse momento procurando levantar capitais para a realização da película que contará em seu «cast» com os seguintes artistas até agora escolhidos por Lima: Paulo Ruschell, Assis Valente, Araçary (espôsa do Diretor), Adoniram Barbosa e Eugênio Kusnet.

● Foi entregue ao Presidente Café Filho o relatório preparado pela Comissão de Cinema do Ministério da Educação. A explanação coube ao sr. Pedro Gouvêa Filho, do I.N.C.E., que mostrou, aliás, conhecimento profundo da grave crise que sufoca o cinema nacional. O projeto do Instituto Nacional do Cinema segue seu destino moroso no Senado sem que haja qualquer indício de que venha a ser aprovado nesses próximos meses.

● Tendo à frente Alex Vianny foi comemorado no Rio o «Dia do Cinema Brasileiro». O mesmo Alex foi homenageado com um almôço pelos seus vinte anos de crítica cinematográfica. A iniciativa partiu do Clube da Imprensa Cinematográfica que dêsse modo inaugurou em tarde de gala suas atividades. As inscrições para as próximas reuniões do Clube da Imprensa Cinematográfica podem ser feitas com o cronista Salviano Cavalcânti de Paiva, na revista «Manchete».

● Carlos Manga prepara-se para rodar nos estúdios da Atlântida o musical «Colégio de Brotos», estrelado por Oscarito. O realizador de «Matar ou Correr» empenha-se no momento em uma «luta verbal» com o cronista Moniz Viana que o estaria atacando injustamente pelas colunas do «Correio da Manhã». Joaquim Menezes, presidente da A.B.C.C., é amigo dos dois e não sabe o que fazer numa situação dessas.

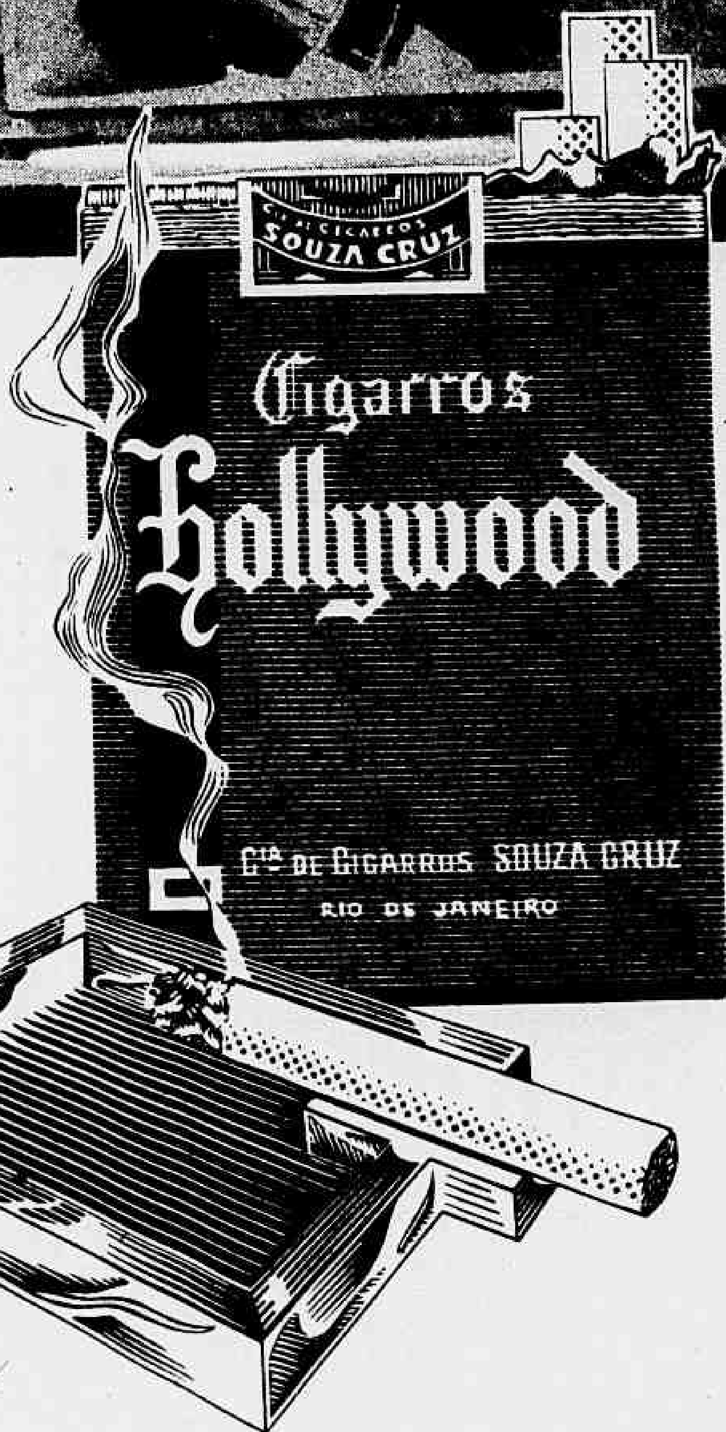


Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood



uma tradição de bom gôsto

H-88.288

Andorinha



Conto de LÚCIO CARDOSO **Desenho de DAREL**

AINDA a vejo, se fechar os olhos. Mas já sem realidade, como um ser que apenas acabamos de deixar, que podemos encontrar de novo daqui a pouco, que nos espera, que ainda pode rir e falar conosco. Apenas como um fantasma, o eco de alguma coisa que teve vida, que um instante — há tanto tempo — palpitou junto a nós, fêz soar na distância seu riso matutino, falou apenas algumas palavras... Triste criatura vinda do exílio e do abandono, alma informe e corpo mal iniciado em seu obscuro desabrochar, chamava-se Lili, Helena, Mariana, não sei mais...

Concordemos que tenha sido Lili, que eu a tenha encontrado na ilha há muitos anos, que ela me esperasse do alto da escada, tôda vestida de prêto, um avental branco amarrado à cintura, a parte mais alta cobrindo-lhe o busto. Aí está: por isto é que a chamávamos simplesmente de Andorinha. Por que, tôda de prêto, debruçada na alta varanda de nossa casa senhorial, a cavaleiro numa das encostas mais belas da ilha, parecia prestes a alçar vôo, o peito branco arfando de ansiedade, de vida estranha e infantil.

Era no inverno, chovia, todo o mar era um vasto mundo de cinza e bruma. Cabelos soltos, Andorinha olhava e via decerto o que ninguém via: a memória do sol no outro lado da baía, o adeus das últimas barcas que partiam, sons desgarrados pelo ar e que não chegavam a se constituir em música. Nada se movia em nosso jardim, entregue ao vento e à chuva, uma dessas chuvinhas persistentes, antipáticas, e que já durava há vários dias.

No primeiro ímpeto, quando sacudi o sino do velho portão de ferro, não vi Andorinha: só depois, quando impaciente repeti a chamada, pude ainda vê-la abandonando o abrigo em que se encontrava e desaparecer — sim, literalmente, desaparecer.voando — pelo terraço que conduzia à sala de jantar. Quando Madrinha veio me abrir a porta, perguntei quem era. «Ah, disse-me ela sorrindo, não a tinha visto? É filha daquela prima Antonieta, que fugiu para o Rio Grande do Sul...» Prima Antonieta fôra o caso secreto, a chaga da família. Sempre me falavam nela, da sua fuga para o Sul — e lá vinha o inevitável suspiro, as reticências, o mundo de sombra e de insinuação que acompanha sempre um mau destino. Não sei, nunca vi prima Antonieta. Mas nas longas noites da ilha, escutando o mar bater nas pedras e vendo a lua brilhar cada vez mais alta no céu — vejo-a sempre, essa grande e triste lua da minha ilha — costumava imaginá-la autoritária, veemente, apaixonada, um dêsses tipos que fazem girar a cabeça dos homens, que os arrastam a tôdas as fraquezas, que são capazes de todo o mal. Talvez tivesse razão, e a única vez que pude testemunhar o meu pressentimento, foi quando um retrato seu me caiu nas mãos, misturado a velhas coisas que jaziam num baú esquecido no quarto de Madrinha. Sim, era realmente um tipo forte e belo, uma dessas mulheres raras, dominantes e sonhadoras ao mesmo tempo, exatamente dessas que costumam uma vez por outra atravessar no caminho de certos homens... E era bem possível que eu ficasse o dia inteiro a admirá-la, caso Madrinha não surgisse inesperadamente — que faz você aí? — e me tomasse tudo, afirmando que aquelas coisas estavam enterradas há muito. Enterradas ou não, agora ressurgiam através do pequeno vulto de Andorinha. Vejo-a correr, subir as escadas, voar pela casa tôda, enchendo-a de gritos, de vozes e risadas. Era o primeiro mês que chegara do Rio Grande e, acostumada ao grande silêncio de nossa casa, Madrinha assustava-se, queixava-se do rumor que a pequena fazia, suspirava e reclamava os tempos antigos. Felizmente para nós, os tempos antigos estavam bem afastados, Andorinha devassava todo o quintal, recolhia braçadas de flôres do mato, aprisionava pobres insetos de asas furta-côres, não deixava Madrinha sossegar um só instante.

E pouco a pouco ela foi se afeiçoando à menina magra, travêssa, ardente, que viera de terras tão distantes. À noite, nos intermináveis lazeres que nos esperavam até a hora do chá, era a própria Madrinha quem puxava o assunto, com Andorinha caindo de sono: «No Rio Grande chove muito? E' verdade que lá cai neve? Mas neve de verdade, como a gente vê no cinema? E há muitas flôres na primavera?» Andorinha respondia cabeceando, nunca tinha ido ao cinema, mas jurava que talvez a neve fôsse até mais branca. Madrinha ria, e servindo o chá, indagava se ela sabia fazer muitos pontos. «Muitos» — mas não sabia coisa alguma, não tinha o menor jeito para bordados. «Esta menina devia ter nascido rapaz» — sentenciava Madrinha, corrigindo-lhe o modo de segurar a agulha. Andorinha, no entanto, aprendia com eficiência e rapidez.

Minha amizade com Andorinha foi um capítulo diferente. Não demorou, não foi ganha aos poucos, de assalto em assalto, como no caso de Madrinha. Foi de uma só vez, num jato, quando se pendurou ao meu pescoço e disse: «É mesmo, é verdade que você é meu tio?» Não sei mais o que respondi — talvez tenha dito que era mais do que tio, isto não importava. E ela queria saber, com bizarra minúcia, se tio podia ir com ela à praia, se podia correr de mãos dadas, furtar goiabas nos quintais alheios, apanhar estrêlas do mar, confeccionar misteriosos jardins no fundo do quintal. Como não, Andorinha? E era um prazer escolher as sementes mais raras, fuchsias e agapantos, esperando que a primeira folhinha rebentasse, enquanto sonhávamos dias seguidos com as flôres que viriam depois. Havia outros prazeres, jogos de esconder, namoros com os meninos da vizinhança, cartas trocadas junto à palmeira grande do jardim, fictícios passeios de tilburi, a capota arriada. De tudo isto, eu participava como conselheiro ou testemunha. E rápidas, dálias enormes floriam nos canteiros maltratados.

Andorinha criava de tudo em casa: um casal de bezouros que, certa noite, inesperadamente, havia batido com estrépito sôbre a mesa, duros, azuis como safiras de intensa côr marinha. Um pombo triste, com a asa machucada, de pequenas e ternas pupilas vermelhas, tão dócil que vinha comer arroz em nossas mãos. Um pato, já bastante pesado e velho, que corria assim que a menina apontava no quintal. E finalmente dois gatos esganiçados, famintos, marcados por cruéis peladas, que sugavam àvidamente todo o leite destinado à própria Andorinha. Não sei que espécie de conversa mantinha ela com essa população variada, mas tenho certeza de que para cada um possuía epitetos especiais, nomes de que só ela sabia o segrêdo, combinações de sílabas estranhas, apelidos raros cuja ternura revelava uma alma cheia de maravilhosos recantos.

Posso garantir agora que, apesar de tudo, a grande amizade de Andorinha foi por mim; talvez porque eu cuidasse de sua saúde, porque a obrigasse a tomar religiosamente todos os xaropes recomendados à sua bronquite crônica, ou então porque lhe contasse tôdas as noites, intermináveis histórias de bichos e fadas. Não sei, estas coisas não se sabem nunca. Céu estranho e sem conformidade, a alma infantil varia ao sôpro do primeiro vento que passa. O certo é que, tendo deitado todos os seus miúdos amigos, enrodilhava-se aos meus pés, cabecinha nos meus joelhos, esperando. Que esperava? Apenas fecho os olhos de novo, ouço a chuva batendo contra a vidraça e o pesado relógio soando no fundo da cozinha. Andorinha, lembra-se? Eu gostava de lhe mentir, de afirmar que ela nunca estivera no Rio Grande do Sul, que nascera ali mesmo, no porão escuro. Ela se irritava, jurava que se lembrava muito bem de tudo, que viajara num navio, que até se lembrava de só ter visto, durante muito tempo, o céu e o mar. Eu repetia que ela apenas tinha sonhado, que nunca saíra dali, que tôda a gente da ilha a conhecia. Ela se enfurecia, batia-me no peito: «Tio, tio, você é mau!» Saíamos pela manhã, íamos ao banho de mar. Ela não se aventurava muito longe, ia agarrada ao meu pescoço, dando gritos de terror assim que se avizinhava uma onda mais alta. Voltávamos arfantes, colhendo plantas e frutas selvagens pelo caminho. E Andorinha fartava-me de perguntas: «Tio, porque o mar é tão grande? Geléia de araçá é bom?» Madrinha nos esperava da varanda. «Porque se demoraram tanto?» Meu Deus, o almôço já vai para a mesa».

Lembro-me muito bem de quando chegou a famosa carta de nomeação. Madrinha foi correndo buscar os óculos — leia isto direito para mim, sim? — e Andorinha muda, atônita, contemplava-nos já com uma mágua que não se ocultava. Pois não era o nosso segrêdo, o primeiro segrêdo de que ela não participava? A verdade é que eu há muito pleiteava um lugar

no Rio, onde pudesse ganhar um pouco mais do que conseguia com os doentes da ilha. Sabia que Madrinha não andava muito bem de finanças e que, depois de ter custiado meus estudos, andava precisando de auxílio. Ali estava pois, a resposta — e naquele dia tomeia-a nos braços, rodei-a de quarto em quarto, anunciando um futuro melhor, estadia na cidade, melhoramentos na casa da ilha. «Iremos ao teatro, Madrinha, há muito não vamos a um teatro». Madrinha exausta, pretextando um sufocamento, abateu-se na poltrona, enxugando uma fugitiva lágrima de felicidade. Andorinha, imóvel, encostada à porta, fitava-nos sem ter podido ainda compreender a catástrofe. Só quando Madrinha se retirou e foi guardar a almofada e os bilros, foi que ela se aproximou: «Que havia neste envelope?» «Uma nomeação, Andorinha». «Que é uma nomeação?» Expliquei-lhe tudo. Vi num relance, todo o mal que tinha feito. Uma sombra repentina alagou de um só jato o rosto calmo da menina. «Quer dizer que vai nos deixar?» Concordei que sim, devagar, pela primeira vez imaginando, longinqüamente, o que se passava naquele pequeno e doloroso coração. Não me disse mais nada, afastou-se, não me chamou àquele dia para as costumadas brincadeiras, preocupado com a minha bagagem — onde iria pôr todos aquêles livros, os cadernos, as amostras de que tanto necessitava? — não pude prestar muita atenção à minha pequena companheira. O resto do tempo, gastei-o com os doentes que deixava na ilha. Quando voltei, ainda sobravam alguns últimos pacotes a serem feitos. E' verdade que uma vez ou outra, furtivamente, eu a vi tratando dos besouros ou dando de comer ao pombo. Mas fazia estas coisas em silêncio, sem os gritos e algaravias habituais. Madrinha espantou-se, chegou a perguntar: «Que é que esta menina tem?» E como Joana, a empregada, sugerisse que ela não tinha nada, que estava até muito bem e criando juízo, balançou a cabeça, dizendo que conhecia tais sintomas: Andorinha estava precisando de um purgante. E naquela noite, teve febre mesmo, uma inexplicável febre. No estreito quarto onde dormia, cheio de gaiolas, de caixas e bonecas esfarrapadas, fui visitá-la e experimentar-lhe o termômetro. Assim que viu o resultado, Madrinha bradou: «Não disse?» — e foi logo preparar um suadouro. Aplicado o tal suadouro, Andorinha não melhorou — adormeceu, é verdade, mas de um sono agitado e estranho, durante o qual murmurava palavras desconexas, frases que ninguém entendia, ditas naquela linguagem que ela conversava com os bichos. Recolhemo-nos inquietos também. No dia seguinte, bem cedo, fui vê-la. Já estava de pé e, muito magra e pálida sob a longa camisola de dormir, contemplava a chuva na vidraça. Brinquei, a fim de disfarçar a minha emoção: «Que dia tão feio, heim Andorinha?» Ela se voltou e me disse apenas: «E' hoje que você vai?» Disse que sim, e ela teve um estremecimento, o que me fêz suspeitar que ainda possuia uns restos de febre.

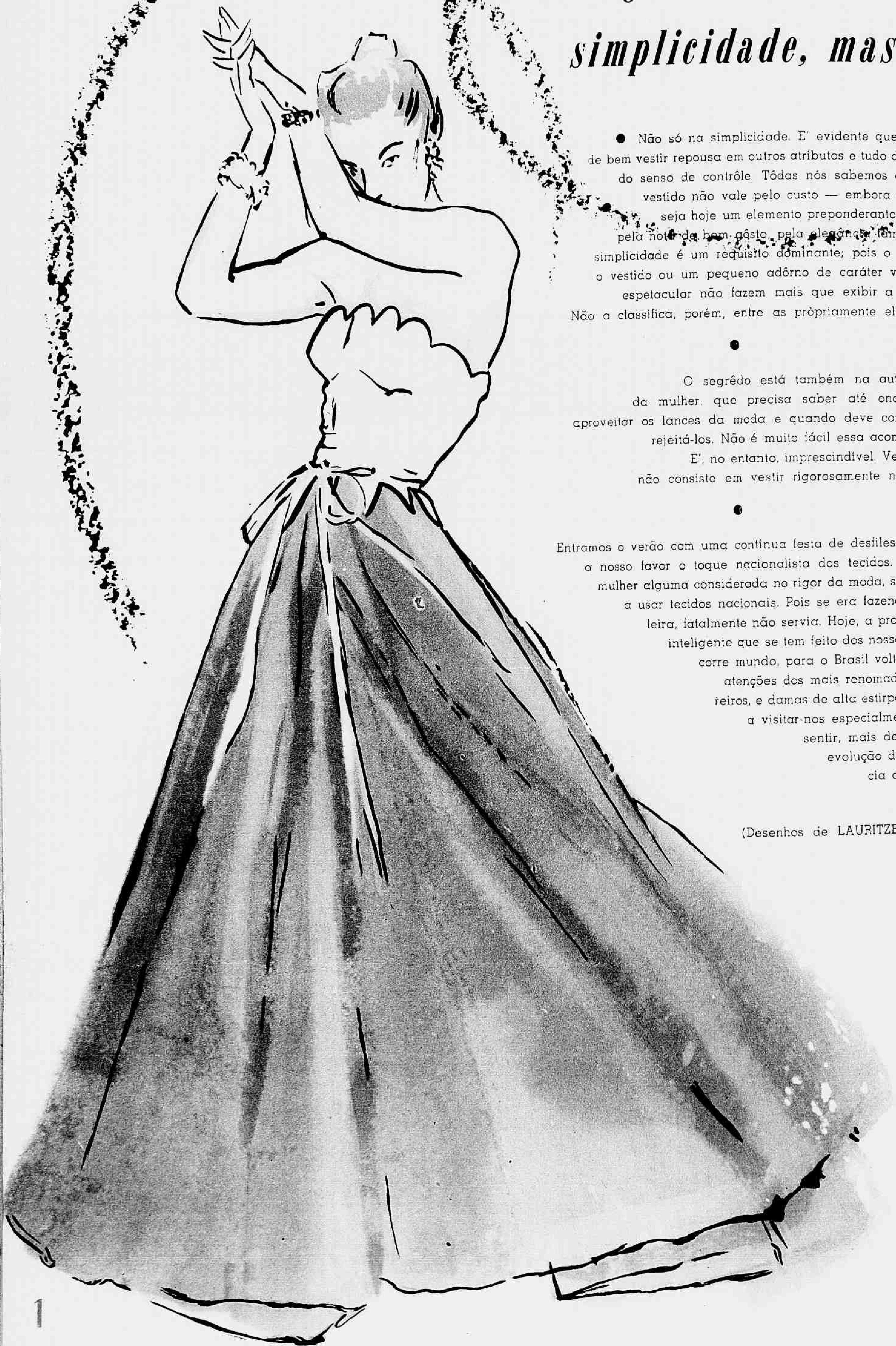


Oh, como somos incertos e tolos, como nada sabemos do coração humano, como nos escapa tôda a delicada engrenagem que conduz os sentimentos a tantos jogos essenciais do destino! Andorinha tinha febre alta e, durante todo aquêle dia, enquanto procurava dormir, agasalhada sob uma espécie de manta, jaziam abandonados os besouros, o pato, todos os brinquedos. Sob a chuva, desfolhavam-se as rosas, pesadas dágua.

Eu não devia perder a última barca que saía, pois havia prazo marcado para me apresentar. Além do mais, confesso que julguei aquela febre apenas um mal passageiro, uma gripe sem consequências. Andorinha não respeitava coisa alguma, vivia sob a chuva, chapinhando nos charcos, indiferente às leis da temperatura. Rabisquei uma receita e fiz algumas recomendações finais à Madrinha. Finalmente, depois de hesitar um minuto, resolvi despedir-me de Andorinha. Estava disposto a lhe dizer que jamais esqueceria as minhas, as nossas férias.

Dormia, ou fingia dormir, olhos fechados. Beijei-lhe a fronte e, sentindo que nenhuma palavra mais adiantaria à nossa juvenil amizade, prometi que voltaria dentro de alguns dias. Mas prometia em vão, sabia muito bem que estavam acabados para sempre os belos dias de sol, as correrias pela praia, os furtos de goiaba, tudo. Uma outra vida começava para mim. Fui para a ponte das barcas com o coração levemente trânsido, sem conseguir explicar a causa do meu mal-estar. Inclinei-me à amurada, espiando o movimento surdo e oleoso das vagas que vinham lamber o paredão. A chuva, em cortinas cerradas, varria tôda uma enorme e desolada extensão. Não sei quanto tempo fiquei assim, rememorando coisas de minha vida, sentimentos, idéias sôltas. De repente, senti que alguém me tocava. Voltei-me: era ela, era Andorinha. Vinha envôlta num capote escuro que fôra de sua mãe, e de que jamais consentira em se separar. Tremia, os grandes olhos vermelhos de febre. Tomei-a nos braços, procurando protegê-la da chuva que a enxarcava. Como tivera coragem, como pudera fazer aquilo? Não sabia que estava doente, que sofria de uma bronquite crônica? E lá em casa, que estaria pensando Madrinha? Decerto merecia um castigo, já estava muito crescida para se permitir aquelas travessuras. Enquanto eu falava, ela me fitava apenas, e não dizia nada. Dir-se-ia que era inteiramente insensível às minhas palavras. Mas tremia, muito magra, agasalhada entre minhas mãos. Afinal, num acesso de desespêro, ouvindo a barca que já apitava próximo, comecei a sacudi-la, murmurando alguma coisa, desatinado. Ela voltou para mim seus olhos tristes, indefesos, onde se lia uma súplica que eu não compreendia. «Não podia ficar, tio, seria horrível» — murmurou finalmente. Os apitos se tornavam cada vez mais próximos, já eu ouvia as grandes rodas da barca cortarem pesadamente as águas. Coloquei-a no chão, bradando: «Mas eu não posso levá-la!» Então, selvagem, ela se abraçou a mim, soluçando: «Leve-me, serei tudo para você, servirei até de criada. Não sabe ainda que eu o amo, que o amo como a mais ninguém neste mundo?» Desprendi-me, afastei alguns passos, estupefato. Não, não podia compreender, as paixões eram naquele tempo vedadas ao meu conhecimento. E como podia imaginá-las naquele precoce coração, naquela triste alma que já se revelava tão ardente e solitária? Sei apenas que de repente entrevi um abismo naquele pequeno ser desmantelado, naquela miúda figura trêmula de febre, que me fitava cheia de angústia, o rosto inundado pela chuva. Cheia de angústia, mas também de sentimento e de coragem. Nela vi então a imagem da prima que fugira, seu destemor, sua paixão, sua alma estranha. Tudo renascia em Andorinha, também misteriosa e agreste. Qualquer coisa rompeu-se dentro de mim, senti-me tonto, apertei-a entre os braços com uma fôrça que desconhecia, exclamando: «Criança! Criança! Criança!»

O segrêdo está na simplicidade, mas...



Não só na simplicidade. E' evidente que a arte de bem vestir repousa em outros atributos e tudo depende do senso de contrôle. Tôdas nós sabemos que um vestido não vale pelo custo — embora o preço seja hoje um elemento preponderante — mas pela nota de bom gôsto, pela elegância também. A simplicidade é um requisito dominante; pois o chapéu, o vestido ou um pequeno adôrno de caráter vistoso e espetacular não fazem mais que exibir a mulher. Não a classifica, porém, entre as pròpriamente elegantes.

O segrêdo está também na auto-crítica da mulher, que precisa saber até onde pode aproveitar os lances da moda e quando deve começar a rejeitá-los. Não é muito fácil essa acomodação. E', no entanto, imprescindível. Vestir bem não consiste em vestir rigorosamente na moda.

Entramos o verão com uma contínua festa de desfiles e temos a nosso favor o toque nacionalista dos tecidos. Outrora, mulher alguma considerada no rigor da moda, se atrevia a usar tecidos nacionais. Pois se era fazenda brasileira, fatalmente não servia. Hoje, a propaganda inteligente que se tem feito dos nossos panos, corre mundo, para o Brasil voltam-se as atenções dos mais renomados costureiros, e damas de alta estirpe chegam a visitar-nos especialmente para sentir, mais de perto, a evolução de elegância da mulher patrícia.

(Desenhos de LAURITZEN BERN)

1 Vestido de «grès», próprio para a noite, em organdi de dois tons. O corpo, recortado em renda, cai sôbre a saia, bastante rodada. Uma fita à cintura, terminando por um nó na parte da frente.



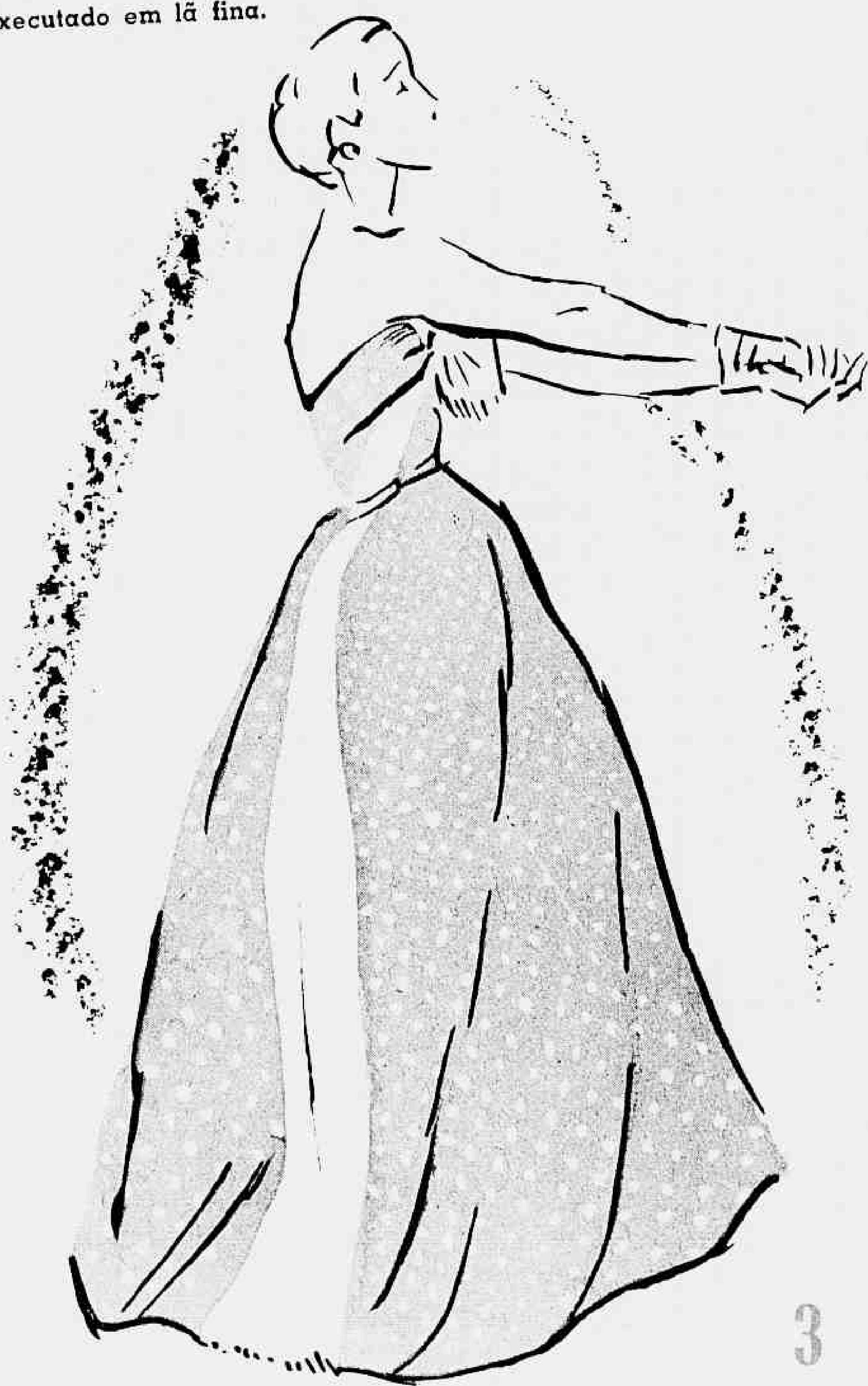
2 Chapéu ornado com flôres, muito próprio para o verão. A aba termina na parte de trás por uma presilha.

3 Organdi com «pois» brancos é o tecido que melhor se adapta para êste vestido de Jacques Fath. Duas largas fitas brancas adornam o corpo. O organdi e as fitas são de Marcel Guillemin. O efeito é, realmente, bonito.



2

4 A gola que se alarga e desce pelas costas, é uma das características dêste casaco abotoado em baixo e aberto dos lados, criação de Hubert de Givenchy. O modêlo pode ser executado em lã fina.



3



4

FORTUNA (que estudou pela antiga) APRESENTA:

CARTILHA A



Ivo vê a ~~uva~~ AVA



Naná gosta de ~~nata~~ NAT



Léa dá a bola para ~~João~~ JOHN



José é um ~~rapaz~~ PLAY-BOY
Maria é uma ~~moça~~ COCACOLA-GIRL

b e - BE
b o - BOP



Fifi não viu a fita
Bibi é bobo?

assa E
aco e
a
asa e

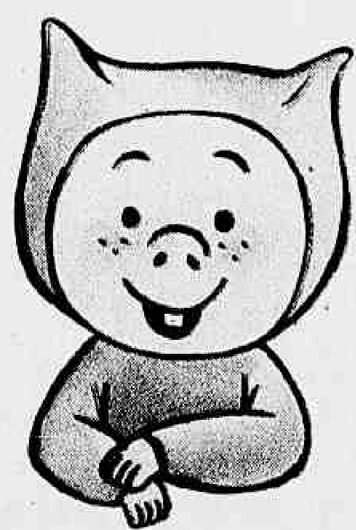


Carl

A ma

ATUALIZADA

PARA A NOVA GERAÇÃO



bêbê



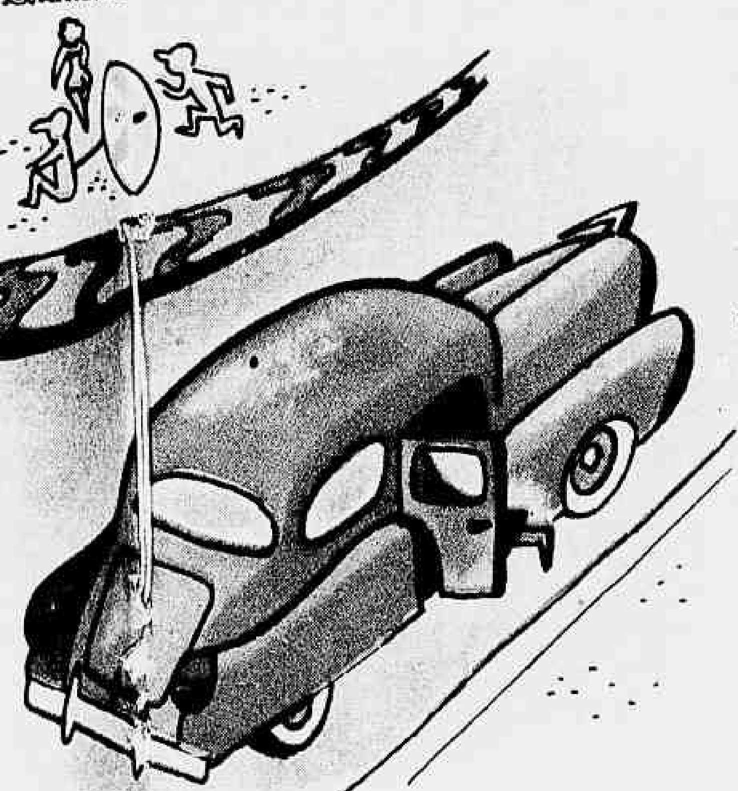
baby

O bêbê bebe leite
Baby bebe na buate

a ESSO issa ossa ussa
o eco ICA oca uca
e i OIL u
a esa isa osa U.S.A.

PRIMEIRAS LETRAS

SUNDAE
GOAL
DISC JOCKEI
DANCING
WHISKY AND SODA
GIRL
POKER
ICE CREAM
BLACK TIE
TAXI
FOX
LONG PLAYING
MILK SHAKE
SNOOKER
SWEATER
SHORT
JAM SESSION
DOLLAR!



Carlos dá carona para Cora.
A marca do carro é cara.



A marca de Cora está na cara.



O carro é do pai de Carlos.
O ôlho rôxo é do pai de Cora.

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Desenho de RAMÓN

ÊLE acaba por merecer você. E você quererá que êle seja um homem de proveito... Vamos, confessa, não disseram a você que já me contaram tudo?

— Mas... se não há que contar.

— Então você tem segredos para seu pai? — disse olhando-a carinhosamente e em tom de queixa. Isto animou Maria a responder-lhe:

— Pois já não disse o senhor que lhe contaram tudo?

Meu pai guardou silêncio algum tempo. Dir-se-ia que lhe pesava alguma recordação. Subiam pela estrada da horta, quando ela o ouviu dizer:

— Pobre Salomão!

E ao mesmo tempo passava uma de suas mãos pela cabeleira da filha de seu amigo.

Durante a ceia daquela noite, ao encontrar eu o olhar de Maria, começou êle a revelar-me o que havia se passado entre ela e meu pai. Às vêzes permanecia pensativa, e acreditei notar que seus lábios pronunciavam em silêncio algumas palavras, como costumava fazê-lo, distraída, com os versos que lhe agradavam.

Meu pai tratou, enquanto lhe foi possível, de tornar menos difícil a situação do sr. de M. e de seu filho que, pelo que se notava, havia falado com dom Jerônimo sôbre o sucedido à tarde: todo esfôrço foi inútil. Havendo dito desde pela manhã ao sr. de M. que madrugaria no dia seguinte, insistiu em que tinha necessidade de estar muito cedo na sua fazenda, retirando-se com Carlos às nove da noite, depois de haver-se despedido da família no salão.

Acompanhei meu amigo ao seu quarto. Todo o meu afeto para com êle havia revivido nessas últimas horas de permanência em nossa casa: a fidalguia de seu caráter, essa fidalguia de que tantas provas me deu durante a nossa vida de estudante, redimia-o diante de mim. Quase me parecia esgotada a reserva que me havia visto forçado a usar para com êle. Se quando tive notícias de suas pretensões, dizia-me eu, houvesse dito a êle meu amor por Maria, e o que naqueles três meses ela havia chegado a ser para mim, êle, incapaz de arrostar as predições fatais feitas pelo médico, teria desistido do seu intento. E eu, menos inconseqüente e mais leal, nada teria que lançar-me em rosto. Logo, se não as compreende já, terá de conhecer as causas da minha reserva na ocasião em que esta reserva tanto mal pode lhe ter feito. Estas reflexões me constrangiam. As indicações recebidas de meu pai para manejar êsse assunto eram tais, que bem podia fazer-me sincero a respeito delas. Mas não: o que em realidade acontecera, o que teria de suceder e sucedeu, foi que êste amor, senhor de minha alma para sempre, havia-a tornado insensível a qualquer outro sentimento, cega a tudo o que não viesse de Maria.

Assim que ficamos sós no meu quarto, disse-me tomando todo o ar de franqueza estudantil, sem que em sua fisionomia desaparecesse por completo a contrariedade que denunciava:

— Tenho de me desculpar contigo de uma falta de confiança na tua lealdade.

Já desejava ouvir a confidência tão temida por mim um dia antes.

— De que falta? — respondi — não reparei nisto.

— Não reparaste?

— Não.

— Não sabes a que propósito eu e meu pai viemos aqui?

— Sim.

— Estás a par do resultado da minha proposta?

— Não muito bem. Porém...

— Mas o adivinhas?

— E' verdade.

— Bem. Então porque não falei contigo sôbre o que pretendia, antes de falar com qualquer pessoa, antes de consultar sôbre isto ao meu pai?

— Uma delicadeza exagerada de tua parte...

— Não há tal delicadeza; o que houve foi vileza, imprevisão, esquecimento... o que quiser. Porém isto não tem o nome que dás.

Passeou pelo quarto, detendo-se diante da poltrona que ocupara momentos antes.

— Ouve, disse, e admira-te da minha ingenuidade. Também não sei para que diabo adianta a um viver durante vinte e quatro anos. Há pouco mais de um ano separei-me de ti para vir ao Cauca, e oxalá houvesse te esperado como tanto desejavas. Desde minha chegada em casa fui motivo das mais obsequiosas atenções da parte de teu pai e de tôda tua família. Viam em mim um amigo teu, porque disseste a êles que espécie de amizade nos unia. Antes que viesse, vi duas ou três vêzes Maria e tua irmã, ora em visita à minha casa, ora aqui. Há um mês que meu pai me falou do prazer que eu lhe daria tomando por espôsa uma das duas. Tua prima havia extinto em mim, sem saber, tôdas as recordações de Bogotá que tanto me atormentavam, como te diziam minhas primeiras cartas. Combinei com êle que pedisse para mim a mão da senhorita



RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epiléticos, e que a vertigem que tivera fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, e encontra em casa Carlos, que pretende a mão da moça. Debulhada em prantos, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, dizendo que é doente e que jamais pretende contrair matrimônio. Numa conversa posterior, Carlos vem a saber que Efraim ama Maria. Retira-se Carlos, indo Maria informar Efraim de tudo o que se passou. Efraim confessa que é amigo de Carlos e que lhe perdoa tudo.

Maria. Porque não procurei te ver antes? Bem, é verdade que a prolongada enfermidade de meu pai me deteve na cidade, mas porque não te escrevi? Sabes por quê? Acreditava que ao fazer-te a confidência de minhas pretensões, era como exigir-te algo a meu favor, e o orgulho me impediu isto. Esqueci que era meu amigo; terias direito — e o tens — de esquecê-lo também. Porém se tua prima me houvesse amado, terias consentido que ela fôsse minha mulher? Ora, sou um tolo em te perguntar isto, e és muito esperto em não me responder nada.

— Olha, acrescentei depois de um instante em que estive debruçado à janela, sabes que não sou homem de se deixar morrer por estas coisas. Lembra-te que sempre me ri da fé com que falavas sôbre as grandes paixões daqueles dramas franceses que faziam dormir quando tu os lia para mim naquelas noites de inverno. O que há é outra coisa. Eu tenho que me casar, e acalentava-me a idéia de entrar em tua casa, de ser quase um irmão teu. Não aconteceu assim, porém em troca procurarei uma mulher que me ame, sem que me torne merecedor do teu ódio.

— De meu ódio! exclamei, interrompendo-o.

— Sim, desculpe minha franqueza. Que criancice. Não, que imprudência teria sido colocar-me em semelhante situação. Belo resultado: problemas para tua família, remorsos para mim, e a perda de tua amizade.

— Muito deves amá-la, continuou depois de uma pausa. Muito, se bem que poucas horas me tenham bastado para saber disto, apesar do quanto procuraste me ocultar as coisas. Não é verdade que a amas assim como acreditaste amar quando tinhas dezoito anos?

— Sim, respondi seduzido pela sua nobre franqueza.

— E teu pai o ignora?

— Não...

— Não? — perguntou admirado.

Então contei a êle a entrevista que havia tido com meu pai antes.

— Assim arrostas tudo? — perguntou maravilhado, apenas concluí minha narração. E essa enfermidade, que provàvelmente é a de sua mãe? Irás talvez passar metade de tua vida sentado em cima de uma sepultura?

Estas últimas palavras fizeram-me estremecer de dor, pronunciadas que haviam sido pela bôca de um homem que só podia ter afeto por mim. Por Carlos, a quem nenhuma alucinação enganava, tinham uma solenidade terrível, mais terrível ainda do que se êle não tivesse constatado o feito diante de mim.

Levantei-me, e ao oferecer meus braços a Carlos, êle me apertou com ternura. Separei-me sufocado de tristeza, porém livre de remorso que me humilhava quando nossa conferência havia começado.

Voltei ao salão. Enquanto minha irmã ensaiava na guitarra uma valsa nova, Maria me referiu a conversação que no regresso do passeio havia tido com meu pai. Nunca havia se mostrado tão expansiva comigo: recordando êsse diálogo, o pudor lhe velava freqüentemente os olhos e o prazer descerrava seus lábios.

XXIX

A chegada do correio e a visita dos senhores de M. haviam aglomerado o serviço no escritório de meu pai. Trabalhamos durante todo o dia seguinte, quase sem interrupção; porém no momento em que a família se reunia na sala de jantar, os sorrisos de Maria me faziam doces promessas para a hora do descanso. E era isto o que me fazia leve até o mais penoso dos trabalhos.

Às oito da noite acompanhei meu pai até a alcova, que respondendo ao meu boa noite de costume, disse:

— Já fizemos algo, mas ainda nos falta muito. Assim, até amanhã muito cedo.

Em dias como aquêle, Maria me esperava sempre no salão, conversando com Ema e minha mãe, lendo a esta algum capítulo da «Imitação da Virgem» ou ensinando orações aos meninos.

Parecia-lhe tão natural que eu passasse aquêles momentos ao seu lado, que os concedia como algo que lhe era impossível negar-me. No salão ou na sala de jantar reserva-me sempre um lugar ao lado do seu, e um tabuleiro de damas ou um baralho que nos servia de pretexto para conversar sòzinhos, menos com palavras do que com olhares e sorrisos. Então seus olhos, com extrema languidez, não fugiam aos meus.

— Viste teu amigo esta manhã? — perguntou-me procurando achar a resposta em meu semblante.

— Sim, porque perguntas isto agora?

— Porque não o pude fazer antes.

— E que interêsse tens em sabê-lo?

— Insistiu êle para que lhe pagasses a visita?

— Sim.

— E irás?

— Certamente.

— Êle te quer muito, não é?

— Assim o acreditei sempre.

— E ainda o crês?

— Por que não?

— Gostas dêle tanto quanto estavas no colégio?

— Sim... Mas porque falas disto hoje?

— E' porque eu quisera que você fôsse sempre amigo dêle, e que êle o continuasse sendo teu... Mas não terás dito nada a êle.

— Nada de que?

— Disto.

— Disto que?

— Sabes bem o que eu quero dizer. Não falaste, não?

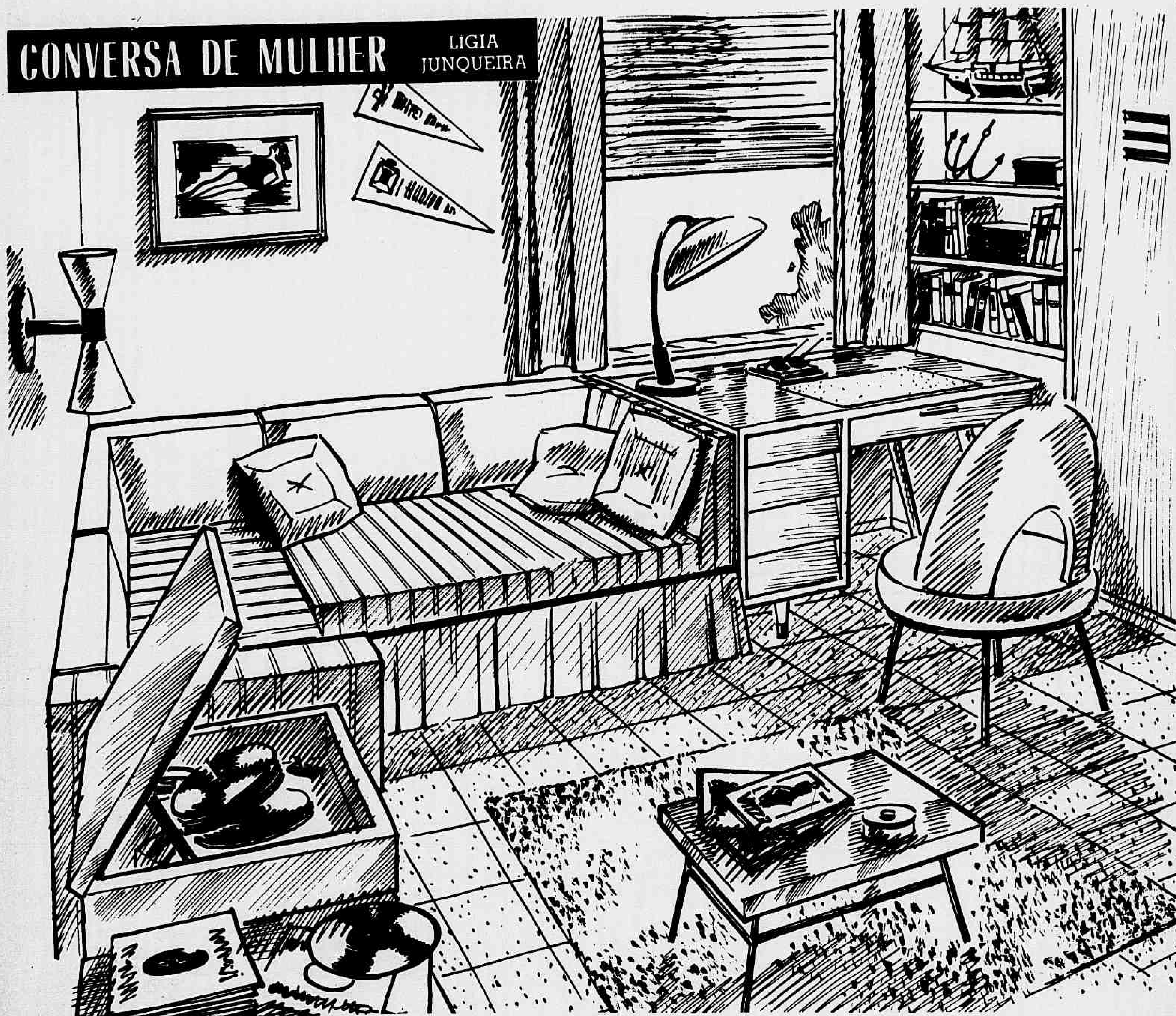
Eu me divertia com a dificuldade que ela encontrava para perguntar-me se havia falado a Carlos sôbre nosso amor, e respondi:

— E' a primeira vez que não te entendo.

(Cont. na página 50)

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



SUGESTÃO PARA O LAR

● Para um rapaz adolescente eis um ambiente simpático e acolhedor, com arrumação que denota um certo quê de displicência, muito apreciado nessa idade. Caracteriza todo o conjunto o emprêgo de côres vivas dominantes.

● As camas, de espaldares fixos, foram recobertas por colchas em azul, listrado de vermelho. Os almofadões na mesma tonalidade das listras vermelhas, e as pequenas almofadas em côres diversas, bem vivas. A escrivaninha é de imbuia, assim como as portas do armário embutido (só aparece um pedaço, à direita).

● Em madeira mais clara a mesinha de centro e o toca-discos. Em ferro esmaltado de negro são os pés da mesinha e da poltrona. Esta tem o assento vermelho e o encôsto amarelo-ocre. A estante de livros, embutida ao lado da escrivaninha, é enfeitada com adornos indicados para um quarto de adolescente: barcos, âncoras, etc.

Notinhas úteis

ROUPAS DE LÃ — Para que as roupas de lã não fiquem endurecidas com as muitas lavagens (principalmente as roupinhas de criança) — devem ser lavadas com sabão neutro, e postas para secar longe de qualquer fonte de calor (sol, fogão, etc.). Não devem ser passadas a ferro.

MANCHAS DE VINHO — As manchas de vinho sôbre tecido branco devem ser primeiro recobertas com um pouco de sal fino. Depois lavam-se com água e sabão neutro. Finalmente serão banhadas com água oxigenada. Lave e enxague tôda a peça, e ponha para secar.

MANCHAS DE TINTA — Também dá resultado tirar as manchas de tinta com água oxigenada, depois de tê-las lavado com água e sabão. Porém, isso só se aconselha para roupas de côr branca, pois a água oxigenada descora as côres.

CHAPÉUS DE PANAMÁ — Os chapéus de panamá ou de palha lavável devem ser lavados com água filtrada, um pouco morna, onde se dissolveu sabão branco de boa qualidade. Depois enxague bem, sempre com água filtrada.

UM POUCO DE BELEZA

SEJA MAIS BELA DURANTE O VERÃO



● *Aproximam-se os dias quentes, ocasião em que procuramos andar o mais à vontade possível, principalmente quando temos que passar o dia todo fora de casa, no trabalho ou estudo. Vestidos, sapatos e penteados práticos é o que tôdas desejamos durante o verão. As casas de modas e os figurinistas apresentam um sem número de novidades mas convém, antes de usá-las, ver se realmente se adaptam ao nosso tipo.*

● *Os sapatos tipo chinelo continuam em moda mas o ideal seria que só fôssem usados por aquelas que tivessem pés realmente bonitos.*

● *O sol ardente e a água do mar estragam muito os cabelos e a pele. Não devem ser descuidados, procurando-se aplicar-lhes diàriamente um bom creme ou óleo.*

● *Os vestidos decotados e sem alças são ideais para esta estação mas também devem ser usados com muito cuidado para evitar a exposição desnecessária de ossos ou carne em demasia.*

● *As bôlsas, sapatos e adornos para vestidos, continuarão êste verão a serem confecionados em sua grande maioria em lonita ou palha, em côres vivas.*

● *Os estampados apresentados em sêdas, linhos e algodões, são realmente maravilhosos e sugerem grande variedade de modelos.*

● *Durante os dias quentes, convém não exagerar muito a maquilagem porque, com o suor, estraga-se ràpidamente e dá um aspecto desagradável. Também é necessário renová-la mais vêzes por dia. Os tecidos estampados também estão na ordem do dia para a confecção de "maillots", tornando-se menos dispendiosos porque poderão ser feitos em casa.*



WEEK-END NA COZINHA

SORVETE COPACABANA:

½ litro de leite quente, 3 ovos, 9 colheres de sopa de açúcar, 1 colher de chá de farinha de trigo, 1 colher de chá de essência de baunilha, 250 gr. de creme de leite fresco.

Bata as gemas com a metade do açúcar e a farinha de trigo, até formar uma pasta. Junte aos poucos o leite e leve ao fogo, mexendo sempre, até ferver. Retire do fogo e continui mexendo até esfriar. Bata as claras em neve, junte aos poucos o restante do açúcar, o creme já frio, a baunilha e o creme de leite. Misture bem, coloque na fôrma e leve ao refrigerador. Sirva com o môlho abaixo.

MÔLHO COPACABANA:

150 gr. de nozes moídas, ½ xícara de chocolate em pó, 2 xícaras de açúcar, 1 colher de chá de essência de baunilha, 150 gr. de nozes picadas.

Leve ao fogo o chocolate e a água, mexendo sempre, até engrossar. Junte o açúcar e a baunilha. Deixe ferver mais 5 minutos. Retire do fogo e adicione as nozes. Deixe esfriar e guarde no refrigerador. Sirva com sorvete, cremes ou pudins.

Por êsse Mundo de Deus



A ERA DO SUPER-HOMEM

Jean Rostand, o famoso sábio francês, anuncia o seu super-homem: «Alguém que pensará mais depressa, melhor resistirá às doenças mortais, terá mais vigor e viverá mais do que nós...»





EM DOWNING STREET

Nos degraus de Downing Street, Mendès e Churchill deixam-se fotografar — heróis do novo acôrdo europeu... Campeões, como sempre

CHEVALLIER

Afinal, Maurice Chevallier decide-se a dizer adeus ao público. No entanto, otimista, afirma à imprensa: «Este adeus será um até-logo».





ESPIONAGEM

Eis o último dos espiões, detido em Paris, após perigosas diligências policiais. Êste agente do Komintern conhecido como o «homem de óculos», está às voltas com o mais fabulaoso processo dêstes últimos tempos... Presume-se que é a chave de tôda uma extensa rêde.



BOTAS

Eis o sonho de todos os bons caçadores — as botas. Estas aqui mereceram um prêmio de 20.000 francos e representam exatamente o que existe de mais moderno e de mais elegante no gênero. Cachorro e caça comparecem, é claro.



SUCESSO EM PARIS

«Namouna» de Alfredo de Musset, conhece um sucesso inesperado no Teatro de Paris. Fernand Gravey, no centro, representa o principal papel desta adaptação de Jacques Deval. Piella Sorano é a principal figura feminina, e um sucesso.



VENDO ESTA CENA, DI MAGGIO COMPREENDEU QUE JÁ NÃO POSSUIA ESPÔSA.



Fim: Marilyn, nos braços de seu advogado, sai do Tribunal, chorando.

O CINEMA DESPEDAÇA A VIDA ÍNTIMA DE MARILYN MONROE

● Uma única noite pôs fim ao casamento que mais fêz sonhar o mundo depois do de Mary Pickford e Douglas Fairbancks. No dia 15 de setembro Joe di Maggio, «estrêla» do base-ball tinha vindo pela primeira vez assistir a Marilyn filmar, nas ruas de Nova York. Estavam casados há precisamente duzentos e cinqüenta dias. Numa cena do seu próximo filme «The seven Years itch», ela passa sôbre a bôca de um cano de rarefação do metrô, e a corrente de ar faz voar sua saia. Ela foi obrigada a repetir esta cena dez vêzes, diante de milhares de curiosos que a polícia mal continha. Di Maggio, que havia abandonado sua carreira de campeão depois de seu casamento, sentiu diante desta multidão que Marilyn não lhe pertencia mais. Oito dias depois êle pedia o divórcio.



Há 8 meses Marilyn e Joe, recém-casados, partiam para a lua de mel.



No estúdio, enquanto Marilyn repousa das canseiras de filmagem, Di Maggio, no fundo, à direita, decide divorciar-se. O «colunista» Walter Winchell, de chapéu, anunciará a novidade.

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS



O LIVRO MARAVILHOSO QUE TUDO SABE E TUDO INFORMA

★

DA MAIOR UTILIDADE PARA TÔDAS AS IDADES E TÔDAS AS PROFISSÕES!

★

MINUCIOSAS E VARIADAS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

★

CALENDÁRIOS

★

O ANO: HOROSCÓPICO, AGRICOLA, AERONÁUTICO, CIENTIFICO, CATÓLICO, ARTISTICO, ETC.

★

O BRASIL E O MUNDO HA 100 ANOS

★

UM ROMANCE COMPLETO!

★

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR!

★

ARTIGOS ESPECIAIS: CONTOS, LENDAS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

★

DISTRAÇÕES PARA OS DIAS DE CHUVA ADIVINHAÇÕES E PROBLEMAS PARA OS QUE SE JULGAM SABIDOS

★

CONSELHOS ÚTEIS: DOMÉSTICOS, LITERARIOS E DE MEDICINA — PAGINAS DE ARTE

★

O MAIS COMPLETO ARTIGO SÔBRE "O UNIVERSO, UM ETERNO SHOW"

Almanaque

EU SEI TUDO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE 15 — RIO

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Onde nasceu Martinho Lutero:

— **Em França?**
— **Na Itália?**
— **Na Alemanha?**

2—Quem escreveu as «Memórias de um sargento de milícias»:

— **Manuel de Almeida?**
— **Macedo?**
— **Alencar?**

3—Qual o Estado que possui na bandeira a legenda «Libertas quae sera tamen»:

— **São Paulo?**
— **Minas Gerais?**
— **Bahia?**

4—Segundo a Escritura, onde pescava São Pedro:

— **No Mar Morto?**
— **No Mar Vermelho?**
— **No Lago Tiberíades?**

5—De que país são originários os músicos que compuseram o famoso «grupo dos cinco»:

— **Da Alemanha?**
— **Da Rússia?**
— **Da Itália?**

6—Que músico saudou o nosso Carlos Gomes por ocasião da «estréia» do «Guarany»:

— **Verdi?**
— **Rossini?**
— **Weber?**

7—Em que ano nasceu Kant:

— **Em 1670?**
— **Em 1800?**
— **Em 1724?**

8—Qual é a cidade que a Bíblia chama de «Zoan»:

— **Mênfis?**
— **Tebas?**
— **Tanis?**

9—«Papeis» são gentios de que lugar do mundo:

— **Da Índia?**
— **De Angola?**
— **Da Guiné?**

10—Qual é o santo considerado o mais erudito de todos os pais da Igreja:

— **São Tirso?**
— **Santo Ângelo?**
— **São Jerônimo?**

11—Que é o «moroony»:

— **Um peixe do Egito?**
— **Uma ave da Índia?**
— **Um fruto da Pérsia?**

12—Que é que significa a palavra esquimau:

— **Violento?**
— **Homem que vive no gêlo?**
— **Comedor de peixe cru?**

13—Em que ficou convertida a mulher de Lot por olhar para trás:

— **Em arbusto?**
— **Em estátua de sal?**
— **Em animal?**

14—De que Deus era filha Euterpe, a deusa da Música:

— **De Júpiter?**
— **De Apolo?**
— **De Plutão?**

15—Melpomene, que arte simboliza:

— **A dança?**
— **A música?**
— **A tragédia?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Na Alemanha; 2 — Manuel de Almeida; 3 — Minas Gerais; 4 — No Lago Tiberíades; 5 — Da Rússia; 6 — Verdi; 7 — Em 1724; 8 — Tanis; 9 — Da Guiné; 10 — São Jerônimo; 11 — Uma ave da Índia; 12 — Comedor de peixe cru; 13 — Em estátua de sal; 14 — De Júpiter; 15 — A tragédia.

CHURRASCARIA ATLÂNTICA

PIZZERIA

Copacabana conta com mais uma casa de primeira ordem, recém-inaugurada no Pôsto 0 — à Av. Atlântica, 458 — Leme



A foto mostra um aspecto da seção de churrascos típicos à gaúcha.

Churrascos - Pizzas - Massas

Bebidas nacionais e estrangeiras — Chopp

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . .

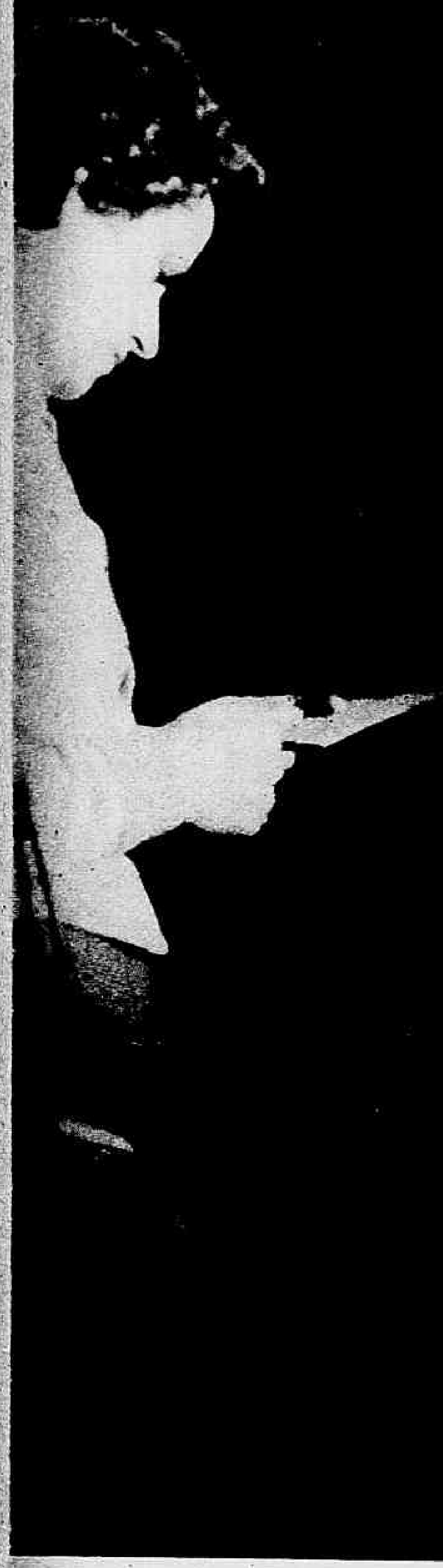
NOME. . . . .
RUA. . . . . Nº. . . . .
CIDADE. . . . .
ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO





Estátua de D. Manuel II, o Venturoso, que foi moldada em Lisboa de acôrdo com a escultura existente no Mosteiro dos Jerônimos e que figura na exposição lusitana de Ibirapuera.

PORTUGAL no IV Centenário de São Paulo

EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS E MOSTRA DAS REALIZAÇÕES DAS INDÚSTRIAS LUSAS ★ QUADROS DE GRANDES PINTORES NO VALOR DE MILHÕES DE CRUZEIROS

Reportagem de MILTON SALLES

A PRESENÇA de Portugal nas comemorações do IV Centenário da capital bandeirante fêz-se de uma forma bastante representativa em qualquer das manifestações realizadas no Parque de Ibirapuera. Assim, no Pavilhão das Nações, destinado a revelar as atividades de cada país, a nação irmã mantém um pequeno «stand» no qual é mostrado aos visitantes tôda a pujança do Portugal de hoje, num arranjo decorativo da mais alta qualidade e interêsse. Tudo ali foi arranjado com aquêle carinho peculiar ao povo luso. Em cada canto da esplêndida mostra há um motivo de atração para os que visitam a magnífica Feira Internacional daquele recanto da capital paulistana.



Mas a participação de Portugal na grande Feira que se inaugurou no dia 15 de novembro próximo findo não ficou apenas no pequeno mas bem decorado «stand». Sua colaboração ao bonito certame comemorativo dos quatrocentos anos de São Paulo foi mais além. Por intermédio da laboriosa colônia portuguêsa do Rio de Janeiro, a nação lusa também participou da notabilíssima exposição de história de São Paulo, organizada pelo professor português Jaime Cortezão. Para êsse fim, o govêrno lusitano cedeu por empréstimo numerosos e preciosos documentos, entre os quais os originais da célebre carta de Pero Vaz de Caminha, do não menos célebre tratado de Tordesilhas e da carta de Mestre João, onde pela primeira vez no mundo é representada gràficamente a constelação do Cruzeiro do Sul. E' de ver-se a curiosidade de quantos visitam essa exposição diante dos documentos que enumeramos. Por isso, não erramos em afirmar que êles são a grande atração da excelente exposição de história paulistana, sendo todos unânimes em elogiar a esplêndida colaboração de Portugal para o seu maior brilhantismo.



Aliás, como se vê, a participação de Portugal nas comemorações do IV Centenário mereceu o maior carinho e interêsse por parte do govêrno da nação amiga. Em Lisboa foi criada uma comissão chamada do IV Centenário de São Paulo, presidida pelo ministro Miguel Pille, que já publicou três elogiadas obras históricas dedicadas à terra dos bandeirantes. Também Portugal mantém na cidade de Nóbrega uma delegação permanente sob a presidência do conselheiro da embaixada, dr. Lencastre da Veiga. Encontram-se ainda, neste momento, em São Paulo, uma grande equipe técnica, da qual fazem parte o engenheiro Nazaré de Oliveira e o arquiteto Frederico George e numerosos decoradores que montaram o «stand» português na Feira Internacional que foi inaugurada com a presença do embaixador português no Brasil, dr. Antônio Faria. A representação industrial portuguêsa nesta feira é das mais valiosas e ali os visitantes encontram um retrato em tamanho reduzido do que tem feito a pátria de Camões em diversos setores da sua vida industrial.



No que se refere à participação de Portugal na atraente exposição de história, há ainda a



(Painel) demonstrativo da amizade luso-brasileira, em que é assinalado o tratado de amizade e consulta entre os dois países irmãos.

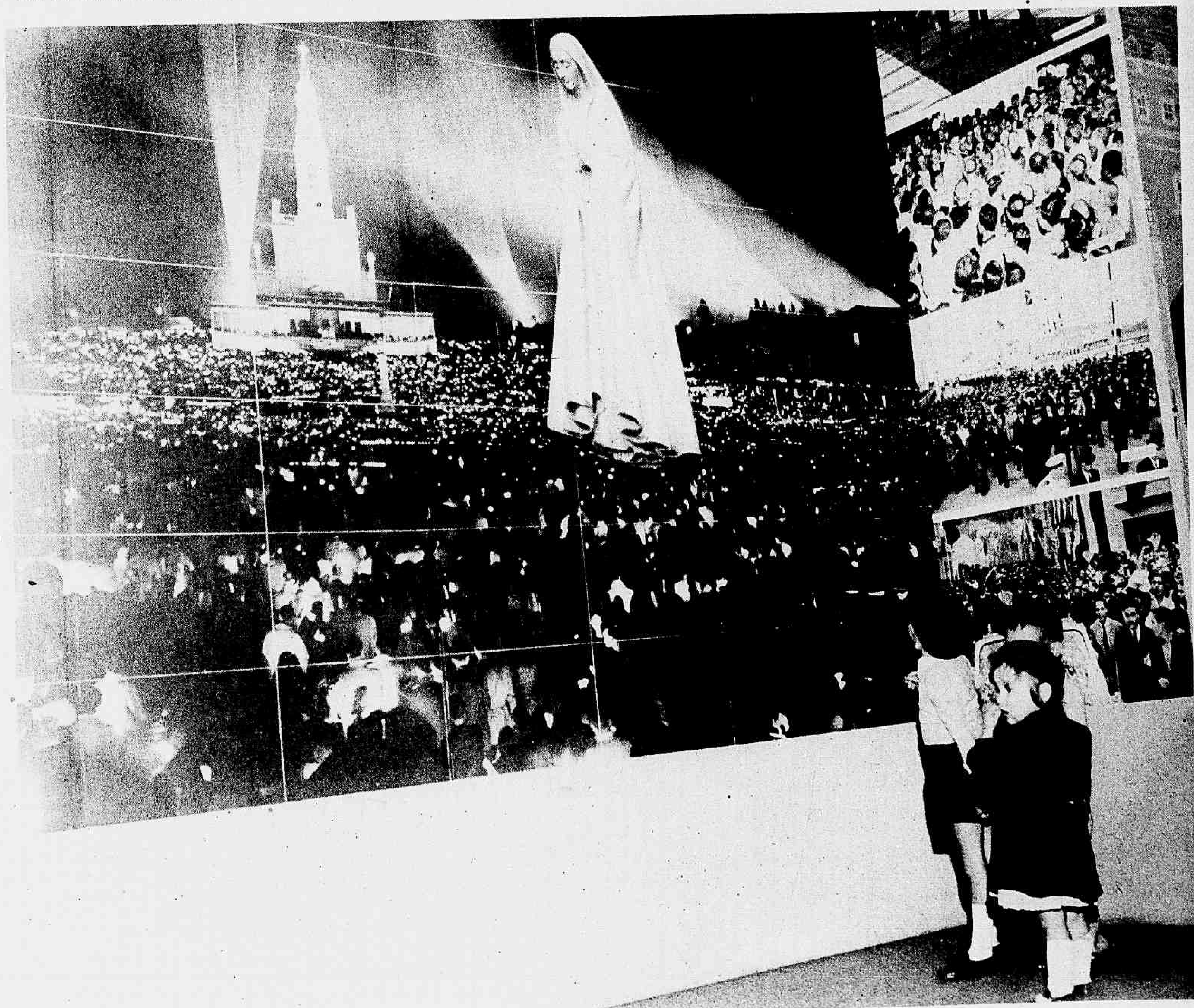


Grande mural do pintor português Fernando Lemos, figurativo da evolução da cidade de São Paulo, «Uma cidade que soube crescer».

destacar-se numerosos quadros de famosos pintores portuguêses no valor de milhões de cruzeiros. Ali estão representados os mais destacados artistas da pintura primitiva lusa, merecendo citação, entre êles, o célebre quadro de Gregório Lopes, logo após a carta de Pero Vaz de Caminha, intitulado «Os reis magos», pintado em 1519, e onde pela primeira vez aparece um índio brasileiro.



Como vemos, é do mais alto interêsse a colaboração prestada pelo povo luso para o maior brilho da Feira Internacional do Parque de Ibirapuera. Para admirar tudo aquilo e para dar uma pálida impressão de tudo quanto ali se encontra magnìficamente exposto e arranjado, oferecemos aos nossos leitores, nestas duas páginas, bonitos flagrantes colhidos momentos antes da inauguração do grande certame que está sendo levado a efeito na capital paulistana.



Notável foto-montagem mostrando o encerramento do Ana Santo em Fátima, acontecimento que congregou mais de um milhão de peregrinos.







Um ligeiro disfarce chamado «aluguel» aumentou de Cr$ 10,00 para 15,00 o preço do ingresso.

Um belíssimo golpe o da 3-D. Custam Cr$ 10,00 e de 2 em 2 horas são alugados por 5 cruzeiros.

CinemaScope é o nome técnico do roubo organizado. «Aqui os preços dobraram». Até quando?

pectos inéditos e conseguiram, com esperteza desta vez, o que antes haviam tentado infrutìferamente pleiteando preços especiais para «filmes especiais». (Remember, Quo Vadis).

TÉCNICOS BRASILEIROS «FABRICAM» A 3-D

Estamos caminhando agora para outro importante aspecto da questão dos aumentos de ingressos.

A 3-D foi lançada no mercado paralelamente ao CinemaScope, e com êste igualmente, reivindicando méritos inexistentes e inovações que absolutamente não existiam. Mais uma ludibriação senhores, e velha por sinal... A Metro há muitos anos já havia apresentado a terceira-dimensão e sem grande sucesso. Outras companhias tentaram o mesmo caminho sem melhores proveitos e a 3-D voltou à estaca zero e foi deixada adormecida nos poeirentos armários dos estúdios americanos. Quando o CinemaScope foi lançado, para efeitos complementares foi rebuscada a droga e impingida ao povo novamente. O caso dos óculos e de seus preços, o dispêndio de instalações, etc., etc., foram recursos imaginosos dos que se valeram do golpe para fins assustadoramente imorais.

Na exposição que os exibidores encaminharam à C.O.F.A.P. pleiteando altos aluguéis dos óculos polaróide (sem os quais não se obtém os efeitos tridimencionais) alegavam preços astronômicos para a aquisição dos óculos e montagens nas adaptações técnicas de seus projetores. A verdade é que conseguiram aluguéis de 10 a 5 cruzeiros para os óculos; houve casos escabrosos de depósitos exorbitantes para a garantia dos mesmos, quando na verdade o seu preço não passava de 5 cruzeiros. Um estabelecimento comercial na Av. Rio Branco tem e vende cada óculo por 10 cruzeiros. (E já está ganhando, claro!)

O sr. José Maria Domenec financiou a produção de filmes brasileiros em 3-D. O encarregado de sua elaboração e montagem foi o técnico Jack Évora Correia que realizou brilhantemente o seu trabalho. Em contacto com o técnico, apuramos que os trabalhos são meticulosos e difíceis, mas baratos verdadeiramente: Duas máquinas de filmar funcionam sincronizadamente com um pequeno desvio de ângulo e obtém duas imagens semelhantes que depois são projetadas simultâneamente por duas câmaras comuns. A 3-D requer assim, apenas um pouco mais de fio, dois filtros, uma tela metalizada e os óculos especiais. Em que pese a nossa admiração pelo trabalho dos técnicos brasileiros, temos que admitir que é um processo facílimo e que não tem afinal nada de novo ou de tão dispendioso que possa justificar o dinheiro que o espectador paga pelo aluguel dos óculos.

O maior público que acorresse às casas exibidoras seria a compensação justa para os cinemas que exibem a 3-D, que deviam facilitar os óculos sem o aluguel, já que os mesmos seriam devolvidos no final de casa sessão. O que não se pode admitir é que tenham conseguido aumentar em cinco cruzeiros os preços dos ingressos, alegando aumentos e gastos inexistentes e que a situação perdure sem nenhuma providência da C.O.F.A.P., que inclusive participou da mistificação deixando-se levar pelo ardiloso plano dos burladores das tabelas.

O REVISOR DA C.O.F.A.P. CONTRA O AUMENTO

O dr. Augusto Paranhos Fonteneli, revisor da matéria na C.O.F.A.P. é sem dúvida o homem melhor credenciado para falar sôbre o assunto, já que está perfeitamente a par da real situação dos cinemas. Fomos procurá-lo na A.B.I. e obtivemos o seu testemunho, valiosíssimo, sem dúvida, e que muito poderá esclarecer os leitores sôbre os absurdos que encerram as solicitações dos proprietários de cinemas.

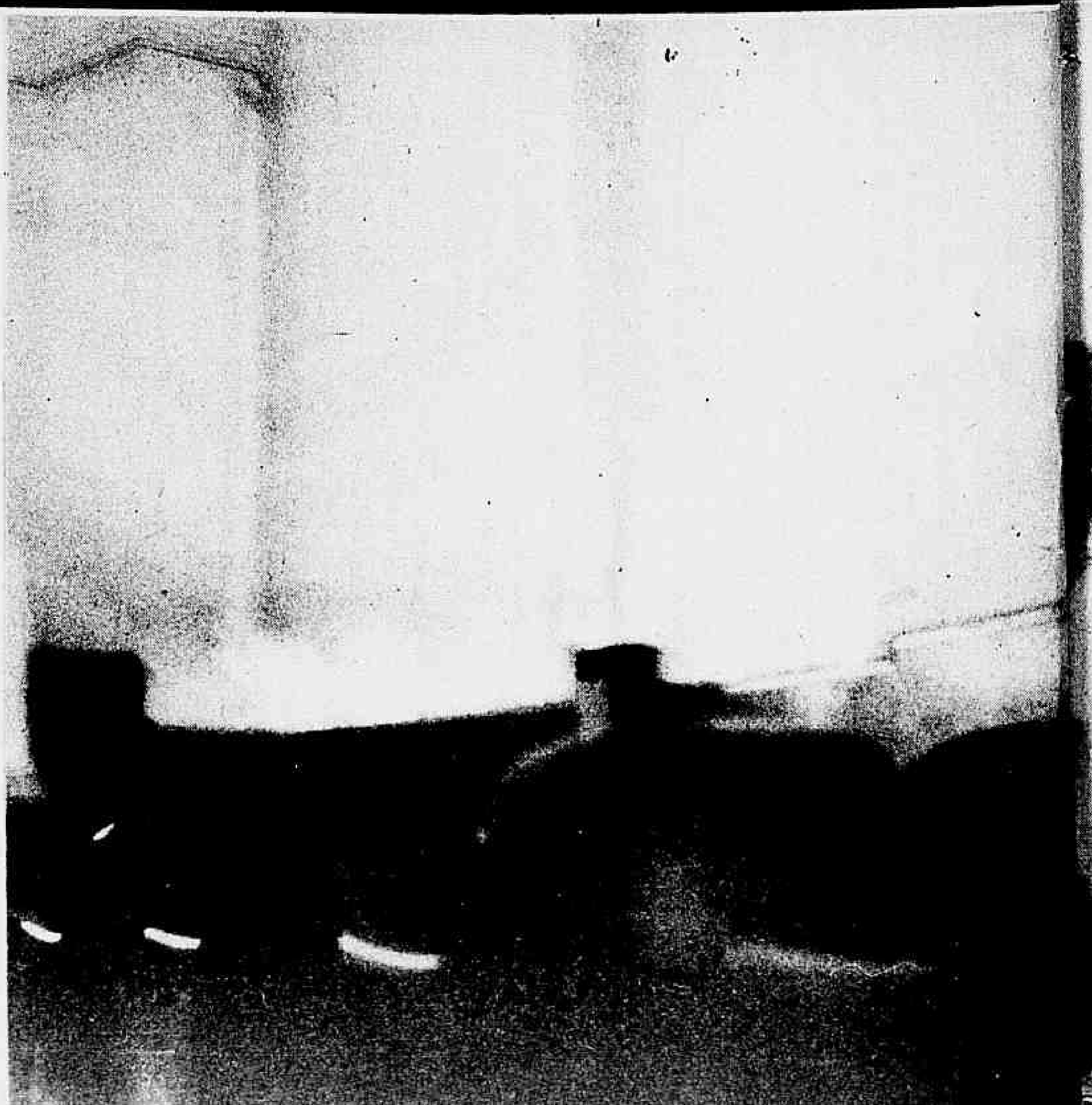
Depois de falar longamente a respeito da portaria 225, de 9 de junho dêste ano, que congelava os preços de cinemas, deteve-se algum tempo em considerações a respeito do mecanismo interno da C.O.F.A.P.

— «O antigo presidente da C.O.F.A.P., Hélio Braga, regulando serviços e atribuições fêz com que dependessem das resoluções da C.O.F.A.P. as resoluções estaduais e municipais. A C.O.A.P. e a C.O.M.A.P. estão subordinadas às deliberações que forem decididas pelo plenário da C.O.F.A.P. E' muito difícil, como se vê, atribuir planos idênticos no caso dos cinemas para uma solução nacional. O problema implica resoluções diferentes, visto que os problemas são de ordens variáveis, medindo-se as imposições de caráter regional e outros fatôres que não podem ser esquecidos, como por exemplo a livre iniciativa e os interêsses pessoais».

— Acha então que uma medida adotada pela C.O.F.A.P. para o Rio de Janeiro, poderia ser prejudicial em São Paulo, por exemplo?

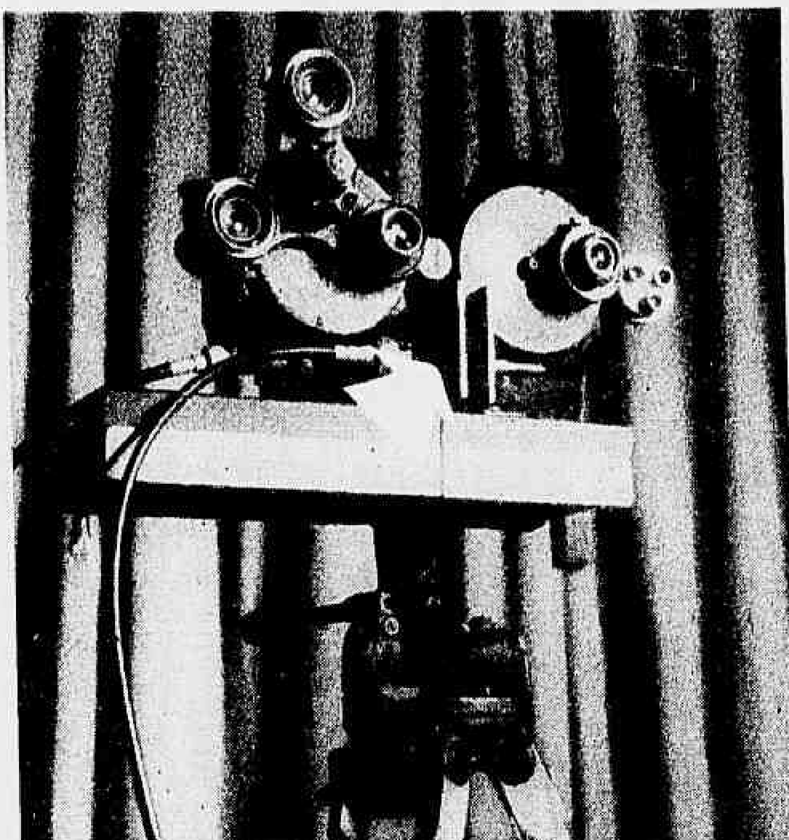
AS FOTOGRAFIAS PROIBIDAS FORAM CONSEGUIDAS PELO HEROÍSMO DO FOTÓGRAFO QUE BURLOU A VIGILÂNCIA DO PORTEIRO — INTERIOR DO CINEMA AMÉRICA (Cr$ 10,00)







«Ganham pouco» os exibidores, tanto, que aumentam dia a dia o horário dos programas



A seta indica o aparelho de sincronização de 3-D, nada de especial, mas conseguiram o aumento



Um aspecto do abandono no CARIOCA (Cr$ 10,00). Espelho partido, escondido pelo cartaz!

— «Se levarmos em consideração que o Estado de São Paulo oferece variações de cidade para cidade, sim... E' difícil propor soluções para problemas regionais e individuais».

Não foi difícil observar a precaução do dr. Fonteñeli, que sendo contrário ao aumento ou à liberação, acredita que em casos isolados há necessidade algumas vêzes de exceções.

— Qual a sua opinião a respeito dos cinemas do Rio de Janeiro?...

— «A pior possível. Péssimas instalações, via de regra, oferecendo muito pouco pelo que apresentam. Alegaram agora a necessidade de aumento no preço dos ingressos para fazer face aos problemas decorrentes do aumento do salário mínimo e pagamento do seu pessoal. E' um completo absurdo, levando-se em conta que cada cinema emprega realmente um mínimo de funcionários que em nada altera a sua renda bruta. Foi uma forma descoberta para esconder o verdadeiro propósito».

— Acredita que o preço para o CinemaScope de Cr$ 18,00 é justo?...

— «Não, absolutamente! Foi o primeiro passo dado levianamente para permitir o prescedente».

— A melhor solução para o problema, qual seria?

— «A primeira coisa que se deve fazer é classificar as casas exibidoras, para que se possa realmente propor um tabelamento racional. Existem casos gritantes de injustiças; por exemplo: Como podem cinemas como o América, na Praça Saenz Pena, o Alpino, no Leme, Pathé, Odeon, Império, na Cinelândia, (para não citar centenas de outros) cobrar os mesmos preços de um Metro, Palácio, Vitória, Santa Alice e outros. Êste é um problema fundamental. Alegam ainda os exibidores que não têm construído cinemas de grande classe porque com o congelamento dos preços não poderiam cobrar os preços justos para os bons espetáculos que ofereceriam em casas de luxo».

— Concorda que seria justo conceder preços especiais para cinemas de luxo?

— «Evidentemente, mas para isso o primeiro passo deve ser dado pelo tabelamento rigoroso. Há muitos cinemas considerados de primeira classe que necessitam ser rebaixados 2 categorias pelo menos, também. Parece-me que é uma solução racional e justa».

— Vamos supor o seguinte, dr. Fonteneli: Acreditando que um exibidor se proponha construir um ou vários cinemas grandes, luxuosos, obrigando-se à uma série de compromissos com a C.O.F.A.P., isto é, dispondo-se a obedecer todos os requisitos exigidos pelas autoridades, poderia a C.O.F.A.P. concordar em liberar o preço do ingresso?...

«Eu, na verdade, não acredito em honestidade de comerciante. Tenho visto compromissos assumidos pelos exibidores serem esquecidos logo que conseguem o que desejam. Uma medida de tal natureza sòmente poderia ser adotada se fôsse assegurado em compromisso escrito. Sou muito pessimista quando trato com gente desonesta!...»

CLASSIFICAÇÃO EM UMA SEMANA

O senhor Ticiano Bosgli Reis, secretário da C.O.F.A.P. que atentamente acompanhou as palavras do dr. Fonteneli, acrescentou:

— «A classificação dos cinemas no Rio de Janeiro é facílima. Eu mesmo poderia fazê-la em uma semana apenas. Sei perfeitamente todos os cinemas que precisam ser imediatamente rebaixados e quais os que realmente cumprem as exigências da lei».

— E depois da classificação restariam muitos cinemas de primeira categoria?

— «Muito poucos!»

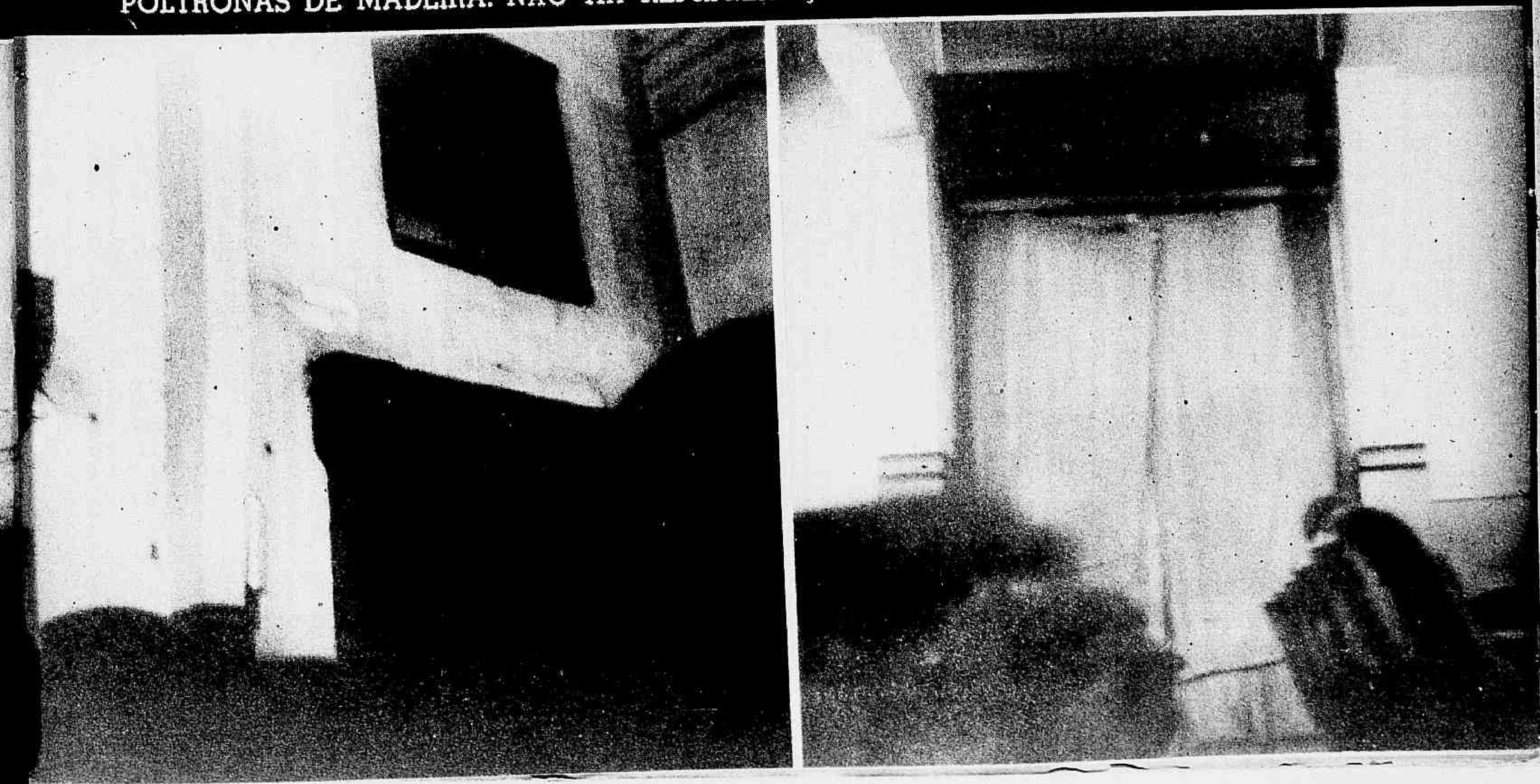
OS ESTUDANTES COMBATEM A PRETENÇÃO DOS EXIBIDORES

Por intermédio do presidente da U.N.E. (União Nacional dos Estudantes) tivemos a confirmação de um grande movimento de protesto da classe estudantil carioca, que se está articulando no sentido de formar uma cerrada frente contra as medidas que visam a alta em geral e particularmente no caso dos cinemas. Disse-nos Taciano Nogueira:

— Há muito tempo que estamos prevendo a situação que agora se vai definindo. Já tentamos consecutivas vêzes entrar em entendimento com os exibidores e tudo resultou improveitosamente. Sei que há manifestações da esquerda infiltrando-se nos movimentos estudantis que se estão armando. Quero valer-me da oportunidade para alertar a classe para que se precavenha contra as imposições de grupos comunistas, mas que não deixe de fazer valer a nossa vontade contra os altistas e aproveitadores. Não

(Cont. na página 50)

COM CORTINAS PODRES, PAREDES NEGRAS DE SUJEIRA ACUMULADA E PÉSSIMAS POLTRONAS DE MADEIRA. NÃO HÁ REFRIGERAÇÃO — NÃO FOI POSSÍVEL USAR O FLASH



Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 27 DE NOVEMBRO E 3 DE DEZEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Os dias 28 de novembro e 2 de dezembro serão particularmente desfavoráveis para seus negócios. Omita-se, comercialmente, em tais dias, pois qualquer iniciativa em tal terreno, poderá acarretar grandes prejuízos.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período será de dúvidas, de incertezas e de conseqüentes mortificações do espírito. No entanto, tôdas as suspeitas serão infundadas, melhormente as que forem inspiradas na vida sentimental. O ciúme pode levá-lo a um crime.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — As recomendações que lhe fazemos quanto à ação a desenvolver na vigência da semana em pauta, relacionam-se à vida conjugal. Há grande perigo de desentendimento profundo e de separação. O dia 29 de novembro será extremamente perigoso.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — As viagens estão desaconselhadas na vigência da semana em causa. Os negócios, porém, prosperarão. O novo período será inteiramente benéfico, neste particular. Os dias 29 e 30 de novembro e 3 de dezembro serão os melhores para qualquer iniciativa.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Os pedidos, assim como os requerimentos que fizer, no curso da semana, serão indeferidos. Conte consigo mesmo, apenas, certo de que terá, a seu favor, o concurso do astro que lhe demanda o destino.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Tôdas as suas iniciativas, nesta semana, darão o fruto desejado. Não haverá fracasso possível. Pode empreender, tudo, porém, nos limites do razoável, quanto às causas e do possível, quanto aos efeitos.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá sérios aborrecimentos nas atividades profissionais. As competições se desmandarão e poderão provocar violências. Contenha os impulsos para não chegar a extremos muito comprometedores à liberdade individual.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A semana lhe dará chance em vários setores de atividade, nos negócios e nos amôres. Os últimos dias dêste mês serão os mais aconselhados para pedidos e solicitações de tôda natureza. Ponha-se no destaque possível, não se esconda, não se omita.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Seu poder de insinuação estará muito aumentado na vigência da próxima semana. Aproveite a oportunidade para proceder ao reajustamento da sua posição, pois dificilmente lhe será negado o que pedir, verbalmente, porém.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os influxos astrais da semana beneficiarão muitíssimo a posição social e profissional, conjugal e doméstica do leitor. Haverá satisfação e melhores rendimentos nos negócios. O ambiente favorável da semana anterior continuará.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não tome conselhos. Não terá necessidade de mentores. Errará se o fizer. Escute a voz da sua própria intuição. Ela o guiará acertadamente e o levará ao êxito no que empreender. A situação se apresenta muito favorável.

★ PEIXES (21/8 — 20/9) — O ambiente da semana será fraco, no seu caso. Em tais condições, o leitor terá necessidade de emulação, de estímulo para compensar a deficiência astral do respectivo meio. Faça um apêlo veemente à própria vontade.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro, 27	—	**Américo**	—	**Eurídice**
» 28	—	**Telêmaco**	—	**Ana**
» 29	—	**Eugênio**	—	**Anésia**
» 30	—	**Delfino**	—	**Vitória**
Dezembro, 1	—	**Justino**	—	**Leontina**
» 2	—	**Fabrício**	—	**Anita**
» 3	—	**Alberto**	—	**Elma**

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro, 27	—	**4º 42' 42"**	**(Signo do Sagitário)**
» 28	—	**5º 43' 28"**	**(" " ")**
» 29	—	**6º 44' 16"**	**(" " ")**
» 30	—	**7º 45' 2"**	**(" " ")**
Dezembro, 1	—	**8º 45' 54"**	**(" " ")**
» 2	—	**9º 46' 45"**	**(" " ")**
» 3	—	**10º 47' 36"**	**(" " ")**

MARIA (continuação)

— Ave Maria! Como é que você não havia de entender? Sim, você falou que...

E como eu ficasse olhando-a no próprio momento em que me sorria, prosseguiu:

— Bom, não me conte mais isto. E pôs-se a fazer torrezinhas com as fichas do tabuleiro.

— Se não me olhas, disse, não te confesso o que disse a Carlos.

— Então... — respondeu, tratando de fazer o que eu lhe exigia.

— Contei tudo a êle.

— Ai... Tudo, não?

— Fiz mal?

— Se assim devia ser... Mas então, porque não se contou antes que êle viesse aqui?

— Meu pai se opôs a isto.

— Sim, mas êle não tinha vindo ainda. Não teria sido melhor?

— Sem dúvida, porém eu não devia fazê-lo, e hoje êle está satisfeito comigo.

— Continuará pois sendo teu amigo?

— Não há motivo para que deixe de sê-lo.

— Sim, porque eu não queria que por isto...

— Carlos lhe agradecerá tanto como eu por êste desejo.

— Você se separou dêle como de costume? E êle, foi-se contente?

— Tão contente como era possível consegui-lo.

— Porém, eu não tenho culpa, não?

— Não Maria, nem êle estima menos você pelo que fêz.

— Se gosta mesmo de você, assim deve ser. E sabe porque aconteceu tudo isto com êste senhor?

— Porquê?

— Mas não vá você se rir!

— Não me rirei.

— Porém se já está rindo...

— Não é do que você vai me dizer, mas do que já me disse. Fale, Maria.

— Foi porque rezei muito à Virgem para que fizesse tudo acontecer assim, desde ontem que mamãe me falou.

— E se a Virgem não lhe houvesse concedido o que pedia?

(Continua no próximo número)

★

OS CINEMAS DO RIO

(Cont. da página 49)

permitiremos o aumento inconcebível nos ingressos dos cinemas.

CINEMAS QUE SÃO ARMADILHAS DE MORTE

Estávamos completando esta reportagem quando a nossa atenção foi despertada por um fato que fala por si só do real estado dos cinemas no Rio:

Há uma portaria da C.O.F.A.P. regulando que todos os cinemas são obrigados a manter portas laterais para saída dos espectadores e que são usadas como prevenção para casos especiais, permitindo num caso de emergência a pronta evacuação dos espectadores. O CINEMA PRIMOR, (e como êle muitos outros, estejam certos), para deixar de pagar o salário mínimo, a um funcionário que obrigatòriamente ali deveria ser colocado, fêz cerrar as referidas portas e colocou, vedando completamente a passagem, enormes cartazes de anúncios.

Não é difícil concluir que, em caso de pânico a saída seria quase impossível, e as conseqüências dramáticas ficariam sendo devidas ùnicamente à irresponsabilidade e a ganância de proprietários sem escrúpulos.

A

CENA

MUDA

UMA ÓTIMA REVISTA PARA OS FÃS DE CINEMA

★

PREÇO: Cr$ 4,00

(Em todo o Brasil)



FEIRA DE DECORADORES

PETER

● Tanto sob o aspecto social como artístico, foi coroada de sucesso a Feira de Decoradores e Antiquários, realizada no Copacabana Pálace. Na inauguração, compareceram o sr. e sra. Franklin Sampaio, Princesa Radsville, os Embaixadores de Portugal, Itália, França, Índia e Senhoras, casal Carlos Eduardo de Souza Campos, cronista Gilberto Trompowski, Sra. Cecil Hime, Princesa Fátima, Sra. Lourdes Betim Paes Leme e o Sr. e Sra. E. G. Fontes. Digo apenas êstes poucos nomes, por questão de espaço e memória, ambos curtíssimos.

Êste colunista deu-se ao trabalho de acompanhar diversos grupos, onde havia sempre alguém conhecido e de opinião, para lhes anotar os pareceres. Todos elogiaram o trabalho da decoradora de Henrique Liberal que, trabalhando com elementos clássicos, conseguiu dar um aspecto moderno ao ambiente, conseguindo um magnífico equilíbrio. Mereceu igualmente muitos elogios o trabalho em madeira do espanhol Liabana, conhecido, em Paris, como o «pintor dos arranjos». Finalmente o antiquário Barcinski e a decoração de João Henrique Vieira da Silva completaram o que, na opinião da maioria, constituiu o melhor da exposição.

Só não entendemos o banheiro-salão de leitura do Sr. Júlio Sena. Talvez seja parte de um sonho que aquêle decorador nos quis transmitir, talvez tenha tentado fazer espírito, em má hora, aliás. De qualquer forma, foram unânimes as restrições ao seu trabalho. Pena, pois trata-se de um profissional dos mais conhecidos. Estranhamos, por outro lado, a ausência de Tenreiro, Flávio Ramos, Ivan Busse, Celina Simon e Hene Moreira.

● PROBLEMA DA SEGUNDA-FEIRA

Realmente, jantar na segunda-feira, depois de meia-noite, exige um certo raciocínio. Várias casas fecham neste dia, inclusive o «Vogue». Depois de várias voltas em vários quarteirões, decidiu-se (srtas. Beatriz Gallembeck e Maria Helena Prado Menzes, o sr. Daniel Sabadini e êste cronista) o «Buon Gustaio». Não houve arrependimento, pois todos gostaram muito da comida. E já que estamos falando da srta. Beatriz Gallembeck, é bom frizar que ela tem «dado sorte» em grande classe.

● A IDADE DE MARILU

Como quase-parente (com orgulho) da srta. Marilu Crespi, esclareço que a senhorita citada tem apenas 20 anos e não 22 como foi publicado. Faço esta ressalva pois mesmo 24 horas são muito importantes na vida de uma moça. Principalmente, sendo bonita como Marilu.

● O BALANÇO DO SR. ANTÔNIO LIBERAL

O sr. Antônio Liberal fazia as honras da casa, mostrando a um grupo de amigos a Feira de Decoradores e Antiquários. Quando mostrava seu «stand», um dos cavalheiros do grupo, lhe disse de longe:

«Falando nisso, li hoje o «balanço» de sua firma».

Imediatamente uma senhora que se encontrava perto puxou a manga do seu paletó.

«Não, fale nisso.»

«Não. Posso falar, o balanço era excelente».

«Ah, então pode falar».

O diálogo foi rápido e o sr. Liberal não o percebeu. Em seguida, a fim de que o decorador o ouvisse, o senhor tornou a repetir a frase.

● O NAMÔRO DE GUGU

O sr. José Carlos Gurgel (Gugu) Dantas está namorando uma das moças que desfilaram na Festa das Rosas.

● CARIOCAS PERDEM NOVAMENTE

Pela segunda vez consecutiva, no quadrado verde do Itanhangá, perdeu a equipe carioca de pólo. Os palistas, srs. Tito e Cleon Zarvus, Luís Rezende Cintra (certa moça carioca disse-me que está de ôlho nêle) e P. G. Meirelles bateram os cariocas Daniel e Armando Klabin, Fernando Delamare e Carlos Eduardo de Souza Campos. Os cariocas lutaram muito, perdendo por pouco. Assistiram à disputa os casais Álvaro Catão, Joaquim Xavier da Silveira, Srtas. Marina Miranda Freitas, Beatriz Gallembeck e o sr. Daniel Sabadini.

● A UM PASSO DA ETERNIDADE

Podemos informar que a sra. Beagina de Sawlles tem saído freqüentemente com o sr. Francisco de Paula Machado. Estiveram a um passo da eternidade.

Isto é, foram ver juntos.

● JANE HIME AINDA

A srta. Jane Hime avisou da Europa ao seu costureiro, Joãozinho Miranda, que vai precisar urgentemente de 14 vestidos. Já foram providenciados.

● RUTH E OS DISCOS VOADORES

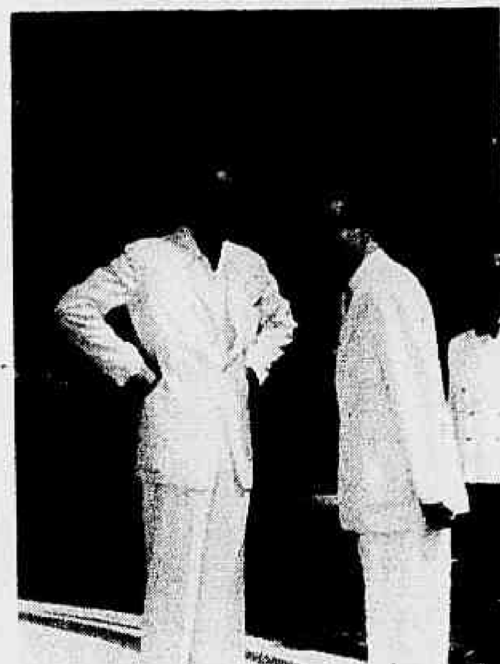
A srta. Ruth de Almeida Prado tem lido revistas inglêsas, francesas e italianas sôbre os discos-voadores e marcianos. Dizem mesmo que a senhora em questão já tem opinião formada a respeito dêsses dois assuntos.

Foto «Rio-Magazine»



— Balmain foi muito aplaudido.

O "hobby" de cada um



— Êle nasceu «public relation»

● Todo jornalista que deseja qualquer informação no Copacabana Pálace, procura o sr. Oscar Ornstein. E' o «public relation» da casa, mas é muito mais do que isto: dá conselho, ajuda, dá notícia e leitor que é de tôdas as revistas de línguas inglêsa e francesa está sempre bem informado.

Se Ava Gardner toma seu «pileque» e a Imprensa resolve recriminar a moça, chama-se Oscar que êle resolve. Se há um príncipe desejando fumar cigarros de sua terra, não tem importância, Oscar arranja. Oscar arranja tudo; Oscar é a boa vontade em forma humana.

Em 1941, o sr. Oscar Ornstein era combatente do exército francês. Graças a um visto diplomático do falecido Embaixador Souza Dantas, embarcou para o Brasil, com uma carta de apresentação do Barão Stuckart para o sr. Nelsinho Batista e, depois de muitas voltas, foi parar de fotógrafo do Cassino da Urca. (Oscar fala de sua rápida carreira com justificado orgulho). O uso de cinco idiomas, logo o tira de detrás da máquina que só manejara, até então, como amador. E' ainda o Barão Stuckart que o leva para o Copacabana, onde êle faz questão de frisar que foi muito ajudado pelo sr. Caribé da Rocha, atual diretor artístico daquela casa. E como «public relation» vai indo bem, pois seu ofício é seu «hobby». E, na sua função, conheceu Einsenhower, Rubstein, Sir Alexander Fleming, John Ford, Jacques Fath, o Príncipe XX Bernardo que aparece na foto, Eva Peron e Helen Keller, apenas para citar alguns nomes da enorme galeria.

Nascido em Hamburgo e educado em Viena, hoje Oscar é brasileiro (naturalizado), casado com brasileira e com dois filhos nascidos aqui, Ricardo e Fernando.

Na sua vida, conheceu Marlene Dietrichi e sua filha, Toscanini, Príncipe Humberto da Itália, Duque de Kente, Duque de Windsor e Mrs. Wally Simpson, bem como as duas ladies que muito influiram no casamento da futura Duquesa de Windsor, Eloisa Mendl e Telma Turness. A verdade é que o sr. Oscar Ornstein nasceu «public relation». Gosta de conhecer gente e cultivá-las, da mesma forma que um jardineiro cultiva suas plantas. Oscar é o Burle Marx do jardim da boa vontade.

Sôbre o Tratado de Amizade e Consulta:

PORTUGUÊSES DE HOJE BRASILEIROS DE HOJE — IRMÃOS DE SEMPRE

OS BENEFÍCIOS PARA AS DUAS NAÇÕES — LIVRE TRÂNSITO NO BRASIL E PORTUGAL PARA OS RESPECTIVOS CIDADÃOS — O TRATADO APRECIADO POR UM MÉDICO-CATEDRÁTICO, UM ESCRITOR, UM JORNALISTA, UM FILÓLOGO, UM TEATRÓLOGO, UM DESPORTISTA E O CHEFE DA DIVISÃO DE IMIGRAÇÃO

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

O Tratado de Amizade e Consulta, firmado entre Brasil e Portugal, em novembro do ano passado, e que consagrará em solene instrumento político os princípios que norteiam a Comunidade Luso-Brasileira no mundo, atravessa a última fase de sua consolidadação. Depois de assinado pelos plenipotenciários de ambas as nações: Professor Vicente Ráo, ex-ministro das Relações Exteriores, pelo Brasil, e o atual Embaixador da terra portuguêsa em nosso território, sr. Antônio de Faria, foi o Tratado entregue a voto e aprovado, na Câmara e Senado brasileiros, e, em Portugal, acolhido favoràvelmente pelas Câmaras Corporativas, faltando ainda a aprovação da Assembléia Nacional, para ser pôsto em prática. O Tratado terá a duração de dez anos, prorrogáveis sucessivamente por períodos iguais, se não fôr denunciado por qualquer das partes contratantes, com três meses de antecedência.

A troca de ratificações, deverá ter sido efetuada em Lisboa, uma vez o compromisso votado pela Assembléia Nacional; entre o Ministro das Relações Exteriores Portuguêsas, dr. Paulo Cunha, e o Embaixador Olegário Mariano, representante do Brasil.

O QUE E' O TRATADO

I — Os dois Estados passarão a consultar-se sôbre os problemas internacionais que a ambos digam respeito. Com o presente acôrdo, o Brasil terá audiência nos problemas que possam interessar aos dois países no Atlântico Sul, visto estar Portugal filiado ao bloco das nações do Pacto do Atlântico. O Brasil, apesar dos serviços prestados na defesa do Atlântico, por ocasião da última guerra e na libertação da Europa, não é ainda ouvido ao se celebrarem pactos de defesa dos mares meridionais.

Por outro lado, não possuindo ainda Portugal, lugar entre as Nações Unidas, devido ao veto dos russos, e estando o Brasil a elas filiado, poderá beneficiar-se com uma participação indireta nos problemas de solução e de interêsse mútuo».

II — Direitos iguais, deveres semelhantes, facilidades recíprocas, apenas limitadas pelos previlégios constitucionais dos dois países, equiparam o brasileiro ao português em Portugal, e reciprocamente ao luso no Brasil.

E' mister, entretanto, frisar que o direito de voto ainda não foi legalizado nese Tratado.

III — No campo comercial e financeiro, levadas em conta as circunstâncias do momento em cada um dos dois países, serão concedidas tôdas as facilidades possíveis, no sentido de atender aos interêsses particulares dos nacionais da outra parte.

IV — O tratamento especial consignado nesse Tratado, abrange não só os brasileiros, que tenham seu domicílio no território português, e os portuguêses que o tiverem no Brasil, mas também aos que nêles permanecerem transitòriamente.

V — Serão permitidas a livre entrada e saída, o estabelecimento de domicílio e o livre trânsito no Brasil e em Portugal, dos nacionais da outra parte.

★

Os demais princípios afixados no Tratado, referem-se ao modo de como será êle administrado e regido, visando sempre o maior desenvolvimento, harmonia e progresso da Comunidade Luso-Brasileira no mundo.



● «Unidade territorial, unidade política, unidade étnica, unidade civil, unidade espiritual, unidade de cultura, eis a obra que, juntos, realizamos nesse território gigantesco, fadado por Deus a dar vida, alento, fôrça, progresso, mais do que à Nação, que nêle se assenta, à própria humanidade». (VICENTE RAO).



● «Situados frente a frente, a poucas horas de distância, que vai diminuindo com o andar dos tempos e o progresso da ciência, territórios brasileiros e portuguêses, nas duas margens do mar que em tão longo sentido nos uniu, constituem hoje fator de primordial relevância nos problemas de segurança do Atlântico Sul e do Hemisfério Ocidental». (Embaixador ANTÔNIO DE FARIA).



A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

● Abrangendo largas áreas da Europa, da América, da África e da Ásia, ela será o resultado ùnicamente da união de duas grandes potências, o Brasil «enorme império, com mais de 8 milhões de quilômetros quadrados, e de 50 milhões de habitantes, cheio de riquezas, estuante de vida, certeza do presente e inesgotável manancial de promessas para o futuro». Do outro lado, Portugal, com suas vastas províncias espalhadas pelas quartas partes do mundo, mais de 2 milhões de quilômetros quadrados e de 20 milhões de almas, portador de velha experiência, pleno também de vida e perspectivas de novos e magníficos desenvolvimentos. Como não vêr as vantagens e a extraordinária projeção que vêm para as duas greis do reconhecimento de que formam uma grande e verdadeira comunidade, com caracteres e interêsses específicos, independentemente de tôda a estruturação política? É ela a mais perfeita e complexiva figuração do que o gênio Lusíada soube criar». — MINISTRO PAULO CUNHA.





ARTUR PIRES
Desportista — Presidente do C.R.V.G.

● «Portugal servirá de trampolim, do Brasil para a Europa. Sendo assim, considero medida de alto alcance a que realizaram lusos e nacionais, consolidando em um Tratado o entrelaçamento que há muito une os dois povos. O intercâmbio de Clubes do Brasil e de Portugal se fará notar com mais freqüência, visto as facilidades expostas no acôrdo referentes ao trânsito livre de país para país. O próprio Vasco da Gama já se prepara para embarcar rumo a Lisboa, findo o campeonato, salvo um baixo rendimento de produção da equipe. Sei, também, que o América e o Botafogo estarão de malas prontas logo que terminem seus compromissos no Rio. Finalizo dizendo que o Vasco foi criado com o fim de aproximar sempre, e cada vez mais, a raça luso-brasileira. O acôrdo significa o coroamento de nossos objetivos: unir Brasil e Portugal».

CARLOS DO NASCIMENTO
Chefe da Divisão de Imigração e Migração Interna

● «Considero, sob todos os aspectos, o Tratado de Amizade e Consulta entre Brasil e Portugal, como um passo agigantado para o futuro das duas nações, que, dessa forma, dão ao mundo um exemplo do que deverá ser feito para o completo êxito da comunidade universal. A imigração portuguêsa, para o Brasil, é inteiramente livre. Vemos no povo de além mar, ainda que juridicamente estrangeiro, um irmão trabalhador e amigo. Nada será mais interessante do que proporcionarmos-lhes as mesmas regalias de que dispomos como brasileiros, e saber que seremos tratados de forma idêntica em terras lusas. Quanto à questão dos passaportes, devo declarar que o Brasil já há muito dispensa a apresentação dos mesmos, para o ingresso em território nacional, aos naturais de alguns países amigos, que venham em caráter turístico».





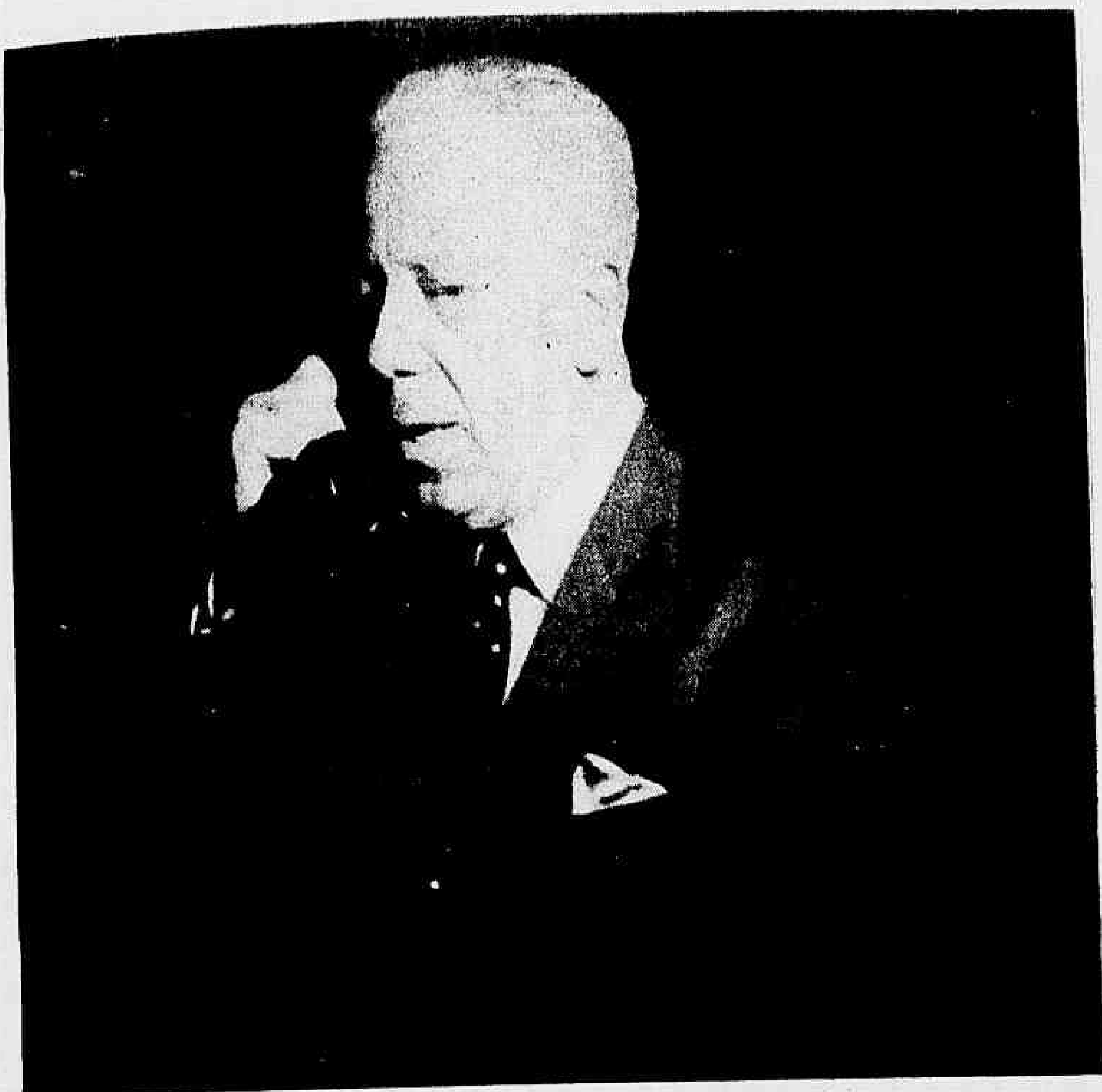
JOSUÉ DE CASTRO
Médico-Catedrático

● «Devo declarar que vejo com simpatia a qualquer Tratado ou Convênio que aproxime, culturalmente, dois povos tão idênticos, por sua formação, como o brasileiro e o português.

Essa reaproximação só poderá ser útil e benéfica aos dois países. Ao Brasil, pela oportunidade de reencontrar, em Portugal, os pontos de sua origem; a êste último, por ver projetada, no primeiro, a sua experiência cultural, já adaptada aos novos quadros geográficos, dando-lhe uma comprovação dos sucessos de sua grande ambientação colonial nos trópicos».

ÁLVARO MOREIRA
Escritor

● «Um Tratado assim faz uma volta na História de Portugal e do Brasil. Vivemos longe tanto tempo, depois de tanto tempo termos vivido juntos. Na família daqui, a gente mais numerosa, descende da gente de lá. Agora tornamos ao passado, com os melhoramentos concedidos desde a chamada Independência. Portuguêses de hoje, brasileiros de hoje, irmãos de sempre. A verdade era que a distância não existia — mas agia. Por exemplo, poucos dos novos escritores de Portugal se conhecem no Brasil, e poucos escritores novos do Brasil, se conhecem em Portugal».



HERBERT MOSES
Jornalista

● «Não se pode negar que o Tratado de Amizade e Consulta, firmado entre o Brasil e Portugal, está destinado a ter profundas repercussões nas relações entre os dois países irmãos. Para a imprensa, em particular, é sempre grato constatar que um jornalista, brasileiro ou português, se encontra, já agora, em virtude da lei, e não apenas de fatos, como em sua própria casa, esteja êle no Brasil ou em Portugal. E, para o povo em geral, não é menor a satisfação ao ver que os governos dos dois países vieram ao encontro dos sentimentos que sempre encheram os corações de brasileiros e portuguêses, proclamando, de público, de forma solene, que, na realidade, o solo de uma nação é o prolongamento da outra e que, ambas, irmanadas, continuarão a trabalhar pelo engrandecimento da gloriosa raça latina».





PASCOAL CARLOS MAGNO
Teatrólogo

● «No terreno do teatro, permitirá um intercâmbio permanente e renovado de elencos, pois andamos, de um lado e do outro, necessitados dessas visitas. Será também útil a presença de nossos autores no repertório de companhias lusas e de autores de Portugal interpretados por artistas do Brasil. Faz-se urgente êsse intercâmbio, essa aproximação».

CELSO CUNHA
Prof. da Univ. do Brasil

● «As relações de Portugal o Brasil não podem revestir-se das mesmas características que mantemos com outros povos, em virtude da própria formação histórica do Brasil. De forma que tôdas as medidas que visem aproximar efetivamente o Brasil de Portugal, só podem ser bem recebidas pela intelectualidade nos dois países».

Flash carioca

PAULO DE ANDRADE LIMA



Juraci Magalhães



Vicente Galliez



João Goulart

● BATALHA
A U.D.N. insiste na sua grande batalha: impedir que Juscelino seja o candidato do P.S.D. embora não tenha obtido resultados satisfatórios, seus escribas, infiltrados nas secções políticas da maioria dos jornais do Rio, vêm obtendo magníficas performances. Conseguem dar a impressão ao grande público do progresso e das vitórias parciais que a U.D.N. vem assinalando na degola de Juscelino.

● VENCERAM
Juracy Magalhães, Cleofas e José Cândido Ferraz conseguiram vencer certa oposição dentro da U.D.N. Já não querem mais expulsá-los. Todavia a U.D.N. não contará com esta ala para o apoio a dupla Nereu-Kelly. Deverão, ao que tudo indica, manobrar com Juscelino na grande batalha da sucessão.

● REENCONTRO
A eleição de Josué Montello para a Academia Brasileira de Letras marca o reencontro desta instituição com suas finalidades. Josué é um autêntico cultor das letras. Não houve intelectual verdadeiro ou falso que não aplaudisse a vitória do maranhense obstinado.

● O PREJUÍZO
A recente baixa do café trouxe um prejuízo de 400 milhões de cruzeiros à praça de Santos. Dentre os magnatas que ficaram com insônia, pelo insucesso, podemos apontar: Wallace Simonsen, Silvério Ceglia, Soares Sampaio e outros.

● REJUVENESCIDO
O «Correio da Manhã» está rejuvenescido. Dentre as melhorias introduzidas por Calado, além da paginação mais leve e agradável, várias sessões merecem destaque. «Flagrante», assinada por Jorge Ferreira, José Álvaro e José Condé, é bem um tipo de jornalismo moderno que estava faltando para quebrar a austeridade um tanto «deplacée» do vetusto matutino carioca.

● «GAFFE»
Por mais incrível que pareça o Comité Organizador da 1ª Feira de Decoradores e Antiquários ignora que o Ministro da Educação é Cândido Motta e não Aramis Atayde, que é o titular da Pasta da Saúde.

● ELEIÇÃO? NÃO!
Alencastro e Pasqualini estão em evidência para o comando do P.T.B., um tanto acéfalo, após a morte de Vargas. Jango Goulart continua no sul (Buenos Aires), convencido de que há um golpe em evolução que eclodirá pelo Natal. Não acredita que o govêrno se conforme em largar o poder permitindo a realização das eleições. Parece que a idéia de golpe é fixa no Jango...

● ESPIONAGEM
Agora sabe-se que nos últimos meses do govêrno de Vargas tôdas as ordens recebidas pelo Banco do Brasil chegavam meia hora depois ao conhecimento de altas patentes. A espionagem, pela primeira vez no Brasil, funcionou com absoluta precisão.

● CAUSA
Os que sobrepõem os fatôres econômicos dos políticos atribuem a «resolução 70» a queda de Vargas. Tudo que se fêz antes não teve importância — dizem êles — porém a decretação da referida medida foi a determinante da falência total do regime que expirou a 24 de agôsto.

● GALLIEZ
O sr. Vicente de Paula Galliez vem de ser eleito para a presidência da entidade máxima de Seguros, entre nós. Galliez granjeou uma situação tal que, merecidamente, será difícil desbancá-lo nesse setor.



Jean Pierre Aumont

RELEMBRA

JEAN Pierre Aumont, três anos após o desaparecimento de sua espôsa, a atriz Maria Montez, continua recebendo cartas de todo o mundo, de mulheres e homens que lhe indagam, muitas vêzes cruelmente, como consegue sobreviver à sua bela espôsa. Essa pergunta. de tão repetida, vai se tornando um lugar comum — e pela primeira vez o fotógrafo de uma revista européia, invadindo o lar do grande ator, conseguiu focalizar aspectos inéditos de sua vida, e, quem sabe, uma resposta à questão que tanto preocupa os fãs do malogrado casal.

A resposta encontra-se em Maria Cristina Aumont, a filha de Maria Montez e Jean Pierre, que hoje conta pouco mais de oito anos. E' uma bela menina morena, que em tudo e por tudo lembra a mãe. Morta Maria Montez, Jean Pierre Aumont encontrou nessa pequena tôda a razão de sua vida. Retirando-a do colégio, não permitiu mais que ela o abandonasse. Achava-se assim menos só, e podia afrontar os dias do futuro. Em poucas linhas rememoraremos o que foi êsse trágico amor, terminado estùpidamente por um fato trágico, que ainda hoje comove e abala todos os corações sensíveis do mundo.

Na primeira fotografia, recordando os tempos felizes, vemos Maria Montez com a pequena Maria Cristina, naquela época com menos de cinco anos. Na outra foto, Jean Pierre Aumont, atualmente, tendo a filha ao lado. Na terceira, vemos como Jean Pierre se diverte com a filha. E finalmente a





COM A FILHA MARIA MONTEZ

Três anos depois da morte da bela atriz — O começo de uma paixão — O trágico acontecimento — Hoje

O COMÊÇO DE UMA PAIXÃO

Jean Pierre Aumont enamorou-se de Maria Montez à primeira vista, quando Maria ainda era conhecida como «bomba dominicana». Amigos comuns apresentaram-nos um ao outro, num «night club» de Hollywood. Já nesse tempo Maria era uma «estrêla» do tecnicolor, figurando sucessivamente em várias fitas de sucesso. Sua beleza era famosa no mundo inteiro. Seu verdadeiro nome era Maria Gracia de Santos Silas, e vivia na capital do cinema em companhia de suas irmãs Lucita e Teresita. O pai havia sido embaixador de Espanha na República de São Domingos, e foi lá que nasceu aquela que mais tarde se tornaria célebre com o nome de Maria Montez. Jean Pierre Aumont, a quem Hollywood oferecera um ótimo contrato, deparou Maria logo à sua chegada. Assim nasceu o romance que, mais tarde, iria abalar o mundo inteiro.

HOJE

Maria Montez morreu de colapso cardíaco numa banheira, fatigada por exercícios para emagrecer. Desde então, dominado pela tristeza, Jean Pierre pràticamente retirou-se da vida pública, aparecendo apenas, esporàdicamente, numa ou noutra película francesa.

Indaga-se como terá êle conseguido viver — e o repórter para quem não existe segredos, penetrou no lar do grande ator, a fim de colhêr aspectos inéditos, não só de sua filha, como do próprio ator. O acaso fê-lo encontrar também fotografias antigas de Maria Montez que ainda não tinham sido publicadas. São elas que oferecemos hoje aos nossos leitores, numa homenagem póstuma que relembra aquela que, um dia, foi a grande, a inesquecível favorita do público.

última fotografia de Maria Montez, tirada pouco antes da sua morte. A tragédia abalou o mundo inteiro, e aqui poderemos recordar o que foi a beleza estonteante dessa mulher, uma das mais originais que últimamente apareceram no cenário cinematográfico de todo o globo terrestre.







Último Flash



A MORTE DO ANJO DE COBERVILLE

● Como se vê na fotografia maior, o anjo de Coberville tinha um cocar de plumas e um ligeiro «cache-sex» de penas esvoaçantes. O rosto disfarçava-se sob a «maquillage» do «clown». Isto, naquela festa famosa que provocou tantos comentários no mundo inteiro. Jacques Fath, então no apogeu de sua carreira de modista, dirigia o famoso espetáculo que foi armado na França a fim de proteger um desfile de modas. Celebridades de todo o mundo compareceram a êsse festejo memorável. Depois, o celebérrimo figurinista apareceu no Rio de Janeiro, entusiasmado com o que vira em Coberville. Ei-lo, na foto menor, em companhia de sua espôsa Genevieve. Não trazia mais o cocar de penas, nem a pintura de palhaço. Isto foi em 1952, e Fath podia sorrir no Aeroporto, ainda com a mala na mão.

Agora, Jacques Fath não sorri mais, nem aqui e nem lá — a morte acaba de surpreendê-lo, para êsse último espetáculo, de gala também. Roído por incurável moléstia, desaparece o homem que por tantos anos agitou a crônica social e elegante da França e do mundo inteiro. Depois dêste acontecimento, sobraram as fotografias — e não deixa de ter a sua pitada de ironia amarga, imaginar êsse cavalheiro nu, sob as luzes de Coberville, entregue afinal ao sono comum, a que todos comparecem, sem refletores e sem lantejoulas. Como diria o velho Butler, é êste o destino de tôda carne.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 48 ★ RIO DE JANEIRO ★ 27-11-54

Assistente de Publicidade..........J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

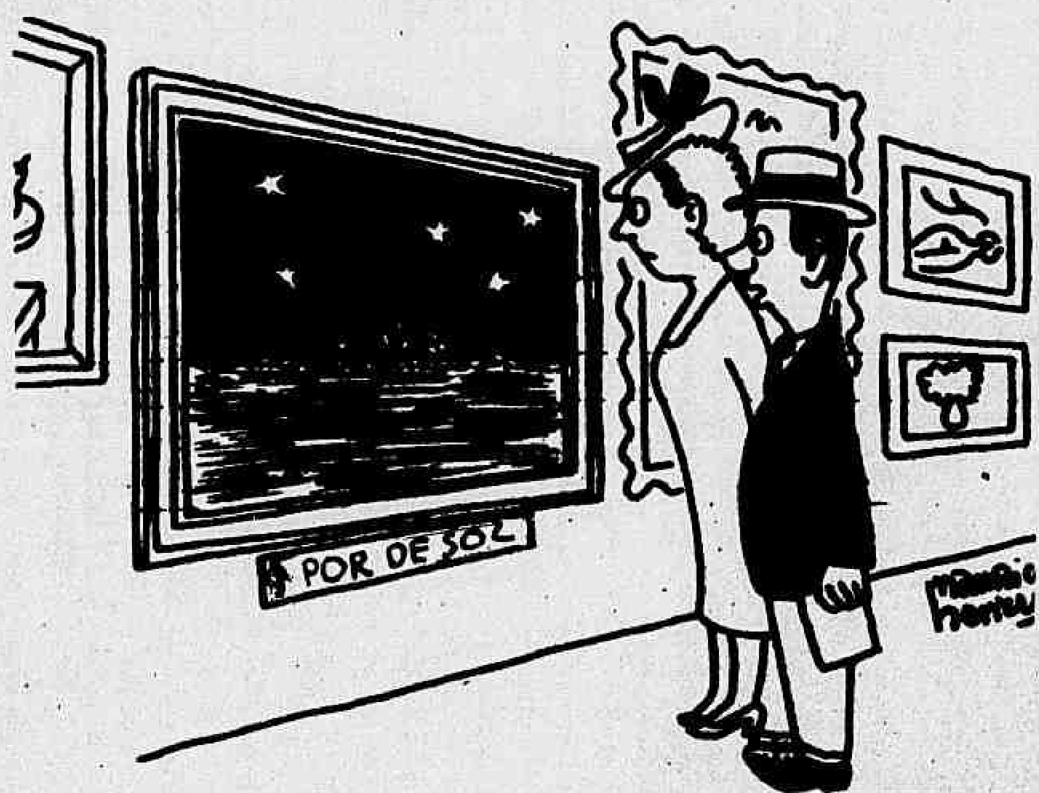
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

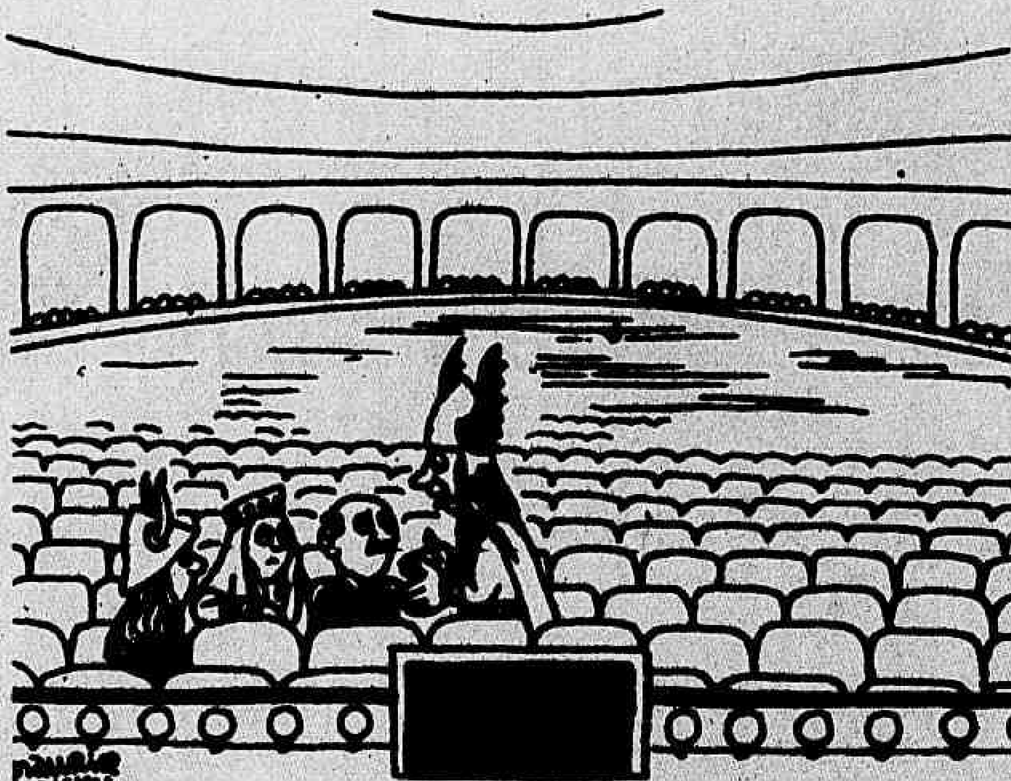
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



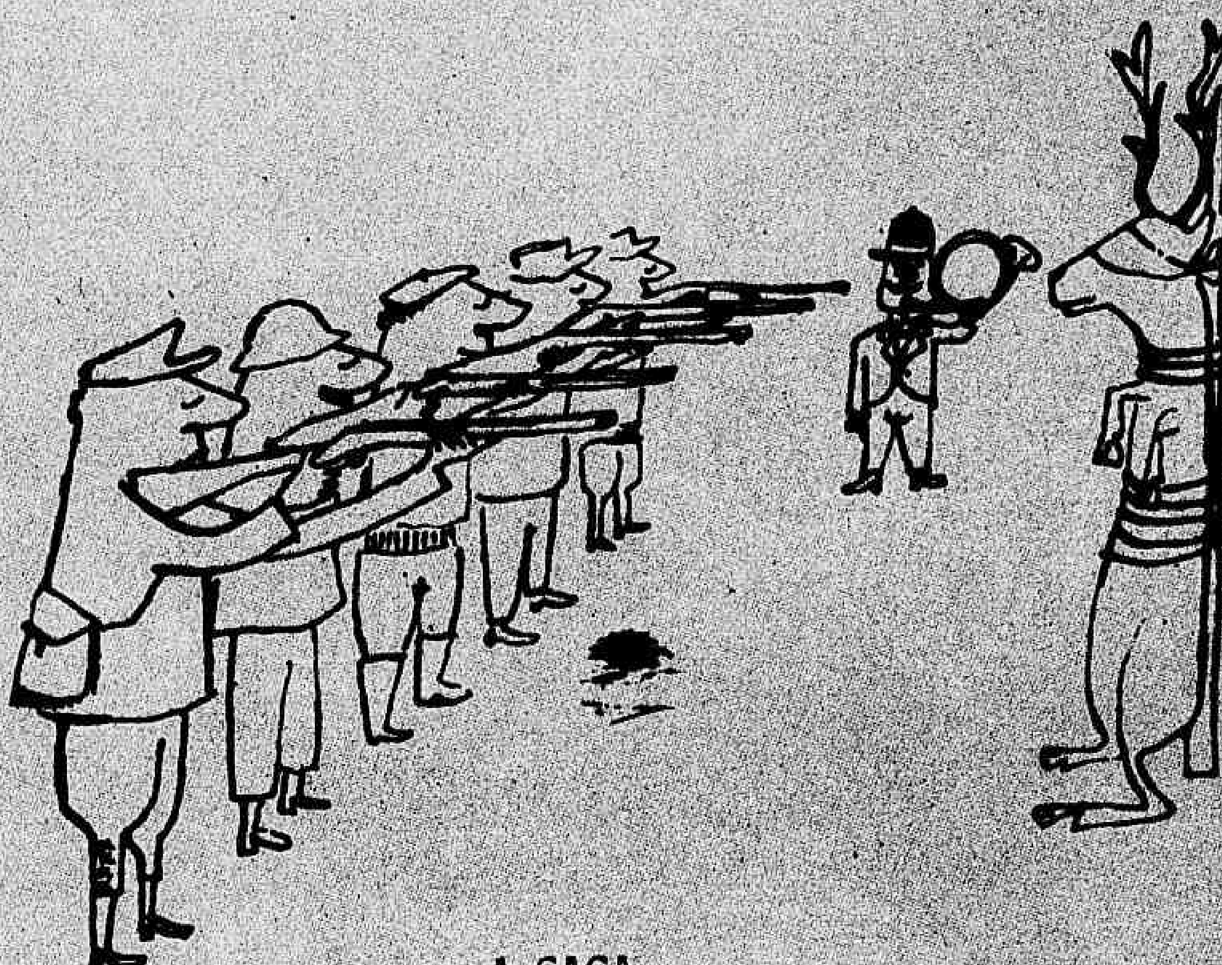
— Chegamos tarde...



— Já que você está sòzinho, vamos lhe contar a peça.

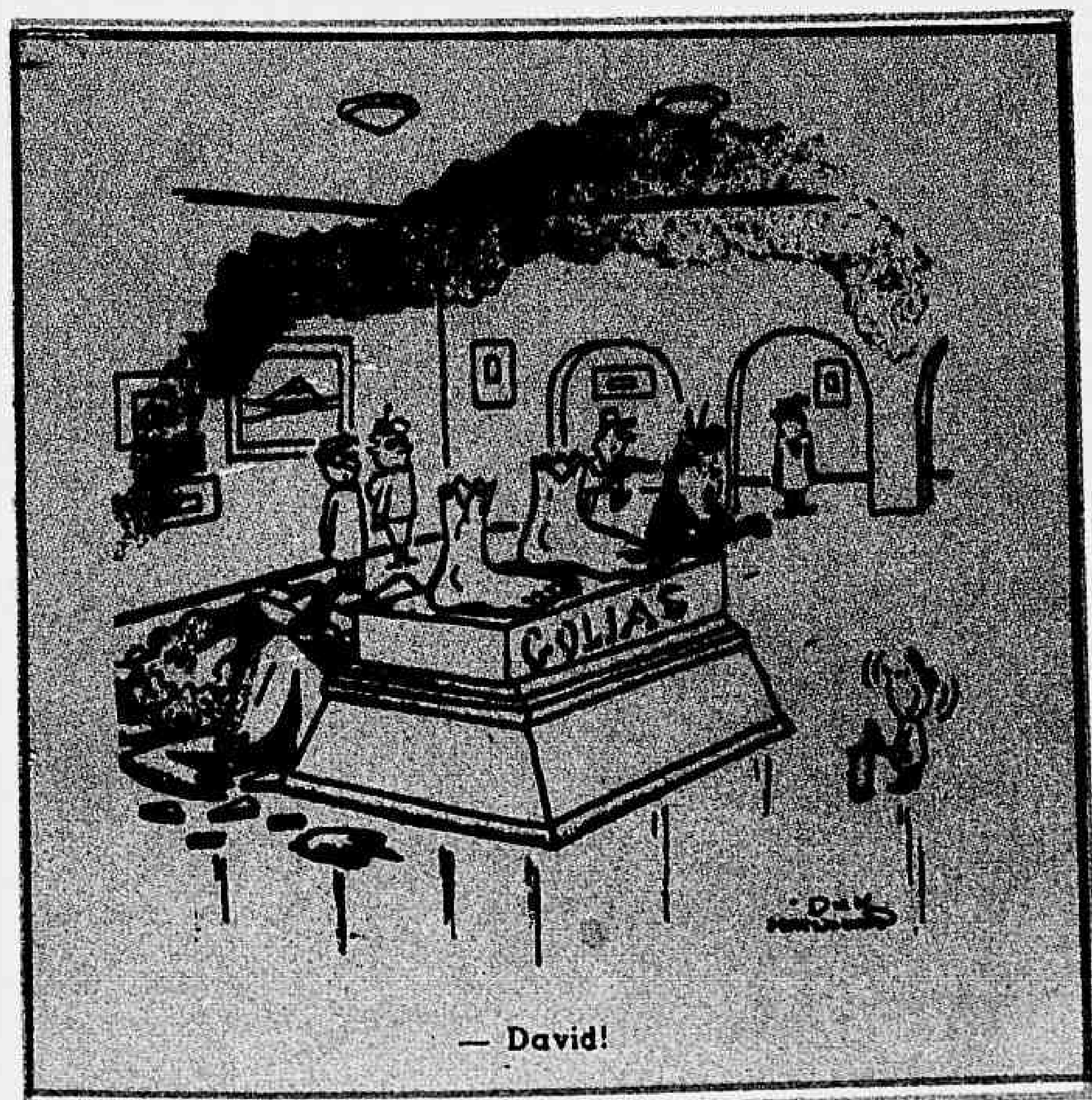


— Jesus! Querida Florença, sabe o que eu acabo de ler sôbre os sintomas de mudança de sexo?



A CAÇA

O RISO DOS OUTROS



— David!



— Maria, eu já proibi você de olhar ovos aqui!

Cristais
que refletem distinção

PORCELANAS - FAQUEIROS
OBJETOS PARA ADORNOS
ARTIGOS FINOS PARA
PRESENTES

Princesa dos Cristais

francêses
e
tchecos

Rua da Assembléia, 90
Telefone: 22-7913